

*Tecendo Memórias
e Culturas: análise
e produção de narrativas
escritas, orais, literárias e fotográficas*

SÉRIE MEMÓRIA
E LINGUAGENS
CULTURAIS

4



UNIVERSIDADE
LaSalle

2009 2024

PPG UNILASALLE
Memória Social
e Bens Culturais

15
ANOS

*Lúcia Regina Lucas da Rosa
Paola Verdun
Paulo Fernando Pires da Silveira
Rodrigo Vieira Pinnow
Organizadores*

Série Memória e Linguagens Culturais

N. 4

Tecendo Memórias e Culturas Culturais: análise e produção de narrativas escritas, orais, literárias e fotográficas

Lúcia Regina Lucas da Rosa

Paola Verdun

Paulo Fernando Pires da Silveira

Rodrigo Vieira Pinnow

(Organizadores)

Arte e foto da capa:

Paulo Fernando Pires da Silveira

Revisão final:

Érika Serafina Barbosa e Paola Verdun

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E82e Tecendo Memórias e Culturas : análise e produção de narrativas escritas, orais, literárias e fotográficas / organizadores: Lucia Regina Lucas da Rosa, Paola Verdun, Paulo Fernando Pires da Silveira, Rodrigo Vieira Pinnow – Canoas, RS : Ed. Unilasalle, 2024.

208 p. ; il. – (Série Memória e Linguagens Culturais ; n. 4)

ISBN 978-65-5441-116-5

Bibliotecário responsável: Melissa Rodrigues Martins – CRB 10/1380

SÉRIE
MEMÓRIA E
LINGUAGENS
CULTURAIS

4

Tecendo Memórias e Culturas: análise e produção de narrativas escritas, orais, literárias e fotográficas

Lúcia Regina Lucas da Rosa

Paola Verdun

Paulo Fernando Pires da Silveira

Rodrigo Vieira Pinnow

(organizadores)



Canoas, 2024

SUMÁRIO

Prefácio	7
Apresentação	9
1. ENSAIOS VISUAIS	12
A Ilha do [João] Araújo enquanto paisagem cultural	12
<i>Paulo Fernando Pires da Silveira, Patrícia Kayser Vargas Mangan</i>	
Entre Dimensões e Memórias: Um Ensaio Visual de Sr. Clandestino	39
<i>Denisson Beretta Gargione, Lauren Hartz Rosa</i>	
Os bastidores do ensaio-documentário "A Cidade Afogada": registros do fechamento do projeto "Futuros Possíveis: Canoas"	47
<i>Denisson Beretta Gargione, Paulo Felipe Teixeira Almeida, Moisés Waismann</i>	
2. ESTUDOS SOBRE MEMÓRIA E ARTE	56
O feriado nacional de Zumbi e da consciência negra: articulações históricas e contemporâneas.....	56
<i>Paola Verdun, Lúcia Regina Lucas da Rosa</i>	
Quebrando a moldura: por uma museobiografia do corpo em movimento.....	69
<i>Angela Luciane Peyerl, Luana de Carvalho da Silva Gusso</i>	
3. ESTUDOS SOBRE MEMÓRIA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL	85
Contribuições para os processos de formação continuada de tutores EAD: Reflexões para o contexto da Unilasalle à luz dos valores lassalistas	85
<i>Ione Maria Franco Teixeira</i>	
Memórias e expectativas na formação profissional: um estudo sobre gestão esportiva na Região Metropolitana de Porto Alegre	96
<i>Marco Antonio Merenhque Silva, Robson da Silva Constante, Patrícia Kayser Vargas Mangan</i>	
Formação Continuada ao longo da trajetória profissional: O Professor Aprendiz	112
<i>Greyce Rodrigues, Lucia Giraffa</i>	
4. ESTUDOS SOBRE RISCOS AO PATRIMÔNIO CULTURA	127
Os efeitos das mudanças climáticas no planeta sobre a memória e o esquecimento: as enchentes na Região Metropolitana De Porto Alegre	127
<i>Edilson do Valle Kayser, Maurício Pereira Almerão</i>	
Mercado Público de Porto Alegre: tradição, memórias, incidentes e modernidade	143
<i>Josiane Lima de Andrade, Patrícia Kayser Vargas Mangan, Rute Henrique da Silva Ferreira</i>	
5. ESTUDOS SOBRE CULTURA NA ERA DIGITAL	156

Inteligência artificial, racismo algorítmico e novas dinâmicas sócio-urbanas.....	156
<i>Dayana Karla Melo da Silva, Carlos Eduardo Souza Aguiar</i>	
Videogames como monumentos modernos e a necessidade de sua preservação	169
<i>Paulo Pires de Avila, Ingridi Vargas Bortolaso</i>	
Acervos digitais frente ao enquadramento de memória: o caso das redes de colaboração norte-americanas no Brasil do século XX.....	181
<i>Rodrigo Vieira Pinnow, Patrícia Kayser Vargas Mangan</i>	
Sobre Organizadores e Autores	200

Prefácio

A série *Memória e Linguagens Culturais* chega ao seu quarto volume. Coordenada por docentes do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais, essa série da Editora Unilasalle foi concebida para abrigar resultados de investigações interdisciplinares de pesquisadores, internos e externos, que estejam no contexto de temáticas relacionadas a linha de pesquisa de Memória e Linguagens Culturais.

Desde o princípio, essa série visa dinamizar à linha de pesquisa e proporcionar espaço de publicação para docentes e discentes, oportunizando a participação de pesquisadores vinculados ao PPGMSBC e de parceiros externos, trazendo aportes novos, bem como divulgando novos conhecimentos. Os primeiros três volumes publicados tiveram as seguintes temáticas: (n.1) *Memória cultural, herança e transmissão* (publicação: 2017; organização: Zilá Bernd); (n.2) *Linguagens Litúrgicas e Artísticas na América Latina: Memória e Identidades* (publicação: 2019; organização: Renato Ferreira Machado & Júlio César Adam); (n.3) *Educação para as artes, para as culturas e para o patrimônio* (publicação: 2020; organização: Lucas Graeff & Robson da Silva Constante).

Este quarto volume demorou um pouco mais do que o esperado para sair, principalmente pelo período pandêmico causado pela COVID-19 a partir de março de 2020. Este atraso, no entanto, permitiu que esta publicação sincronizasse com um importante marco: os quinze anos do início do PPGMSBC. Se, em 2009 iniciamos com um mestrado profissional, ao qual se juntou um doutorado acadêmico em 2014, neste ano de 2024 iniciamos a transição para um programa com ambos os cursos na modalidade acadêmica. Temos muito a comemorar neste período, principalmente com relação às pesquisas realizadas por docentes, discentes e egressos, em parcerias e de forma interdisciplinar, produzindo pesquisa aplicada e relevante para a sociedade.

Tenho o prazer de apresentar este livro, que também marca meus quinze anos como docente da linha de Memória e Linguagens Culturais do PPGMSBC. A partir do título "*Tecendo Memórias e Culturas: análise e produção de narrativas escritas, orais, literárias e fotográficas*", já é possível identificar a diversidade de contribuições, trabalhando sob diferentes linguagens culturais no contexto de estudos em memória social.

Além da diversidade e qualidade das contribuições, é importante destacar que este volume foi organizado por um egresso (Paulo Fernando Pires da Silveira) e dois

doutorandos (Paola Verdun & Rodrigo Vieira Pinnow), exemplificando o quanto nos preocupamos em ampliar espaços de aprendizagem, produção e divulgação, garantindo o protagonismo de jovens pesquisadores. Registro aqui, em nome de todo o colegiado, os agradecimentos aos organizadores por aceitarem e darem conta deste desafio.

Espero que a leitura desta obra desperte muitas reflexões... e novas memórias.

Profa. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan

Canoas, dezembro de 2024.

Apresentação

A Série Memória e Linguagens Culturais chega ao seu quarto volume reafirmando seu compromisso com a interdisciplinaridade e a valorização das múltiplas formas de narrar e registrar a experiência humana. Sob a organização de Paola Verdun, Paulo Fernando Pires da Silveira e Rodrigo Vieira Pinnow, este livro propõe articular memória e linguagem por meio de diferentes representações, explorando as interseções entre o escrito, o oral, o literário e o fotográfico.

O título *Tecendo Memórias e Culturas* nos remete à ideia de um processamento de “fibras” constante, no qual diferentes, tais filamentos se ancoram em vozes, olhares e perspectivas entrelaçados, compondo um mosaico de experiências, sensações e reflexões. Entre os ensaios/capítulos reunidos nesta obra, encontra-se uma exploração subjetiva de territórios, temporalidades e linguagens, escavando o polissêmico conceito de memória em suas materializações culturais e ressignificações contemporâneas. O leitor irá ao encontro de abordagens interdisciplinares que transitam entre o patrimônio e as dinâmicas de esquecimento, entre a tradição e a reinvenção, entre o pessoal e o coletivo, e conseqüentemente, numa miríade de sensações e percepções.

Mais do que uma coletânea de análises, este volume nos convida a refletir sobre as metamorfoses da natureza da memória e da narrativa nos usos do passado, destacando a importância de preservar, revisitar e questionar os modos como nós contamos a nós mesmos e ao mundo os paradigmas sobre o tempo. Com a reunião de pesquisadores de trajetórias e inserções acadêmicas distintas, reafirmamos a vocação transdisciplinar desta série, com foco na diversidade e no diálogo, promovendo novos olhares e interpretações.

A organização deste livro representa, também, a valorização do papel essencial dos pesquisadores na renovação, inovação e ampliação dos debates sobre memória e cultura. Exemplo disso é a participação ativa de doutorandos e egressos no processo de produção e curadoria dos textos, buscando uma ciência aberta, dialógica e em constante evolução/transformação.

Assim, os textos apresentados exploram diversas temáticas culturais e sociais, abordando questões relevantes e contemporâneas através de diferentes perspectivas. Em "A Ilha do João Araújo enquanto paisagem cultural", os autores convidam o leitor a mergulhar na experiência sensível de contemplar uma paisagem caíçara, registrando as memórias, belezas e riquezas culturais das paisagens visuais

narradas fotograficamente. Em "Entre dimensões e memórias: um ensaio visual de Sr. Clandestino", a estética steampunk de um espetáculo teatral traz inovações para a cena de rua, estabelecendo diálogos inusitados com o conceito de "adesão situacional" e configurando o espetáculo como um lugar de efervescência cultural. E a proposta ensaística visual "Os bastidores do ensaio-documentário "A Cidade Afogada": registros do fechamento do projeto "Futuros Possíveis: Canoas"", por meio de imagens e a exposição de algumas ideias que gestaram o ensaio-documentário, é um convite para imaginarmos futuros pela valorização da memória coletiva como base para a construção de cidades mais resilientes e inclusivas.

No texto "O Feriado Nacional de Zumbi e da Consciência Negra: articulações históricas e contemporâneas", as autoras articulam como essas celebrações contribuem para a construção de uma identidade afro-brasileira e a promoção da igualdade racial. Elas discutem as influências históricas de Zumbi dos Palmares e o papel das políticas de memória na manutenção das tradições e na conscientização social. Já em "Quebrando a Moldura: Por uma Museobiografia do Corpo em Movimento", as autoras utilizam a autobiografia para propor um processo de musealização de corpos em movimento, sublinhando as limitações impostas pela pandemia de 2020 e a concepção do museu como local de pensamento e preservação da vida.

O texto "Contribuições para os processos de formação continuada de tutores EAD: reflexões para o contexto da Unilasalle à luz dos valores lassalistas" discute o perfil da tutoria EAD no contexto da educação lassalista, convergindo para novas formas de aprendizado e interação. Em "Memórias e expectativas na formação profissional: um estudo sobre gestão esportiva na Região Metropolitana de Porto Alegre", os autores verificam o interesse em uma capacitação formal em Gestão Esportiva pelos profissionais em Educação Física e como isso pode elucidar aspectos identitários e de competências do gestor esportivo. "Formação Continuada ao longo da trajetória profissional: o professor aprendente" possibilita refletir sobre as competências docentes necessárias para a utilização das tecnologias digitais, reconhecendo a necessidade de abertura para novas formas de aprendizado e avaliação das práticas educacionais no período pós-pandemia.

Em "Os efeitos das mudanças climáticas no planeta sobre a memória e o esquecimento: as enchentes na região metropolitana de Porto Alegre" os autores abordam a relação entre memória e esquecimento ao analisar como as lembranças de catástrofes ambientais são muitas vezes impregnadas por sentimentos de medo,

frustração, sensação de perda, injustiça social e vulnerabilidade, incluindo uma perspectiva crítica sobre os desdobramentos socioculturais e políticos dos referidos eventos climáticos. "Mercado Público de Porto Alegre: tradição, memórias, incidentes e modernidade" explora a memória como prática social numa perspectiva histórica, social e política.

Na última parte do livro, os textos abordam questões sobre memória, tecnologia, racismo algorítmico e preservação cultural. "Inteligência artificial, racismo algorítmico e novas dinâmicas sócio-urbanas" investiga como o racismo algorítmico transforma desigualdades históricas em critérios automatizados de segregação. "Videogames como monumentos modernos e a necessidade de sua preservação" discute como os videogames funcionam como monumentos modernos, gerando memórias e culturas. E, finalmente, "Acervos digitais frente ao enquadramento de memória" problematiza o papel dos acervos institucionais e digitais na compreensão das dinâmicas de interação entre atores norte-americanos e brasileiros.

Desta feita, no percurso das próximas páginas, acreditamos que o leitor será instigado a criar novas perguntas e inquietações, escavando suas próprias memórias e narrativas, e esperamos que encontre, nas reflexões aqui compartilhadas, ecos que o ajudem a percorrer sua jornada individual. Desejamos que esta obra contribua para o fortalecimento de um campo de estudos plural e necessário, e que inspire novas pesquisas, encontros e, sobretudo, novas histórias a serem contadas.

Lúcia Regina Lucas da Rosa
Paola Verdun
Paulo Fernando Pires da Silveira
Rodrigo Vieira Pinnow
Organizadores

A Ilha do [João] Araújo enquanto paisagem cultural

*Paulo Fernando Pires da Silveira
Patrícia Kayser Vargas Mangan*

Introdução

Este trabalho objetiva narrar uma vivência pela paisagem cultural da Ilha do João Araújo ou, como é conhecida mais popularmente: Ilha do Araújo. A segunda maior ilha de Paraty trata-se de um importante lugar da cultura Caiçara. Utiliza-se de entrevistas como meio de ascender memórias e histórias, de preceitos da Fotografia Documental inspirados em Collier Jr, e de uma narrativa fotográfica, pela perspectiva de Milton Guran e Emídio Luisi. Trabalha-se com Collot (2015), quanto ao ponto de vista sobre a estética da paisagem e quando se representa, através do ato de olhar e contemplar, a comunidade de pescadores; com Costa (2003), ao apontar as práticas culturais, a comunicação, a integração social e a memória do lugar; e com Alencar (2007), na contextualização do espaço e da memória coletiva e social. Buscando registrar a memória desta paisagem caiçara e revitalizar as suas manifestações culturais, pretende-se contribuir na reflexão sobre a situação cultural e socioambiental das comunidades caiçaras, além de mostrar a beleza e a riqueza destas culturas.

A Ilha do [João] Araújo enquanto paisagem cultural

Vista da Ilha do João Araújo a partir da Praia Grande



Fonte: Fotografia Fernando Pires, 2022.

Este artigo é um convite para uma viagem e uma reflexão sobre a paisagem cultural da Ilha do João Araújo, a segunda maior ilha de Paraty, no estado do Rio de Janeiro. Mais conhecida popularmente como Ilha do Araújo, trata-se de um importante lugar da cultura Caiçara, assim como a vila de pescadores mais próxima, no continente, a Praia Grande, o ponto mais próximo para se realizar a travessia. Para maior efetividade na imersão proposta, nosso diálogo se dará em primeira pessoa, principalmente ao retratar o olhar sensível do autor principal, pautado principalmente em suas idas a campo em janeiro e junho de 2022 e como parte de sua pesquisa de doutorado.

Antes mesmo de discorrer sobre a Paisagem Cultural da Ilha do Araújo, eu inicio com a seguinte questão: “o que você levaria para uma ilha?” A frase soa como aquelas questões da adolescência que algum colega lançava em seu diário e depois, com o mesmo, percorria a sala de aula, de classe em classe, para que respondêssemos, no intervalo das aulas ou quando a professora estivesse de costas para nós, por estar escrevendo no quadro. Os mais íntimos tinham autorização para levar o diário para a sua casa e responder à questão com calma, na tranquilidade e privacidade de seu quarto.

Nas saídas a campo na Ilha do João Araújo¹, ou apenas Ilha do Araújo, como é popularmente conhecida pela própria comunidade, eu levei na bagagem: a obra de John Collier Jr. *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa*, uma câmera fotográfica, um tablet com as fotos da família e um celular, mesmo não havendo sinal em toda a extensão da ilha. Levei um minigravador que não cheguei a usar todas as vezes e o meu *moleskine* temático, com um casario paratiense estampado na capa. Então, após uma conversa por *WhatsApp* com moradores da ilha que conheci na primeira saída a campo e pelo *Facebook*, resolvi levar o mínimo necessário para vivenciar a paisagem cultural da Ilha e conhecer um pouco mais dos seus moradores, dos arredores, das histórias e a memória local, e o conjunto de símbolos presentes no lugar que representam o seu patrimônio (COSTA, 2003). Os resultados colhidos vieram desses imprevistos ou do acaso, embora eu não acredite no acaso. Assim, procurando uma coisa, acabo achando outra, o que considero produtivo para a pesquisa. Deixando-me aberto para uma experiência sensível, posso

¹ A Ilha do Araújo, pelo menos desde 1757, já era conhecida pelo nome de Ilha do João de Araújo. Este nome não é recente, tem mais de 200 anos” (Diuner Mello, historiador, pelo *Facebook*, em 4 de fevereiro de 2022).

contemplar algo inusitado podendo trazer maior encantamento e riqueza de detalhes para a narrativa. Afinal de contas, trata-se do meu ponto de vista, resultado da minha experiência afetiva de contemplar. Embora os costumes associem a paisagem à categoria da representação, apresentada plenamente apenas ao olhar, procurei reproduzi-la aqui fazendo uso de todos os meus sentidos (COLLOT, 2015). Pois acredito em uma concepção mais oriental, onde com o nosso ato de olhar podemos considerar que enxergamos/contemplamos com todo o nosso corpo (GRAEBIN, FERREIRA, 2022)².

Importante destacar agora que, desde 2009, em consonância com a Unesco, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) regulamentou a paisagem cultural, uma nova tipologia de reconhecimento dos bens culturais, como instrumento de preservação do patrimônio cultural brasileiro, adotada pela organização internacional desde 1992.

Como definição, a chancela de Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores. Dessa relação surge outra característica fundamental da paisagem cultural: a ocorrência, em determinada fração territorial, do convívio entre a natureza, os espaços construídos e ocupados, os modos de produção e as atividades culturais e sociais, numa relação complementar capaz de estabelecer uma identidade que não possa ser conferida por qualquer um desses elementos isoladamente. (BRASIL, 2022)

Faz-se necessário então iniciar a caracterizar esta "porção peculiar do território nacional". A Ilha do Araújo está localizada no litoral sul do Rio de Janeiro, a seis milhas do centro histórico da cidade de Paraty. Para se contemplar a sua paisagem existem três maneiras de se chegar: pelo cais no Centro Histórico, onde os valores da travessia, além de serem os mais caros, poderão variar conforme a estação do ano e a demanda. As duas mais econômicas. Uma pelo cais da Praia Grande, onde pega-se o barco ou lancha de preferência e programa-se diretamente com o barqueiro o horário que se quer retornar. A outra, seguindo até o final de uma estreita trilha existente ao lado esquerdo da Igreja de São Cristóvão e Nossa Senhora dos Navegantes, onde encontra-se um pequeno ancoradouro de onde sai o barco que leva e traz os moradores da Ilha, que atravessam diariamente por trabalharem ou estudarem no continente. Esta terceira opção sai por um custo menor que uma

² GRAEBIN, Cleusa e FERREIRA, Rute Henrique da Silva. - Seminários Memória e Paisagem - PRÓ – REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS. Comunicação oral, 2022.1.

passagem de ônibus urbano de Paraty e, embora haja poucos horários, é uma ótima oportunidade para iniciar uma conexão com membros da comunidade e observar a sua vida diária. É partindo desse pequeno ancoradouro que começamos a explorar essa paisagem cultural.

A Ilha do Araújo, com uma área aproximada de um quilômetro quadrado, é a segunda maior ilha de Paraty; trata-se de uma importante paisagem da cultura Caiçara, é muito próxima do continente e outro ponto de embarque é o píer da Praia Grande, uma vila de pescadores, de onde saem alguns barcos pesqueiros e de turismo, situada a cerca de 10 Km do trevo de Paraty, na direção do Rio de Janeiro. Desde muito cedo da manhã há um grande movimento de pessoas que estão saindo do continente e indo trabalhar nas ilhas próximas e de pescadores voltando do alto mar ou da pesca de costeira. Para quem está em busca de sossego, a Ilha do Araújo é um autêntico paraíso distante do circuito turístico da Baía de Paraty. Seja para descansar ou estudar, é o lugar ideal. É uma área característica da Mata Atlântica, com “embaúbas, guapuruvus e aroeiras, entre palmeiras, coqueiros e amendoeiras” (Paraty Náutica)³, onde algumas possuem frutos atrativos para a variada fauna existente pelo local. Inclusive algumas espécies de macacos, como o sagui, que foi possível perceber pela trilha, silenciosamente nos perseguindo sobre as árvores. O cantar intenso e variado dos pássaros e o aroma da mata cheirosa e úmida sob os meus pés me fazem recordar o meu Caboclo⁴. Só fica faltando o som constante das águas se chocando às pedras. Eram múltiplas sensações a reavivar a minha memória afetiva (COLLOT, 2015). Embora exuberante, grande parte da vegetação na Ilha, assim como em outros pontos de Paraty, não mais se constitui de uma mata originária, pois ali, em séculos passados, “já foi tudo cafezal, canavial e bananal” (REMÉDIOS, 2022)⁵.

Segundo o griô da comunidade, Almir Tã, a ilha é habitada desde 1700, iniciando onde hoje é conhecido por Praia da Tapera, na qual moraram as primeiras pessoas, conhecidos como mascates, as quais eram mercadores de homens negros escravizados. O nome da ilha deve-se ao navegador e mascate português João Araújo, que por volta de 1800, após sair do Rio de Janeiro, devido a uma forte

³ Fonte: <http://www.paratynautica.com/nautica/barcos-yachts/paraty-ilha-do-araujo/> - Acesso em: 28 jul. 2022.

⁴ O lugar onde eu e minha família nascemos, segundo os entrevistados para a tese, em décadas passadas, antes da gentrificação, tratava-se de uma paisagem mista, meio aldeia, meio quilombo.

⁵ Éder Costa Santos dos Remédios – Comunicação Oral – Ilha do Araújo, 2021 e 2022.

tempestade, precisou abrigar-se na ilha e nela ficou, até Paraty deixar de ser um entreposto comercial, na segunda metade do século XIX.

Em uma segunda travessia, enquanto aguardávamos no píer pelo Vanderlei, marido de nossa anfitriã Eliana, foi possível avistar um pescador em especial, em sua embarcação, o senhor Almir Tã⁶, que nos acenava oferecendo uma carona para a Ilha. Almir Tã é pescador, artesão, escultor autodidata, o Griô da comunidade, reconhecido como o guardião da cultura caiçara, um grande conhecedor dos fazeres e saberes da mata e do mar, que atribuem significados e organizam a paisagem cultural da ilha. Com a sua experiência, em alguns momentos, Tã faz de forma natural a articulação entre a comunidade e o turista/visitante (COSTA, 2003). As narrativas das histórias contadas pelo guardião da memória reforçam o vínculo entre as gerações passadas e as presentes (ALENCAR, 2007). Naquele momento também chegavam do mar outros barcos, de diferentes tamanhos, formatos e cores. Poucos minutos após a breve conversa com o Sr. Almir escutei um outro chamado. Era o pescador Vanderlei, que havia chegado em seu barco pesqueiro meio alaranjado e, dentro dele, o Pedro, o seu jovem assistente. Após os cumprimentos, nos pediu para aguardar um pouco, mas que já partiríamos, pois antes precisava entregar os peixes que havia pescado.

Na medida em que a embarcação começa a se afastar do píer e a ganhar o mar, já é possível ver com mais detalhes as habitações no entorno da ilha. Há algumas edificações típicas caiçaras e outras que já possuem o perfil das edificações urbanas, similares às metrópoles do Rio de Janeiro, São Paulo e de Minas Gerais. Uma vez na Ilha, em conversa com os moradores/caiçaras, fiquei sabendo que os proprietários destas residências se trata de pessoas que um certo dia conheceram a ilha e gostaram da sua atmosfera e da sua energia, só que alguns destes novos moradores, na tentativa de privatizarem o acesso ao mar em frente às suas casas, construíram altos muros, preferindo se isolar da convivência com a comunidade caiçara, de suas tradições e da sua cultura.

Ainda do mar, à medida em que a embarcação se aproxima do píer da ilha, já é possível ver um conjunto de elementos que somados compõem a paisagem vernacular (COSTA, 2003) da Praia do Pontal, lado oeste da ilha: em destaque a torre da Igreja de São Pedro e de São Paulo, algumas casas de pescadores, canoas caiçaras e redes de pesca estendidas pelo gramado. Antes mesmo de avistar a

⁶ Título de Notório Saber pelo MEC. Tem parceria com universidades e realiza turismo comunitário, para interessados em conhecer a vida de uma comunidade caiçara.

fachada completa da Igreja, observa-se primeiro a “Casa do Pedro”, onde ficaríamos hospedados, uma casa [contemporânea] típica caiçara, de alvenaria com janelas e portas brancas e paredes externas azuis. Sob a varanda há um banco longo, uma mesa retangular e quatro cadeiras brancas em madeira e uma rede de onde, após alojados, era possível contemplar dia e noite o movimento e o som do mar, o cantar dos pássaros e o passar da comunidade em frente à varanda. Na parede, belíssimas peças de artesanato e três araras em madeira.

Era como se todos os moradores daquele recanto fossem uma única família, não havendo necessidade de grandes cercas nem de muros entre eles, e assim, também, entre eles e nós. A familiaridade é tanta que ao dar uma volta completa pela trilha principal da ilha, literalmente, passei por dentro de algumas residências caiçaras, aquelas as quais estão abertas para recepcionar ou receber os visitantes que desejam conhecer sua vida, seus costumes e seu trabalho. Desse modo, nas nossas caminhadas, o tempo nublado, a chuva e mesmo as trilhas erradas percorridas, em momento algum tiraram o encanto que foi podermos escutar/sentir na ilha a natureza e os moradores com seus saberes e fazeres, dialogando o tempo todo com a gente através de simples gestos, cumprimentos, acenos ou um “bom dia, tudo bem?”. Acredita-se que na ilha “existam em torno de 120 famílias de moradores, mas que na alta temporada pode chegar a 700 ou até 1000” e, infelizmente, em contraste com toda essa harmonia e singularidade, o lixo produzido e abandonado também é proporcional a esses números (REMÉDIOS, 2022).

Hoje faz parte da paisagem da ilha um pequeno estaleiro, casas de farinha, pousadas, alguns restaurantes e uma padaria, a Padoca. O estaleiro fica na parte oeste da ilha. Sobre as casas de farinha, segundo Remédios (2022), cada família tinha a sua. Hoje, em funcionamento, temos a casa da Lindalva (uma senhora que vive da roça e de limpar camarão), a mais tradicional era a casa da Dona Ieda, que faleceu em 2020. Dona Ieda foi um marco vivo da comunidade, fazia relatos dos fazeres e saberes caiçaras. Para algum visitante, dependendo do seu propósito na ilha, estas paisagens citadas, embora carregadas de significados e de experiências sociais, podem parecer banais, desprovidas de qualquer valor patrimonial (COSTA, 2003). Mas, um simples recanto coberto, sem paredes e cercado de canoas caiçaras no lado oeste da ilha, pode ter grande significado por ser onde um grupo de mulheres se reúnem pelas manhãs para limpar camarão há 16 anos, onde os mais jovens são como a Raquele, adolescentes na faixa dos 16 anos e os mais velhos, como a sua avó, a Dona Lindalva, com 63 anos. Além de ser um espaço de atividade humana e

de integração social, produz conhecimento pela comunicação, caracterizando-se como um importante lugar de memória (COSTA, 2003). As práticas da comunidade de pescadores e as suas relações pessoais, quando organizadoras dos espaços, compõem uma paisagem vernacular, e da mesma forma a função da história da própria ilha, significando os seus valores e crenças (KORMIKIARI, 2015). Como fotógrafo, o desafio nestes momentos é controlar a ansiedade e ter a sensibilidade de não chegar ao lugar e já sair retratando antes mesmo de fazer um primeiro contato, apresentar-se e dialogar com o grupo que deseja pesquisar (GURAN, 2012 e 2020)⁷.

Para as crianças, está em funcionamento há no mínimo cinco décadas, a Escola Municipal Professora Rita de Cássia Gonçalves, que anualmente atende em média 50 crianças da educação infantil e até o 5º ano do ensino fundamental. Embora pequena, possui um refeitório onde oferece alimentação aos seus alunos. A paisagem, embora apresente a realidade do lugar naquele momento (COSTA, 2003), também me proporcionou estabelecer conexões entre a vida das pessoas que ali vivem e o meu passado. Como a paisagem se oferece a nós plenamente, a experiência da conexão além do olhar e contemplar pode estar ligada também aos aromas e aos sabores, que ao comunicarem-se com as nossas sensações, são capazes de despertar emoções e provocar recordações (COLLOT, 2015). Um exemplo foi quando no “Dona Rosa Restaurante e Lanchonete”, estabelecimento praticamente ao lado de onde me hospedei na segunda saída a campo, saboreei novamente um pirão de peixe, o qual me trouxe uma memória afetiva por me reportar ao meu primeiro retorno a Paraty em 1979, já adulto e após aproximadamente 15 anos de minha mudança para o Rio Grande do Sul.

Na terceira e quarta saída a campo, as irmãs Eliana e Roseli, atuais proprietárias do restaurante, já conheciam a minha preferência: um “prato feito” composto de fatias de tomate, arroz branco e pirão de peixe, de reviver e revirar a memória. Neste e em outro restaurante da ilha, o “Bar e Restaurante Tubarão Drinks”, o mais frequentado pelos turistas, experimentei outros pratos deliciosos da culinária típica caiçara, com a presença do peixe, da farinha de mandioca e da banana. A banana da terra encontra-se inclusive em diversas sobremesas, como no pudim caiçara ou combinada com sorvetes, no caso da banana flambada na tradicional cachaça Gabriela. Entre os pratos, uma das receitas típicas caiçara que se encontra nos restaurantes da ilha é o peixe assado na folha de bananeira. O caiçara raramente

⁷ GURAN, Milton. Comunicação Oral (2012 e 2020).

usa açúcar no café, a preferência está em adoçá-lo com caldo de cana. Além do peixe, a banana, o milho, o feijão e, principalmente, a mandioca/farinha de mandioca são as bases da alimentação de algumas famílias caiçaras, e da maioria as quais tive contato, em uma clara herança indígena. A gastronomia faz parte da história da comunidade, que aprendeu a viver ao longo do tempo com os recursos que a natureza lhe oferece (COSTA, 2003). Além de todas as opções oferecidas nos restaurantes locais, no continente, o que algumas pessoas comentam é sobre o delicioso pirão de palmito preparado pelo mestre Tã, que dizem ser de dar água na boca.

Além da gastronomia, encontrei também o artesanato local produzido pelos caiçaras, como no caso do próprio Almir Tã, que produz móveis de pássaros e peixes ou modelos para serem fixados na parede, todos com madeira obtida na própria ilha. Outros moradores também produzem artesanatos em madeira, outros trabalham com pintura e “costura e bordado”, que infelizmente, explica Remédios (2022), são vistos como “arte de segunda linha” e que concordamos ser preciso quebrar esse paradigma. A referida autora conta também que o mestre Almir Tã já ministrou uma oficina onde ensinou os aprendizes a confeccionarem lindos artefatos de decoração e bijuterias com escamas da tainha. As produções dos artesãos da ilha são levadas para serem vendidas no continente, na Cooperativa da Praia Grande (REMÉDIOS, 2022).

Os chás e os temperos utilizados na culinária caiçara podem ser colhidos no em torno das trilhas que contornam toda a ilha. Almir Tã está inclusive escrevendo um livro sobre estas ervas/chás que se encontram nas trilhas. São saberes que aprendeu com os antigos, tem erva que funciona como antibiótico forte, segundo REMÉDIOS (2022) “ela é tipo uma cebolinha, que se raspa e coloca no machucado, que é bem endêmico do lugar”, elixir paregórico⁸, cana do brejo, pesto (muito usado no molho para colocar no camarão), santa maria, babosa, chá de tamarindo e a vassourinha, que de suas raízes sai o gelol, com capacidade analgésica e anti-inflamatória (REMÉDIOS, 2022).

Até os anos 1960-1970, antes do Ciclo do Turismo tornar-se a principal fonte de renda para muitos paratienses, a pesca de subsistência pela manhã e a roça pela tarde eram os afazeres diários de muitas comunidades caiçaras em Paraty. Quanto à pesca, segundo o senhor Vanderlei de Souza Santos, pescador desde os seus 12

⁸ *Ocimum seloi* Benth, da família Lamiaceae, é um subarbusto perene, ereto, ramificado, de 40-80 cm de altura, nativo do Brasil. Fonte: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CNPAT-2010/11580/1/cot-139.pdf> - Acesso em 09 Mar. 2022.

anos, hoje com 46, o melhor período para pescar no verão, é à noite. Dependendo do clima, pescam-se corvina, prejereba, lula, além de peixe de costeira, “todos noturnos”. Para os peixes costuma-se usar linha de mão, vara, molinete ou espinhel, e no caso da lula é com zangareio. Na pescaria de costeira, aquela feita próxima da costa, é possível encontrar uma variedade de espécies, como o peixe galo, bicuda, budião, cioba, xaréu olhudo, xaréu branco, xaréu amarelo, parati, parati barbudo, robalo, anchova, pampo, olho de boi, peixe bravo, entre tantos outros (SANTOS, 2022)⁹.

Para Éder Costa Santos dos Remédios (2022), para ser considerado “um pescador, deve saber remendar a sua rede, se não sabe remendar a sua rede não pode se chamar pescador”. Ele relembra que, antigamente, uma pesca muito tradicional era a pesca de arpão. Nela o pescador “subia na pedra e arpoava, estilo indígena”. Conta que o arpão era feito de tucum (ou coquinho natal, como é chamado no local), uma madeira bem escura e forte (REMÉDIOS, 2022). Uma cultura que acredita e segue a força dos ciclos da lua, seja no momento da pesca, em suas diferentes safras (camarão, lula...) ou na hora de ter que cortar uma árvore guapuruvu, por exemplo, para produzir uma canoa, uma atividade que é feita com muito respeito e gratidão à natureza, quase um ato religioso.

A trilha principal começa ou termina na praia do Pontal, junto à Igreja de São Pedro, e essa caminhada passa por trilhas secundárias que levam às praias, grutas, casas de farinha e um mirante com belíssimo visual da baía de Paraty.

Nas duas últimas vezes em campo notei que toda rede elétrica no seu entorno está sendo renovada. Acredito que um dos principais obstáculos que a equipe da empresa contratada pela prefeitura está enfrentando, é a questão da logística de transporte. Existem muitos operários envolvidos nessa complexa obra de renovação, pois, como não existem estradas, os novos, grandes e pesados postes e os transformadores que estão sendo utilizados são levados pelos operários até o topo da ilha, sem nenhum veículo de transporte como apoio, como foi possível documentar. Certos pontos da mata são fechados e algumas trilhas possuem trechos íngremes e/ou estreitos, que tiveram que ser alargados e capinados, para poderem ser ultrapassados.

Nas madrugadas, algo em torno de 3h15, os galos da Ilha começam a cantar e a se comunicar entre si. Casualmente ou não, isso sinaliza o início da lida da pesca, que começa muito cedo, antes mesmo de o sol nascer. É o momento em que os

⁹ Eliana Jesus dos Remédios Santos – Comunicação Oral – Ilha do Araújo, 2022.

pescadores partem rumo ao mar aberto, “lá fora”, como alguns costumam dizer. Em busca dos cardumes e dependendo da lua ou da estação, é preciso ir mais longe, para se ter sucesso na pesca, pois, como a safra é intercalada, o objetivo e o resultado da pesca podem diferenciar de peixe para marisco, lula, siri, camarão etc. Seu Zezinho, o qual apresentarei em um parágrafo próximo, já tinha como pensamento: “dentro da pesca é preciso saber, a hora que sai e a hora que volta, e observando o tempo do tempo...” Além disso, o caiçara precisa aprender várias técnicas, como a pesca de camarão, por exemplo, que é feita com puçá¹⁰.

Quase no final do mês de junho, dia 24, dia de São João, a comunidade de pescadores realiza, anualmente na ilha há mais de vinte anos, o tradicional Festival do Camarão, período em que se comemora na sequência também a Festa de São Pedro e São Paulo. No trajeto da procissão acontece a Bênção dos Anzóis, missa realizada em pleno mar, a Ladainha de São Pedro, o Hino dos pescadores, para se ter pesca o ano todo (REMÉDIOS, 2022). Tem barco carregando as imagens dos dois santos e festa com comidas típicas e muita ciranda caiçara. Contam os moradores que, tradicionalmente, o Festival do Camarão foi idealizado visando angariar fundos para a Festa e a Procissão Marítima de São Pedro e de São Paulo, ambos comemorados entre o mês de junho e julho, embora a data de São Paulo seja 25 de janeiro. A liturgia e animação duram dez dias, com a participação das comunidades vizinhas, nas quais, a cada noite uma assume a administração da Celebração da Palavra e Ladainha. A comemoração termina no décimo dia com a tradicional procissão marítima que sai da Igreja Matriz, parte do cais no centro histórico de Paraty e segue em direção à Ilha onde, após a chegada, acontece a Santa Missa. Importante citar que consta na programação cultural do nono dia um intenso evento esportivo que começa desde o início da manhã.

A Festa de São Pedro vem acontecendo desde o ano de 1963, quando se ergueu a pequena igreja na Praia do Pontal da Ilha do Araújo, tendo por orago São Pedro e São Paulo (MAIA, 1976). Então, no dia dedicado aos santos tem lugar a festa, com a participação de muitos pescadores de Paraty, alguns acompanhados de suas famílias em seus barcos ornamentados e com a presença de muitos visitantes e turistas. Na procissão, entre tantos tipos de embarcações, é possível observar o

¹⁰ Ferramenta artesanal, construída com duas varas de bambu, uma delas maior, e em ambas as pontas é esticada uma rede fina. Na hora da pesca, alguns apoiam a vara maior no joelho, outros na altura dos ombros e lança ao mar, funciona como um arrastão, e quando você sente que bate o camarão, você solta o fiel e a puça fecha, prendendo o camarão.

veículo do caiçara, a canoa, um equipamento precioso e venerado, essencial para a subsistência de inúmeras famílias na comunidade. Desde antigamente, esta que é um dos principais símbolos da cultura caiçara já era “construída artesanalmente do tronco de uma única árvore de guapuruvu, ingá amarelo ou tarumã”, transformando-o manualmente em canoa, através de golpes de um machado grande e um enxó¹¹. Na ilha tem o mestre Clóvis, que além da canoa, também faz “o puçá, um dos equipamentos mais caiçara que tem” (REMÉDIOS, 2022). Um processo que leva em torno de 20 dias para ficar pronto. A canoa caiçara, a embarcação de um pau só, principal ferramenta do pescador, tornou-se um patrimônio cultural e devem existir uns nove mestres canoeiros vivos em Paraty. Desde o início do século XXI, o conceito de Patrimônio ampliou-se para a expressão Patrimônio Cultural, enfocando a criação humana das mais diversas ordens emocional, intelectual e material, produções que proporcionem o entendimento do homem sobre ele mesmo e tudo ao seu entorno (COSTA, 2003). Nos anos de 2020 e 2021, devido à pandemia de Covid-19, o evento aconteceu de forma mais modesta, mas os moradores da ilha resgataram um antigo costume, uma pequena procissão no entorno da ilha, realizada apenas com canoas caiçaras, tendo também bênção do anzol no trajeto da procissão e no final Celebração da Palavra e Ladainha. Independentemente de haver sol ou chuva, é bem comum ver cruzar diante da Praia do Pontal alguns moradores sozinhos ou, como pude reparar, com a sua família, indo e vindo, de um ponto para o outro da ilha ou em direção ao continente, em suas tradicionais canoas caiçaras. Mas não são todos, como foi possível presenciar, pois alguns moradores já aderiram o uso de pequenos barcos de outros modelos, de madeira ou alumínio a remo ou com motores de popa e há também os que usam caiaques. Nas últimas saídas a campo constatei que já existe na ilha quem fabrique réplicas perfeitas da canoa caiçara utilizando fibra de vidro. E quem já substituiu os remos pelo já mencionado motor de popa, inclusive na canoa caiçara. Em um outro momento, durante a segunda saída a campo, conversando com o mestre Tã, sobre os moradores do Caboclo, mais propriamente a minha família, levantei a questão: éramos todos caiçaras ou ainda somos? Foi quando ele me explicou que o caiçara nativo é aquele sujeito que nasceu naquele lugar e nos seus arredores, praticou as lides caiçaras da pesca, da roça, cresceu e viveu com a família conhecendo e tendo contato direto com aquela cultura e os seus saberes e fazeres.

¹¹ Instrumento composto por um cabo curto e curvo uma chapa de aço cortante – Fonte: Santos Cardoso, Cecília Mônica (2019). *Entalhes com tradição - Marcenaria e ofícios similares em Gondomar, vol II* (PDF). Porto: Universidade do Porto. p. 109. 193 páginas – Acesso em: 28 Jul. 2022.

O caiçara não nativo é o sujeito que vem para cá, casa-se com alguém caiçara e começa a viver escolhendo este lugar e este modo de vida para seguir no tempo, deixando as suas origens em outro lugar. (TÃ, 2022). O caiçara, a cultura caiçara, surgiu com a miscigenação de povos e raças, recebendo forte influência, inicialmente, dos indígenas e portugueses e, na sequência, dos africanos escravizados e de povos da Europa, como França, Holanda, Itália, entre outros. Muitos são os significados ou traduções sobre a origem da palavra caiçara, e infelizmente, algumas até pejorativas, mas eu prefiro a da historiadora Marina de Mello de Souza, pois traduz um pouco do biotipo do caiçara do litoral fluminense, descrevendo-o principalmente em seus aspectos físicos:

Esse tipo que a gente chama de caiçara é um tipo físico... Ahh... Que é um mestiço basicamente de português com índio... Então é um sujeito de olhos amendoados, cabelo liso, é... Um moreno né, mas não é um moreno do índio, mas também com uma pitada do africano, porque a mão de obra escrava estava aí espalhada e mesmo os escravos fugidos né, iam se misturar com os povos que estavam vivendo nestas praias mais afastadas. (...) Tem algumas regiões aqui de Paraty, com um tipo físico muito claro, de olhos claros, de cabelos claros, que são, provavelmente, descendentes desses holandeses, franceses, que andaram pirateando por esta costa e cá ficaram então aí deixaram a sua marca nas pessoas que estão vivendo nesta praia até hoje (SOUZA, 2002).

Indiferente à cor dos olhos ou do cabelo, é interessante perceber que, assim como os caiçaras agregaram à sua cultura um par de Havaianas para o dia a dia, o mesmo não aconteceu com o guarda-chuva. Para você ver um caiçara abrir um guarda-chuva, mesmo as crianças, precisa-se ter uma chuva muito forte. Assim como os indígenas, o corpo do caiçara parece que criou uma resistência e uma naturalidade para enfrentar e se comportar diante de certas intempéries.

Uma ilha fantástica, repleta de memórias, histórias e causos, de uma comunidade, como muitas personalidades e uma em especial, que se tornou uma referência da ilha, o senhor José Virgulino dos Santos Pacheco, o Zezinho. O catequista da ilha, um ícone não só para a comunidade local, mas também para outras comunidades por onde andou levando uma palavra terna e enamorada pelas questões divinas. Para ele “a morte é vida... é uma passagem de vida”. Para muitos da comunidade, conforme Remédios (2022) era considerado “um pai”. Sempre trabalhando e muito admirado por conseguir, com maestria, conciliar o trabalho com a parte religiosa. No documentário da HBO o morador Edison Jorge dos Remédios

traduz o seu Zezinho: ele era “o homem da pesca, o homem do parati (peixe), que distribuía a metade do que pescava, se pegava 200 quilos, ele te dava 100...”.¹²

Uma vida caiçara: uma narrativa fotográfica

Após a apresentação descritiva de um pouco da paisagem cultural da ilha do João, o convite é aprofundarmos nossa imersão por meio de um mosaico de fotos que compõem uma narrativa fotográfica construída com o resultado de três saídas a campo.

A saída a campo com o propósito de criar uma narrativa fotográfica requer estudo, atenção e planejamento, para não precisar retornar a campo mais vezes do que o planejado ou o necessário (a não ser quando o pesquisador se apaixona pelo seu lugar de estudo e faz questão de revisitá-lo tantas vezes quanto possível). Nesse sentido, o ideal é que já se tenha conhecimento teórico sobre o tema, para só depois sair a campo para fotografar e esse conhecimento pode ser teórico ou visual (COLLIER, 1973; GURAN, 1997). A Fotografia Documental, para os referidos autores, tem o compromisso de investigar, apresentar e representar a realidade, a cultura de uma comunidade/grupo social através da imagem, como ela efetivamente é, sem transformar a originalidade dos seus fazeres e saberes. Existem dois caminhos, você pode fotografar para contar uma história ou primeiro pesquisar, começar a narrar uma história para depois ir a campo fotografar (GURAN, 2020).

As imagens que compõem a narrativa fotográfica apresentada a partir da próxima seção transportam sutilezas sobre o lugar (COLLIER, 1967), que somadas e alinhadas, podem contribuir para a apresentação de uma reflexão ou interpretação da paisagem cultural (GURAN, 1997). As fotografias mais eficazes para narrar uma história ou um recorte da mesma, geralmente são produzidas quando o pesquisador já consegue discernir as particularidades pertinentes para os quais as suas imagens poderão colaborar/sustentar para a apresentação de seu pensamento/contemplação (GURAN, 1997). Nesse sentido, cabe à fotografia documental e às suas vertentes (etnofotografia, fotoetnografia...), representar e evidenciar a realidade de um momento ou de um fragmento de uma paisagem cultural. Por meio de uma narrativa fotográfica

¹² Fonte: Documentário – Série Outros Tempos Velho da HBO. Material gentilmente cedido pelo morador Éder Costa Santos dos Remédios.

dar suporte à pesquisa delineando/investigando os saberes e fazeres de uma comunidade, pois literalmente é fundamental pela sua memória (LUISI, 2019)¹³.

Narrativa fotográfica: A Ilha do [João] Araújo enquanto paisagem cultural
Fotografias de Fernando Pires, 2022.



¹³ Comunicação oral: LUISI, Emidio. Workshop A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA DO INSTANTE TRANSITÓRIO. FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA - PARATY EM FOCO 2019 - Paraty / RJ, 2019.





















À guisa de considerações finais

Quando me deparei com a paisagem vernacular da ilha, na primeira saída a campo, em outubro de 2021, com as dicas preciosas da moradora Vivi Pereira e na segunda saída a campo, em janeiro de 2022, para contactar com outro morador, o

Éder Costa, lembro-me sempre de uma ciranda que costumo escutar quando estou distante de Paraty e busco me conectar com a imagem singular do meu lugar de origem e os meus ancestrais: “O galo canta, eu... Já vou me embora... O galo canta, eu... Já vou me embora... Eu não moro mais aqui... Já estou morando lá fora...”¹⁴. E esta letra conta um pouco desses dois jovens e de outros moradores, que geralmente por motivos profissionais e/ou acadêmicos se veem obrigados a mudar-se da ilha, mesmo que a mudança das suas atividades diárias e os seus rituais sociais sejam temporários ou sazonais, retornando sempre que possível para o aconchego da paisagem e da comunidade que lhes dá um sentido identitário (COSTA, 2003). Embora seja uma cultura em plena metamorfose, a nova geração caiçara, independentemente da idade e gênero, ao mesmo tempo que traz em seus fazeres e saberes um vínculo com as memórias de seus ancestrais, também são narradores, seja através das palavras, da música, gastronomia e da sua relação com a floresta, o mar e a própria conexão com a comunidade, onde todos são irmãos focados em enaltecer a memória do passado (ALENCAR, 2007). Com a narrativa fotográfica, procurei mostrar que uma boa parte das moradias caiçaras não são cercadas, não possuem fronteiras, e esse é o jeito caiçara de ser e de viver, dando a impressão de que todos são uma só família. Apreciei, assim, que a solidariedade é uma forte característica do povo caiçara. Embora haja impermanência constante da paisagem observei que a comunidade procura preservar a memória sobre a história da Ilha, buscando inclusive para sustentar o grupo social, indícios dos feitos e comportamentos dos seus antepassados (ALENCAR, 2007), como a sua maior referência, o seu Zezinho. E neste processo de manutenção da memória da comunidade, o que lhe dá uma certa unidade, acaba vinculando a memória à identidade, pois ambas estão associadas, dependendo das práticas dos seus moradores, as quais podem ser fortalecidas ou exauridas (COSTA e SERRES, 2016).

Entre as décadas de 1950 a 1970, o progresso chegou em Paraty pelas novas estradas Paraty-Cunha e pela Rio Santos. E foram por elas também que veio a grilagem, a exploração imobiliária, a gentrificação e a violência das grandes metrópoles. A paisagem passa a sofrer a intervenção do homem e dentro de um mesmo espaço criam-se territórios, não é só a geografia que se altera, mas o aspecto cultural também (GRAEBIN e FERREIRA, 2022). Aí vem um perigo representado pelo turismo. É graças àqueles que resistiram no início do ciclo do turismo que ainda é

¹⁴ Letra da música “O Galo Canta” é de domínio popular, pois os paratienses desconhecem o autor da composição. Comunicação Oral: Fernando Alcântara Cirandeiro. Em 10 mar 2022.

possível encontrar por boa parte da costa fluminense a cultura caiçara. Infelizmente, o mesmo turismo que a partir da segunda metade do século XX alimenta Paraty é também antropofágico, pois ele engole as comunidades tradicionais, assim como o meio ambiente que as envolve, alterando muitas vezes de forma brutal e desordenada a sua paisagem. Zezinho, com toda a sua ternura, já nos alertava: “hoje a natureza está chorando, reclamando” e que nós precisamos também, entender e aceitar a vida do jeito que ela é, com sua impermanência e desapegos. E com este pensamento, afirmo que a minha conclusão é transitória, como a própria história da Ilha, ficando aquele desejo de saber mais sobre as ervas, as grutas, a cratera do vulcão, os terremotos e sobre as histórias e memórias dos moradores, pois a cada um que passo a conhecer e a dialogar, fica também o desejo de voltar, talvez na esperança de vivenciar o que foi interrompido no Caboclo.

Agradecimentos a todos os moradores da Ilha do Araújo, em especial:

Almir dos Remédios (Almir Tã), Éder Costa Santos dos Remédios,
Eliana Jesus dos Remédios Santos, Vanderlei de Souza Santos
e Viviane da Silva Pacheco Pereira (Vivi Pereira).

E da Praia Grande:

José Luiz da Silva Vaz e Priscila de Deus da Silva.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edna F. **Paisagens da memória**: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. TEORIA & PESQUISA VOL. XVI - no 02 - JUL/DEZ de 2007. Disponível em: <https://mamiraua.org.br/documentos/9e4109d55493e3a754265ba1d6627397.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2022

BRASIL. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional**. PAISAGEM CULTURAL. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/899/> - Acesso em: 27 abr. 2022.

COLLIER JUNIOR, John. **Antropologia visual**: a fotografia como método de pesquisa. Tradução: Iara Ferraz e Solange Martins Couceiro. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

COLLOT, Michel T. Poesia, paisagem e sensação. **Rev. de Letras** - No. 34 - Vol. (1) - jan./jun. – 2015. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15974/1/2015_art_mcollott_raducao.pdf. Acesso em: 27 abr. 2022.

COSTA, Luciana de Castro Neves. SERRES, Juliane Conceição Primon. **Memória, identidade e paisagem cultural**: interfaces na constituição do patrimônio brasileiro | Patrimônio e Memória - São Paulo, Unesp, v. 12, n.1, p. 158-178, janeiro-junho, 2016.

COSTA, Otávio. **Memória e paisagem**: em busca do simbólico dos lugares. Espaço e Cultura, n. 15 (2003). <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espaoecultura/article/view/7731>.

DIAS DE CAIÇARA. Rio de Janeiro: Dialeto Documentários, 2017. 1 vídeo (45 min) - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0AcEBBIUQ6Q>. Acesso em: 31 mar. 2025.

DOCUMENTÁRIO VENTO CONTRA: Luta e Resistência do Caiçara Trindadeiro (1979). Rio de Janeiro: Renato Marchesini, 2019. 1 vídeo (37 min) - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4tzltE7FxDo>. Acesso em: 31 mar. 2025.

EXPULSOS DO PARAÍSO (2004) – Documentário sobre comunidade caiçara de Praia Grande de Cajaíba, Paraty. Rio de Janeiro: Ana Abar, 2018. 1 vídeo (34 min) - Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hXQsJdA3_S0. Acesso em: 31 mar. 2025.

FENÔMENOS NA ILHA DO ARAÚJO - LEIO PARA TI. Rio de Janeiro: Leio para ti, 2021. 1 vídeo (12 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4QZ7S7ur0vE&t=65s>. Acesso em: 31 mar. 2025.

GURAN, Milton. **Fotografar para descobrir, fotografar para contar**. Abertura do II Reunião de Antropologia do Mercosul, Uruguai. 1997.

GURAN, Milton. **Workshop**: Novo documentarismo - Imersão Fotográfica Paris-Champagne. Milton Guran, Jean-Luc Monterosso e Cristianne Rodrigues. França. 2012.

ILHA DO ARAÚJO | HISTÓRIA DE LÁ. Rio de Janeiro: Casa da Cultura de Paraty, 2019. 1 vídeo (25 min) - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hBPHKxoOaNs>. Acesso em: 31 mar. 2025.

KORMIKIARI, Maria Cristina N. **Arqueologia da Paisagem**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277665375_ARQUEOLOGIA_DA_PAISAGEM. Acesso em: 27 abr. 2022.

MAIA, Thereza Regina de Camargo. **Paraty religião & folclore**, ilustrações de Tom Maia, 2ª ed., revista e ampliada, Rio de Janeiro, Arte & Cultura (LTC Editora S/A), 1976.

REMÉDIOS, Almir (Almir Tã) – **Comunicação Oral** – Ilha do Araújo, 2022.

Entre Dimensões e Memórias: Um Ensaio Visual de Sr. Clandestino

*Denisson Beretta Gargione
Lauren Hartz Rosa*

Introdução

Este ensaio visual visa apresentar um pouco da experiência cênica do espetáculo teatral "Sr. Clandestino". A peça é produto final do Mestrado em Memória e Bens Culturais defendido em 2019, às vésperas da pandemia, por Denisson Beretta Gargione intitulado "KHAOS Cênica: Uma Proposta de Bricolagem Cultural". KHAOS Cênica, aliás, é o nome da Companhia, fundada em 2010 e que mantém em seu repertório eclético de espetáculos esta singular montagem de teatro de rua. Sua estética de plasticidade steampunk busca caminhos para a inovação da cena de rua. A narrativa acompanha um cientista brilhante e genioso, cuja trajetória entre dimensões culmina em sua chegada à nossa realidade, onde inicia um estudo incisivo sobre o mundo e, por consequência, o público. Este solo, encenado por Denisson Beretta Gargione, utiliza um kart cross – veículo que se transforma em palco e esconde múltiplas surpresas – como testemunha impactante de uma experiência imersiva, juntamente com a autômata Parody (a figura robótica que se traduz em uma voz contestadora e intrigante da razão). Com uma dramaturgia dinâmica e finais alternativos definidos pela reação coletiva da plateia, "Sr. Clandestino" propicia um encontro único entre ator e espectador, estabelecendo um diálogo inesperado.

Aliando uma dramaturgia que se alimenta das poéticas tradicionais¹⁵ e da construção de mitos (Campbell, 1996), com sua subversão através de um fluxo mnemônico descontínuo do protagonista, o texto se posiciona em uma interação procedural com seu público, dialogando com conceitos contemporâneos acerca da construção da memória e da identidade coletiva através de impulsos reflexivos e emocionais. Durante a pesquisa outros aportes teóricos contribuíram na construção

¹⁵ Na Poética, Aristóteles estabelece os fundamentos da dramaturgia ocidental ao definir seis elementos essenciais à tragédia: enredo (mythos), caráter (ethos), pensamento (dianoia), dicção (lexis), melodia (melos) e espetáculo (opsis). Entre esses, o enredo é considerado o núcleo da obra, devendo ser estruturado com unidade de ação—ou seja, possuir um início, meio e fim bem delimitados—e incluir momentos cruciais como a peripécia (reversão de fortuna) e a anagnorisis (reconhecimento), que conduzem à catarse, ou purgação das emoções. Esses princípios se tornaram referência tradicional na construção de narrativas dramáticas, orientando tanto a análise quanto a criação de obras teatrais ao longo dos séculos (ARISTÓTELES, 1989).

dessa narrativa como Freitas, 2007, mas especialmente o olhar teatral de Fo, 1996, em dois aspectos: a composição de um ator instrumentalizado de forma aprofundada sobre os mecanismos dramaturgicos e seu olhar a respeito da participação popular, como elemento ativo e espontâneo.

Deste modo a proposta se fundamentou no conceito de "adesão situacional", desenvolvido pelo Dr. Lucas Graeff¹⁶. Sua ideia defende que a relação do público com uma obra se fortalece quando esta cria uma representação identificável, ou seja, ambientes, temas e condições que reverberam com as próprias vivências dos espectadores. Essa experiência coletiva se torna o ponto de convergência para a formação de significados compartilhados (Halbwachs, 2008). Neste cenário, as imagens capturadas em apresentações – exploradas visualmente neste ensaio – não apenas registram a efemeridade do momento, mas também evidenciam a construção de um repertório cultural dinâmico.

A noção de "adesão situacional" destaca a relevância do ambiente na consolidação de experiências coletivas. Neste sentido, o espetáculo transcende a mera apresentação teatral ao criar um espaço onde o espectador se torna parte integrante da narrativa, contribuindo para a definição dos desfechos através de suas reações coletivas. Esse processo de (co)construção enfatiza como a memória é um fenômeno social, moldado pelas interações e pela coletividade (Halbwachs, 2008). Este processo também desenvolveu uma investigação sobre o público dialogando com as ideias de Canclini (1996), Costa-Vieira (2019) e Featherstone (1995).

Em "Sr. Clandestino", a interação entre a encenação e o público exemplifica como a experiência teatral pode operar como um catalisador para a criação de memórias sociais únicas. As múltiplas camadas da narrativa – do universo *steampunk* às surpresas escondidas na cenografia – criam um ambiente propício para a identificação de referências que dialogam com a vivência coletiva. Assim, busca ponderar acerca dos mecanismos de construção da identidade e da memória compartilhada (Assmann, 2004; e Halbwachs, 2008), sendo esta reflexão a prática que define qual será seu final. Este ensaio visual, ilustrado por registros fotográficos de duas apresentações (ambas realizadas na Universidade La Salle) pretende demonstrar como o espetáculo se configura como um lugar de efervescência cultural,

¹⁶ Lucas Graeff é doutor em Etnologia e Sociologia Comparada pela Université René Descartes (Paris V, Sorbonne). Desde 2021, preside a empresa de Homecare Maintien ADOM, em Grenoble (França).

onde o tempo, o espaço e a participação convergem para perpetuar experiências que vão além do efêmero.

Figura 1. Sr. Clandestino, apresentação na Universidade La Salle em 14/04/2024



Fonte: Acervo da Companhia KHAOS Cênica, registro feito por Tony Capellão, 2024.

Figura 2. Sr. Clandestino, apresentação na Universidade La Salle em 24/11/2024



Fonte: Acervo da Companhia KHAOS Cênica, registro feito por Tony Capellão, 2024.

Figura 3. Sr. Clandestino, apresentação na Universidade La Salle em 14/04/2024



Fonte: Acervo da Companhia KHAOS Cênica, registro feito por Tony Capellão, 2024.

Figura 4. Sr. Clandestino, apresentação na Universidade La Salle em 24/11/2024



Fonte: Acervo da Companhia KHAOS Cênica, registro feito por Tony Capellão, 2024.

Figura 5. Sr. Clandestino, apresentação na Universidade La Salle em 14/04/2024



Fonte: Acervo da Companhia KHAOS Cênica, registro feito por Tony Capellão, 2024.

Figura 6. Sr. Clandestino, apresentação na Universidade La Salle em 24/11/2024



Fonte: Acervo da Companhia KHAOS Cênica, registro feito por Tony Capellão, 2024.

Figura 7. Sr. Clandestino, apresentação na Universidade La Salle em 24/11/2024



Fonte: Acervo da Companhia KHAOS Cênica, registro feito por Tony Capellão, 2024.

Figura 8 – Sr. Clandestino, apresentação na Universidade La Salle em 14/04/2024



Fonte: Acervo da Companhia KHAOS Cênica, registro feito por Tony Capellão, 2024.

Figura 9. Sr. Clandestino, apresentação na Universidade La Salle em 24/11/2024



Fonte: Acervo da Companhia KHAOS Cênica, registro feito por Tony Capellão, 2024.

Figura 10. Sr. Clandestino, apresentação na Universidade La Salle em 24/11/2024



Fonte: Acervo da Companhia KHAOS Cênica, registro feito por Tony Capellão, 2024.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Benedito Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ASSMANN, Aleida. **A cultura da memória: entre a crítica e a utopia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- COSTA-VIEIRA, Hélida Arrais; SOUZA, Wânia Cristina de. **O reconhecimento de expressões faciais e prosódia emocional: investigação preliminar em uma amostra brasileira jovem**. Estudos de Psicologia, v. 19, n.2, p. 89-156. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v19n2/04.pdf>. Acesso em: 29 maio 2024.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FO, Dario. Manual Mínimo do Ator. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 1998.
- GRAEFF, Lucas. Antropologia de Equipamentos Culturais: Adesão Situacional **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares Em Memória Social**, v. 11, n.18, 23–41. 2024.
- FREITAS, Eduardo Luiz Viveiros de. **Luis Alberto de Abreu e o processo colaborativo**. Comunicação apresentada na XIIª Semana de Ciências Sociais da PUC-SP em 2004, no Grupo de Trabalho: História, Arte e Tecnologia. Disponível em: <https://neamp.org/2022/03/20/luis-alberto-de-abreu-e-o-processo-colaborativo/>. Acesso em: 24 jun. 2024.
- GRAEFF, Lucas. **Capital Cultural**. In: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia Kayser V. (Org.). Dicionário de Expressões da Memória Social, dos Bens Culturais e da Cibercultura. Canoas: UnilaSalle, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva: ensaios sobre a percepção social do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

Os bastidores do ensaio-documentário "A Cidade Afogada": registros do fechamento do projeto "Futuros Possíveis: Canoas"

*Denisson Beretta Gargione
Paulo Felipe Teixeira Almeida
Moisés Waismann*

Este ensaio visual apresenta as imagens e algumas ideias que gestaram o ensaio-documentário "A Cidade Afogada: Enchentes no RS e o Futuro Que Construimos". O curta foi proposto como um dos objetivos do projeto "Futuros Possíveis: Canoas", financiado pelo Programa Retomada RS da Funarte¹⁷, realizado pela Companhia KHAOS Cênica¹⁸ em parceria com Fundação La Salle¹⁹ e contou com o apoio da Universidade do Sentido, da Pastoral Universitária da Unilasalle, do PPG em Memória Social e Bens Culturais e da Universidade La Salle. A proposta consistia em apresentações teatrais, oficinas, rodas de diálogos e a realização do documentário na cidade de Canoas, um dos epicentros das enchentes de maio de 2024 que assolaram o estado do Rio Grande do Sul e, ainda, deixam marcas; algumas dessas, de forma indelével.

Toda a programação discorre sobre o tema, seja diretamente - como é o caso do documentário - seja indiretamente, tratando de crise climática e suas consequências. Para composição do documentário, dirigido por Denisson Beretta

¹⁷ Sobre a Funarte: "Criada em 1975, a Fundação Nacional de Artes – Funarte é o órgão do Governo Federal brasileiro cuja missão é promover e incentivar a produção, a prática, o desenvolvimento e a difusão das artes no país. É responsável pelas políticas públicas federais de estímulo à atividade produtiva artística brasileiras; e atua para que a população possa cada vez mais usufruir das artes." Disponível em: <<https://www.gov.br/funarte/pt-br/acesso-a-informacao-lai/institucional/institucional>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

¹⁸ Sobre a Khaos Cênica: "A Companhia KHAOS Cênica surgiu em 2010 a partir da perspectiva das artes cênicas como um sistema complexo e dinâmico no qual o resultado final pode sofrer influência da mais simples ação ou interação dos elementos que o constituem. É teoria do caos ressignificada no trabalho artístico. Partindo desses pressupostos teóricos a Companhia focou o seu trabalho sobre as relações do homem com a sociedade, comprometendo o artista com sua construção ideológica ética e reflexiva. Tais questões levaram a pesquisa cênica por diferentes paradigmas. Neste âmbito foram levantadas questões mais profundas na atual conjuntura social, percebendo, através da recepção de seus espectadores, o impacto para suscitar debates sobre distintos aspectos das diversas problemáticas contemporâneas. O trabalho da Companhia, configurou sua poética de trabalho de forma transdisciplinar atuando no teatro, dança, circo, teatro de formas animadas, audiovisual e música. Agregando em suas as criações diferentes suportes artísticos, a companhia encontrou a cosmogonia de sua voz, caótica e pulsante." Disponível em: <<https://www.khaoscenica.com/quem-somos>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

¹⁹ Sobre a Fundação La Salle: "A Fundação La Salle é uma instituição sem fins lucrativos, pertencente à Rede La Salle de Educação, que trabalha na execução de diferentes projetos que visam o desenvolvimento e a transformação social. Seguindo os princípios de São João Batista de La Salle, a entidade tem como principal objetivo gerar benefícios à sociedade, bem como cooperar com as Comunidades Educativas e Assistenciais da Rede La Salle." Disponível em: <<https://fundacaolasalle.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Gargione, foi decidido pela construção de um tom ensaístico. Esta decisão não foi arbitrária e levou em consideração o caráter híbrido que funde aspectos do ensaio escrito com os recursos do audiovisual. Em geral, ele se configura como uma prática crítica e reflexiva, na qual o autor constrói uma narrativa que dialoga com elementos visuais, sonoros e textuais para apresentar análises, interpretações e discussões sobre temas variados – do cinema à cultura, passando por política e sociedade.

Este formato audiovisual combina análise crítica (narração e montagem de imagens para explorar um tema específico de maneira reflexiva) e argumentativa. Para tratar dos recentes acontecimentos, a ideia foi fugir de um documentário tradicional. O vídeo-ensaio tem um tom mais subjetivo e interpretativo, funcionando como uma extensão do pensamento do autor, que também testemunhou as cheias.

Ao longo da gestão deste ensaio-documentário, foi inevitável o encontro com o pensamento do urbanista Mike Davis, “Em obras como *Ecologia do Medo - Los Angeles e A Fabricação de Um Desastre*” (2001). Ele demonstra que o design urbano pode contribuir para a amplificação dos riscos ambientais. A má gestão dos espaços urbanos, aliada a políticas públicas deficitárias, torna certas populações mais suscetíveis a desastres naturais e aos efeitos das crises ambientais, gerando um ambiente de medo e de insegurança. Davis analisa como cidades, especialmente grandes centros como Los Angeles, se transformam em espaços marcados por profundas disparidades. Ele aponta que o planejamento urbano contemporâneo, frequentemente favorece interesses econômicos e políticos que resultam em segregação social, onde áreas nobres convivem com assentamentos precários e infraestruturas insuficientes. Esses pontos dialogavam diretamente com a realidade deflagrada na região metropolitana de Porto Alegre (que inclui a cidade de Canoas), por ocasião das enchentes de 2024.

Já em “*Planeta Favela*” (2006), Davis amplia sua análise para uma escala global, mostrando como a expansão desenfreada das cidades está associada ao crescimento dos assentamentos informais. Essa expansão não só evidencia a necessidade de políticas públicas eficazes como também acentua os impactos ambientais decorrentes da ocupação desordenada do território.

As telas e a vida cotidiana

Ao pensar na intrínseca relação entre a vida e o vídeo, pode-se perceber uma provocação pela fonte, nesse processo. Quem imita quem? Por óbvio que o vídeo resulta de tecnologia, em muito, posterior à existência da vida. A questão que se coloca é sobre como essa interação, hoje, influencia uma à outra. Em um trocadilho, Gessinger (2009) diz que “a vida imita o vídeo”. A humanidade tem nas telas uma fonte e, não raro, sua maneira de ver o mundo, ali, enquadrada. Não se trata de uma questão sobre ser bom ou ruim, mas uma percepção do peso e da dimensão que as telas tomam em nossa rotina e, até, na tomada de consciência e/ou decisões.

Nesse sentido, pensar um ensaio visual, um ensaio-documentário, como um dos meios de registrar, fazer memória e encorajar reflexões ganha corpo e relevância. Os lugares para onde um documentário pode nos levar são muitos: passado, presente e futuro. Isso significa dizer que o “vídeo” pode, sim, nos fazer refletir sobre o que e como fizemos (passado), sobre nossa condição atual (presente), bem como sobre o futuro que pretendemos.

Cabe, assim, fazer menção sobre o trânsito do “sujeito”, nesta dinâmica: ora o ser humano, ora as telas, estão “sujeitos”, reflexão que pode ser abstraída no texto, a seguir:

Sugerir o vídeo como sujeito, um agente de influência dentro de nossas casas, capaz de falar com a pessoa telespectadora, pode causar – inicialmente – estranheza, soar inusitado ou, até mesmo, absurdo. Mas diante de alguns elementos metafóricos, pode-se abstrair, neste sentido, e se perceber que o vídeo é semelhante a um ente, com personalidade, com influência e que fala aos corações. Quem nunca assistiu, pois, a um filme e sentiu-se motivado a mudar de atitude, com inspiração, alegria e, até mesmo, em melancolia? Quem nunca ligou e/ou efetivou uma compra por telefone/internet, imediatamente após um comovente comercial de TV? O vídeo, não raro, fala aos anseios e às necessidades humanas; seja com apelo institucional, didático ou comercial. O vídeo, nessa dimensão, precisa de referências. E não seríamos nós mesmos estas referências, ou o nosso cotidiano? O vídeo implica, inicialmente, sinais e apontamentos referenciais para, posteriormente, versar conosco. Presume-se, então, que, para alcançar os intentos, deverá haver uma vida e/ou circunstância representada no vídeo que combine com cada pessoa telespectadora, com cada família telespectadora, ou com cada comunidade telespectadora. (Almeida, 2014, p.25)

O próprio Papa Francisco, uma das lideranças de maior influência desse tempo, articula o tema em encontro com artistas vinculados a *Fondazione Ente dello Spettacolo* e apelou - em outras palavras - ao dizer que as telas carecem de mensagens (filmes) que causem inquietação, suscitando espanto, em especial, neste mundo atormentado. (A12, 2024).

Figuras extraídas do arquivo bruto do “A Cidade Afogada: Enchentes no RS e o Futuro Que Construimos”.

Figura 1. Imagens das Enchentes de Maio de 2024, arquivo bruto do “A Cidade Afogada: Enchentes no RS e o Futuro Que Construimos”.



Fonte: BBC News Brasil, 2024.

Figura 2 – Imagens das Enchentes de Maio de 2024, arquivo bruto do “A Cidade Afogada: Enchentes no RS e o Futuro Que Construimos”.



Fonte: DW Brasil, 2024.

Figura 3 – Imagens das Enchentes de Maio de 2024, arquivo bruto do “A Cidade Afogada: Enchentes no RS e o Futuro Que Construimos”.



Fonte: BBC News, 2024.

Figura 4 – Imagens das Enchentes de Maio de 2024, arquivo bruto do “A Cidade Afogada: Enchentes no RS e o Futuro Que Construimos”.



Fonte: Jornal Nacional, 2024.

Figura 5 – Imagens das Enchentes de Maio de 2024, arquivo bruto do “A Cidade Afogada: Enchentes no RS e o Futuro Que Construimos”.



Fonte: Jornal Nacional, 2024.

Figura 6 – Imagens das Enchentes de Maio de 2024, arquivo bruto do “A Cidade Afogada: Enchentes no RS e o Futuro Que Construimos”.



Fonte: DW Brasil, 2024.

Figura 7 – Imagens das Enchentes de Maio de 2024, arquivo bruto do “A Cidade Afogada: Enchentes no RS e o Futuro Que Construímos”.



Fonte: BBC News Brasil, 2024.

Algumas considerações finais

Este ensaio-documentário foi gestado a partir de uma perspectiva de intervenção crítica, cuja fusão entre imagem, som e narrativa transcende o mero registro dos acontecimentos para se transformar em um agente de reflexão sobre os rumos do planejamento urbano e as crises ambientais.

Ao revisitar as análises de Davis (2006) e Almeida (2014), o projeto reafirma que o vídeo (enquanto meio e sujeito) detém o poder de traduzir experiências vividas e de expor as fragilidades das políticas públicas que, em contextos como o das enchentes de Canoas, revelam a urgente necessidade de repensar a organização dos espaços urbanos.

Essa proposta ensaística nos convida a imaginar futuros em que o reconhecimento das disparidades e valorização da memória coletiva sirvam de base para a construção de cidades mais resilientes e inclusivas.

A reflexão se amplia ao reconhecer que, diante do agravamento dos eventos climáticos - como o evidenciado pelo Relatório do IPCC²⁰ (2021) - torna-se imprescindível integrar práticas culturais, tecnológicas e políticas para enfrentar os desafios contemporâneos. Dados da UN-Habitat²¹ (2016) reforçam que a urbanização desordenada acentua a vulnerabilidade das populações.

Assim, o ensaio-documentário coloca o audiovisual como uma ferramenta que, além de sensibilizar, estimula a mobilização e o engajamento social. Sua proposição estética vai além de contar uma história, mas propor um diálogo interativo entre o passado, o presente e o futuro, onde cada “tela” e cada narrativa contribuem para a construção de um imaginário capaz de inspirar ações transformadoras e a busca por soluções que harmonizem a coexistência, a convivência e a sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

A12. Inspirado por Papa Francisco, Martin Scorsese fará filme sobre Jesus. **A12**, 2024. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/noticias/inspirado-por-papa-francisco-martin-scorsese-fara-filme-sobre-jesus>. Acesso em: 10 dez. 2024.

²⁰ IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) – Órgão criado em 1988, administrado conjuntamente pela UNEP (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) e pela WMO (Organização Meteorológica Mundial), que avalia a ciência climática e orienta políticas de mitigação e adaptação.

²¹ UN-Habitat (Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos) – criado em 1977, com o objetivo de promover o desenvolvimento urbano sustentável e melhorar as condições habitacionais nas cidades.

ADORNO, Theodor W. **O ensaio como forma**. Notas de literatura I, v. 2, p. 15-45, 2003.

ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. Espiritualidade manifesta: sitcom Friends em diálogo com princípios de Leonardo Boff sobre espiritualidade. **Dissertação** (Mestrado em Teologia). Faculdades EST. São Leopoldo, 2014. 77 f.

ASTRUC, Alexandre. **The birth of a new avant garde**: La caméra-stylo (France, 1948). In: FILM MANIFESTOS AND GLOBAL CINEMA CULTURES. University of California Press, 2014. p. 603-607.

BATEMAN, Conor. **The video essay as art**: 11 ways of making a video essay. Retrieved November, v. 26, p. 2016, 2016.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema**: uma introdução. Campinas: Editora Unicamp/Edusp, 2013.

DAVIS, Mike. **Ecologia do Medo** - Los Angeles e A Fabricação de Um Desastre. Davis Mike. Record. 2001.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2014.

GESSINGER, H. **Somos o que podemos ser**. Música. 2009.

IPCC. **Climate Change 2021**: The Physical Science Basis. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/> . Acesso em: 12 dez. 2024.

UM-Habitat (2016). **World Cities Report 2016**: Urbanization and Development – Emerging Futures. Disponível em: <https://unhabitat.org/world-cities-report> . Acesso em: 12 dez. 2024.

O feriado nacional de Zumbi e da consciência negra: articulações históricas e contemporâneas²²

Paola Verdun
Lúcia Regina Lucas da Rosa

Treze de Maio

Treze de maio traição,
liberdade sem asas
e fome sem pão
Liberdade de asas quebradas
como
este verso.
Liberdade asa sem corpo:
sufoca no ar,
se afoga no mar.
Treze de maio – já dia 14
o Y da encruzilhada:
seguir
banzar
voltar?
Treze de maio – já dia 14
a resposta gritante:
pedir
servir
calar.
Os brancos não fizeram mais
que meia obrigação.
(Oliveira Silveira, 1969).

Introdução

Marcam a história do Brasil a luta pela liberdade e a resistência contra a opressão, as quais vêm provocando manifestações em diversos eventos e por grupos específicos de pessoas ao longo dos séculos. Nesse contexto, a história de Zumbi e do Quilombo dos Palmares, do poeta Oliveira Silveira e da criação do Feriado Nacional de Zumbi e da Consciência Negra são importantes elementos que se entrecruzam, formando uma grande riqueza histórica e cultural. O dia 20 de novembro é atualmente celebrado como o Dia de Zumbi e da Consciência Negra – uma data que marca a morte deste líder, ocorrida em 1695. Esta data foi criada pelo Grupo Palmares em 1971 e proposta por um de seus integrantes – Oliveira Silveira – professor, poeta, ensaísta e um dos principais ativistas da causa negra no Rio Grande do Sul. Zumbi dos Palmares foi uma figura de destaque entre as lideranças negras na história do

²² Este trabalho é uma atualização do texto “O Espetáculo 20 de Novembro – Poemas de Oliveira Silveira e o Patrimônio Cultural Brasileiro” (Verdun; Telles; Rosa, 2022), que foi apresentado no evento “VII Jornadas Mercosul”, entre 21 e 23 de novembro de 2022. Link para o e-book do evento: <https://repositorio.unilasalle.edu.br/handle/11690/3876>.

Brasil, lembrando-nos da importância do reconhecimento e da preservação da cultura e da história dos negros em âmbito global (Verdun; Telles; Rosa, 2022).

Zumbi foi um homem negro que não aceitou a opressão imposta pelo sistema vigente em sua época e morreu confrontando-a por meio de forte resistência (Valada, 2020), liderando o Quilombo dos Palmares, considerado um dos maiores da história. Ele foi o líder deste importante movimento no século XVII do qual nasceram e continuaram outros movimentos a fim de denunciar o racismo no Brasil ao longo do século XX, os quais vêm até hoje lutando pelo protagonismo negro representado por uma maior participação dessa população nos âmbitos artísticos, intelectuais e políticos. Como exemplo dessas ações encontram-se coletivos como o Grupo Palmares que, inspirado na história de Zumbi, movimentou diversas manifestações antirracistas.

Assim, este trabalho tem como objetivo analisar a importância histórica e contemporânea do Feriado Nacional de Zumbi e da Consciência Negra no Brasil, articulando como essas celebrações contribuem para a construção de uma identidade afro-brasileira e a promoção da igualdade racial. Pretende-se, ainda, discutir as influências históricas de Zumbi dos Palmares e o papel das políticas de memória na manutenção das tradições e na conscientização social.

A partir da próxima seção, problematizam-se ações e a legislação em favor do Dia da Consciência Negra e das bases históricas em que se fundamentam; em seguida, rememora-se a história e o trabalho de Oliveira Silveira e sua importância para o Rio Grande do Sul, assim como se tecem articulações entre seu trabalho, o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra e alguns registros históricos sobre o Quilombo Palmares; e, por fim, tecem-se algumas considerações finais.

Por que Dia de Zumbi e da Consciência Negra? Dia 20 de Novembro no Quilombo Dos Palmares

Em oposição ao Dia 13 de maio, data oficializada para marcar a abolição da escravidão negra com a assinatura da Lei Áurea em 1888; Oliveira Silveira e o Grupo Palmares compreenderam, em reunião²³ realizada no centro de Porto Alegre/RS, a importância de honrar aqueles que sofreram severas condições subalternas e de exploração, mas que, tal como Zumbi, na Serra da Barriga/AL, não

²³ De acordo com Campos (2006), inicialmente, a inspiração do grupo veio de uma revista da coleção Grandes Personagens da História, da Editora Abril, a qual abordava a figura de Zumbi dos Palmares.

foram impedidos “de desempenhar papéis essenciais na sociedade rio-grandense” (Macedo, 2023, p. 47; Valada, 2020). Ao contrário do que se pode pensar, “a Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel (1846-1921) no dia 13 de maio de 1888, foi uma “abolição incompleta”, pois não garantiu assistência ou apoio governamental para o acesso a terras, educação e trabalho a mulheres e homens antes escravizados” (Brasil, 2021, s.p.). Por isso, não é uma data que representa o povo negro e sua luta pela sobrevivência. Antônio Carlos Côrtes, advogado (1949), segue na batalha por desconstruir a produção de conhecimentos sobre o negro difundida, cinquenta anos depois da sua primeira reunião com o Grupo Palmares. Flores (2024, p. 79) argumenta, neste mesmo sentido, que “a Lei Áurea foi um instrumento usado pelos senhores de escravos para se livrarem, sem indenização, de uma mão de obra cara, formada na rotina da escravidão e sem a tecnologia moderna”. E com o mandato ministerial de 1889 emitido para “destruir os registros sobre a escravidão a fim de “remover a mancha negra da nossa história”, buscou-se “evitar que os ex-escravos [ex-escravizados, destaque das autoras] tivessem documentação para reivindicar indenização aos antigos senhores” (Flores, 2024, p. 80).

Assim, a ilusão de liberdade produzida pelo ato do Dia 13 de maio foi apenas o início de uma longa trajetória que colocou o negro nas posições de “africano livre” ou “emancipado”, a exemplo dos que chegaram em Porto Alegre entre 1834 e 1836. Entre quinze congos, seis cabindas, seis moçambiques, seis benguelas e um monjolo²⁴, eles foram colocados para “trabalhar para o estado ou em concessionárias particulares, como as Santas Casas, antes de serem reconhecidos como livres” (Oliveira, 2023, p. 89). E, longe de ser uma condição tranquila e digna, eram postos de trabalho que os tratavam juridicamente, e muitas vezes em péssimas condições. Isso quando não eram enviados para prisões ou casas de correção/reclusão, dado que, sem emprego nem as mínimas condições dignas de um cidadão, muitos recorriam à criminalidade para conseguir sobreviver (Oliveira, 2023). Além disso, caminhar pelas ruas de Porto Alegre depois das nove horas da noite sem uma licença escrita por seu dono, não era permitido (Flores, 2024).

O Quilombo dos Palmares foi um dos maiores e mais duradouros quilombos do Brasil. Localizado na Serra da Barriga, onde atualmente fica o estado de Alagoas, era uma comunidade formada por pessoas escravizadas que fugiram das plantações, assim como por indígenas e alguns brancos pobres. Palmares estava

²⁴ Estes são dados referentes às procedências dos trabalhadores listados na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, em 1862. Fonte: Oliveira (2023).

estrategicamente localizado em uma região montanhosa e de difícil acesso, o que ajudava a proteger a comunidade contra os ataques coloniais. A densa vegetação e as características peculiares do terreno ofereciam uma defesa natural. Tinha uma economia baseada na agricultura de subsistência, caça, pesca e comércio com vilarejos e fazendas vizinhas, o que garantia sua autossuficiência, sobrevivência e resistência. As atividades agrícolas incluíam o cultivo de mandioca, de milho, de feijão e de outras culturas. Foi um lugar onde muitas tradições africanas eram mantidas e adaptadas. A música, a dança, as práticas religiosas e as celebrações eram parte integrante da vida na comunidade (Carneiro, 1958).

A história de Palmares é marcada por sua resistência contra as expedições portuguesas e bandeirantes, e por ter se constituído como uma sociedade autônoma e multirracial (Carneiro, 1958), o que garantia alianças harmônicas entre diferentes grupos étnicos. Com isso, a convivência no quilombo era, em grande parte, pacífica, uma vez que todos eram assistidos e, logo, não se apresentavam razões para iniciar qualquer combate ou luta. No entanto, durante quase um século, Palmares resistiu a inúmeras expedições militares enviadas pela coroa portuguesa e seus aliados.

Os holandeses, quando invadiram os Palmares, incendiaram, num só dia, mais de 60 casas em roças desertadas pelos negros. Como as plantações ficavam em volta dos mocambos, pequenas aldeias arruadas à maneira africana, parece provável que as casas nelas existentes servissem apenas de uso durante as épocas de plantio e colheita. Os rios e as matas pertenciam, dada a sua beleza em caça e pesca, a todos os quilombolas. (Carneiro, 1958, p. 20-21).

O Quilombo, com suas estruturas sociais e práticas culturais, refletia a diversidade e a resiliência das populações africanas e afrodescendentes. Como era uma comunidade bem organizada, também tinha uma estrutura social que incluía líderes militares, políticos e espirituais, entre os quais Zumbi dos Palmares foi o líder mais famoso, conhecido por sua resistência e liderança militar. Assim, a comunidade conseguiu evitar muitos ataques antes de sua queda final em 1694.

Nos dias imediatos à captura do Macaco (6 de fevereiro de 1694), Domingos Jorge Velho passou atestados a conduta militar de Bernardo Vieira de Melo e do capitão Antônio Pinto Pereira, pernambucanos, contando detalhadamente as peripécias da luta e da perseguição aos negros, mas sem se referir, de maneira alguma, à morte do Zumbi. Somente em carta de 1696 o governador Caetano de Melo e Castro noticiava ao rei a morte do Zumbi, que, traído por um mulato, atacado no seu esconderijo por uma coluna de paulistas, sob o comando do capitão André Furtado de Mendonça. O Zumbi estava com mais 20 homens e resistiu bravamente, enfrentando os paulistas. Apenas um dos seus homens foi apanhado vivo. Mestre de Campo dos paulistas confirmava a notícia, em requerimento ao rei, datando a morte do Zumbi de 20 de novembro de 1695, — quase dois anos

depois de destruído o Macaco. No ano de 1697, André Furtado de Mendonça pedia e obtinha, no Reino, favores especiais, dando como um dos seus títulos a “valorosa ação” de matar o Zumbi. Este é o Zumbi da História. (Carneiro, 1958).

O Quilombo dos Palmares é, portanto, um importante símbolo da luta pela liberdade e da resistência contra a opressão. Sua história continua a inspirar movimentos sociais e culturais no Brasil e, por isso, deve ser comemorada no Dia da Consciência Negra. Pela Lei n.º 14.759, sancionada em 21 de dezembro de 2023 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o dia 20 de novembro passou a ser considerado feriado nacional. A data, que expressa uma liberdade conquistada e não concedida, teve seu texto aprovado em caráter terminativo na Comissão de Educação (CE), sob a relatoria do senador Paulo Paim, em agosto de 2021, e seguiu para apreciação da Câmara, onde foi relatada pela deputada Reginete Bispo (PT-RS). Posteriormente, a data foi aprovada pela Câmara dos Deputados em novembro de 2021, pelo Projeto de Lei (PL) 3.268/2021, o qual teve origem no Projeto de Lei do Senado de cinquenta anos antes, e que foi registrado somente pelo PLS 482/2017, do senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP).

Nós, negros brasileiros, orgulhosos por descendermos de Zumbi, líder da República Negra dos Palmares, que existiu no Estado de Alagoas, de 1595 a 1695, desafiando o domínio português e até holandês, nos reunimos hoje, após 283 anos, para declarar a todo o povo brasileiro nossa verdadeira e efetiva data: 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra! Dia da morte do grande líder negro nacional, Zumbi, responsável pela primeira e única tentativa brasileira de estabelecer uma sociedade democrática, ou seja, livre, e em que todos negros, índios e brancos realizaram um grande avanço político, econômico e social. Tentativa esta que esteve sempre presente em todos os quilombos. (MNU, 1978 apud Nascimento, 2019, p. 256²⁵).

Quando se analisa a presença negra no Rio Grande do Sul, faz-se necessário lembrar da Revolução Farroupilha, ou a Guerra Civil Farroupilha, a Guerra dos Farrapos, que perdurou de 1835 a 1845, levando os lanceiros negros²⁶ aos campos de batalha, sob a luz da esperança da liberdade prometida pelos proprietários de terras que lutavam contra o império para conseguirem liberdade comercial e política, a qual de fato não obtiveram. Durante toda a Guerra, Bento Gonçalves da Silva e

²⁵ De acordo com Campos (2006, p. 10), “o período de existência do Grupo Palmares (foi): criado em 05 de julho de 1971 e desarticulado oficialmente no dia 08 de agosto de 1978, quando os integrantes passaram a militar nas fileiras do MNU, recém surgido”. Por isso a referida declaração é datada em momento posterior ao período de sua existência. Ainda, outro texto, o Manifesto, do Grupo, pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bx-KiyyLfuQ>.

²⁶ Grupos de infantaria compostos por negros que atuaram em favor dos reformistas republicanos contra as forças do Império do Brasil. (Ribeiro, 2024, p. 12).

Domingos José e Almeida mantiveram seus escravizados. Além disso, apenas aqueles que eram capturados pelos imperiais e que servissem ao Exército Republicano eram considerados como libertos (Flores, 2024).

O Dia 20 de novembro era considerado feriado em seis estados e cerca de 1,2 mil cidades (Senado Notícias, 2023). Ou seja, após o falecimento de Oliveira Silveira em 2009, sua iniciativa de 1971 foi levada adiante. Deu-se então a devida importância para que a história do negro fosse contada e as marcas e destaques sejam realizados, assim como oficializados, pelo negro, e não por sujeitos outros, como sugere Nascimento (2019). Daí surge a importância do Movimento Negro Unificado (MNU), que a partir de 1978 garantiu “na agenda da política nacional a necessidade de criação de políticas públicas de igualdade e equidade racial, ausentes no 13 de maio de 1888” (Brasil, 2021, s/p.).

Em 7.9.1884 a Câmara de Porto Alegre declarou extinta a escravidão e em dezembro não havia mais escravos no Rio Grande do Sul, mas os “libertos” continuaram a trabalhar de graça para indenizar seus antigos donos. Na mesma data, os vereadores mudaram o nome de Campo do Bom Fim para Campo da Redenção, em homenagem à redenção dos cativos. (Flores, 2024, p. 8).

Com esses movimentos, tornou-se de algum modo possível lembrar das tropas negras lançadas em uma guerra que não era sua, fazendo-as serem massacrados sonhando com a liberdade, assim como recordar o grande legado cultural e de luta que nos deixaram, como muito nos lembrou Oliveira Silveira, o centro da argumentação da próxima seção deste texto.

Oliveira Silveira – O Poeta da Consciência Negra

Por tratar-se de um grande incentivador das artes negras, Oliveira Ferreira da Silveira (1941-2009), diplomado em Letras, atuante por bastante tempo no magistério em Porto Alegre/RS, e um artista negro, inspirou muitos professores, atores, dançarinos e professores de dança que tiveram seus caminhos cruzado por ele. Ele deixou um grande legado para que nós, sul-riograndenses, possamos dar continuidade, ao desempenhar um papel fundamental na valorização e reconhecimento da contribuição negra na sociedade brasileira. Nasceu em 1941, na zona rural de Rosário do Sul, no Rio Grande do Sul, e ao longo de sua vida dedicou-se à literatura e ao ativismo. Foi, como já mencionado, um dos idealizadores do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Dia 20 de Novembro como o Dia da

Consciência Negra.

Em 1988, por relevantes serviços prestados à comunidade, Silveira recebeu a Medalha Cidade de Porto Alegre. Em 2002, foi reconhecido como “Tesouro Vivo Afro-Brasileiro” durante o Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as da Associação de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). A biblioteca da Fundação Cultural Palmares, inaugurada em 20 de novembro de 1998, foi nomeada, em 2011, como Biblioteca Oliveira Silveira, em sua homenagem. Em 2021 foi homenageado pela Universidade Federal do Pampa e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul com o título de Doutor Honoris Causa. Em 2022, foi homenageado pelo Município de Esteio, que rebatizou a Rua Coberta, área de eventos no centro da cidade, como Espaço Oliveira Silveira. O descerramento da placa foi realizado no dia 19 de novembro, com a presença de Naiara Silveira, sua filha (Wikipedia, 2024, s.p.).

A frase de sua autoria – “Eu sou afro-gaúcho” (Ações Afirmativas, 2015) – reflete sua poesia repleta de lirismo e vigor, que aborda a identidade negra, a ancestralidade africana e a resistência contra o racismo. Obras como *Banzo*, *Saudade Negra* e *Roteiro dos Tantãs* são exemplos do seu comprometimento em dar voz à experiência afro-brasileira e em reivindicar espaço para a cultura negra, inclusive na literatura nacional.

Banzo – saudade negra

O que fomos de adubo
o que fomos de sola
o que fomos de burros cargueiros
o que fomos de resto
o que fomos de pasto
senzala porão e chiqueiro
nem com pergaminho
nem pena de ninho
nem cofre de couro
nem com lei de ouro.
O que fomos de seiva
de base
de Atlas
o que fomos de vida
e luz
chama negra em treva branca
quem sabe só com isto:
que o que temos nós lutamos
para sobreviver
e também somos esta pátria
em nós ela está plantada
nela crispamos raízes
de enxerto mas sentimos
e mutuamente arraigamos
quem sabe só com isto:
que ela é nossa também, sem favor,
e sem pedir respiramos seu ar

a largos narizes livres
bebemos à vontade de suas fontes
a grossas beijadas fartas
tapamos-destapamos horizontes
com a persiana graúda das pálpebras
escutamos seu baita coração
com nosso ouvido musical
e com nossa mão gigante
batucamos no seu mapa
quem sabe nem com isso
e então vamos rasgar
a máscara do treze
para arrancar a dívida real
com nossas próprias mãos.
(Oliveira Silveira, 1970).

A liderança estratégica de Zumbi é um ponto central na memória coletiva afro-brasileira e na celebração do Feriado Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Assim, Zumbi é lembrado como um líder valente, cuja capacidade de liderança foi fundamental para a resistência e a sobrevivência de Palmares. Oliveira Silveira, ao propor o Dia da Consciência Negra, buscou reforçar a presença negra no sul do Brasil e a importância de líderes negros na história do Rio Grande do Sul e na história do Brasil, assim como da sua preservação para o patrimônio cultural (material e imaterial) gaúcho e brasileiro.

Dessa forma, diversas manifestações vêm sendo realizadas no país para garantir a preservação da cultura e, também, do patrimônio afro-brasileiros. Em 2024, uma iniciativa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) destacou o patrimônio de matriz africana em um ciclo de eventos que chamou de Mês da Consciência Negra. O evento, que durou todo o mês de novembro, contou com extensa programação incluindo mesas redondas, seminários, calçadas culturais, palestras e outros, ocorridos em diversos estados brasileiros (Iphan, 2024, s/p.). Pensado como uma “estratégia institucional ampla de promoção do patrimônio cultural de matriz africana” (Iphan, 2024, s/p.), esta iniciativa inédita considera a importância da cultura afro-brasileira como um patrimônio que deve ser preservado.

Portanto, percebem-se alguns avanços no que diz respeito a considerar este feriado como expressão importante para a construção do patrimônio cultural brasileiro. Bruna Ferreira, coordenadora do COPMAF (Comitê Permanente para Preservação do Patrimônio Cultural de Matriz Africana), que foi criado em 2023 a partir da mobilização do Coletivo de Servidores Negros do IPHAN, destacou a importância dessas ações alinhadas ao esforço nacional pela inclusão de um novo Objetivo do Desenvolvimento Sustentável, o ODS 18 – Igualdade Étnico-Racial, no rol dos ODS’s da Organização

das Nações Unidas (Iphan, 2024, s/p.).

Considerando-se essa valorização da cultura afro, as manifestações artísticas conquistarão mais espaço, como, por exemplo, a dança afro-brasileira, uma importante manifestação cultural e artística negra, e que também precisa ser considerada como patrimônio afro-brasileiro importante para a história do nosso país. Durante sua trajetória, como o poeta da consciência negra, Oliveira Silveira também liderou um movimento de dança afro, o grupo Semba Arte Negra²⁷. De acordo com o ativista, ele e a filha Naiara iniciaram o grupo em 15 de setembro de 1979 em Porto Alegre como Grupo Experimental de Arte. Semba é uma palavra africana da área angola-conguense e significa umbigada²⁸ na dança, sendo também gênero musical e dança nacional de Angola, a qual está na base do samba brasileiro. O grupo teve músicas e danças negras tradicionais como jongo, samba-de-roda, semba, lundu, maçambique, afoxé, samba de bloco afro, além de coreografias modernas, poemas e exercícios teatrais (esquetes) que também fizeram parte de seu repertório (Silveira, s/a, s/p.). Assim como outras manifestações culturais de matriz afro, a dança também vem protagonizando em favor da consciência negra a partir de eventos e ações promovidas por diferentes comunidades afrodescendentes, assim como o Espetáculo 20 de Novembro – Poemas de Oliveira Silveira, realizado em Porto Alegre em 2021 e 2022 e descrito em Verdun; Telles e Rosa (2022).

A diversidade cultural e a cooperação entre vários grupos étnicos foram consideradas centrais na obra de Oliveira Silveira, que celebrava a pluralidade e a riqueza da cultura afro-brasileira. O poeta destacava a importância de reconhecer e valorizar as contribuições de diferentes grupos étnicos na construção da identidade nacional²⁹. O Feriado Nacional de Zumbi e da Consciência Negra também celebra essa diversidade e promove a união e a solidariedade entre as comunidades afro-brasileiras, assim como a importância das alianças entre diferentes grupos étnicos no Quilombo dos Palmares enfatizada por Carneiro (1958).

A resiliência e a engenhosidade das populações afrodescendentes foram temas frequentemente abordados na poesia de Oliveira Silveira. O Feriado Nacional de Zumbi e da Consciência Negra celebra essa resiliência e essa engenhosidade, assim

²⁷ Mais informações sobre o Grupo Semba podem ser acessadas em: https://www.ufrgs.br/dancanegrars/?page_id=10.

²⁸ “Umbigada – Expressão coreográfica presente em várias danças tradicionais afro-brasileiras, como simples passo ou como gesto de escolha do solista substituto. É uma constante nas danças dos povos bantos de Angola e arredores”. (Lopes, 2004, p. 663).

²⁹ Fonte: Ações Afirmativas (2015).

como a capacidade de superação das comunidades negras, ressaltando a importância de reconhecer e valorizar essas contribuições na sociedade brasileira e na sociedade rio-grandense. Foram também essas habilidades que mantiveram a economia autossuficiente de Palmares, permitindo que o Quilombo resistisse às investidas dos colonizadores e sobrevivesse por quase um século, conforme destacou Carneiro (1958).

Poema Sobre Palmares

Nos pés tenho ainda correntes,
nas mãos ainda levo algemas
e no pescoço gargalheira,
na alma um pouco de banzo
mas antes que ele me tome,
quebro tudo, me sumo na noite
da cor de minha pele,
me embrenho no mato
dos pelos do corpo,
nado no rio longo
do sangue,
vôo nas asas negras
da alma,
regrido na floresta
dos séculos,
encontro meus irmãos,
é Palmar,
estou salvo!

Uma lança caneta-tinteiro
escreveu liberdade no céu,
riachos e palmeiras,
matos e montanhas,
e se espalhou no ar uma aura boa,
sono de leves pálpebras,
sonho de grandes asas, fofas plumas.
Palmar!

E um brado irrompeu, honra e brio,
nosso brado maior, nobre e digno,
irrompeu
do mais fundo subterrâneo,
violência de lavas escuras
transbordando libertas!

Zumbi – nome gravado
A lança
nos contrafortes da serra,
a sangue
nos contrafortes da história
a fibra
na alma forte dos negros!

Palmar!
Palmeiras de sentinela
guarnecendo a memória dos teus
bravos!

Palmar!

Arranquem todas as palmeiras
e mais se encravará
a raiz da memória,
quebrem os contrafortes
e não se abalará
tua glória,
queimem a história toda
e verão que és eterno!
[...]

(Oliveira Silveira. Obra reunida, p. 109).

O feriado nacional de Zumbi e da Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro, foi instituído oficialmente em 2003, mas sua importância e significado têm raízes profundas na história e na cultura brasileiras. Este feriado é um momento de reflexão sobre a luta e as conquistas da população negra, bem como de celebração da herança africana e da resistência contra a opressão.

Considerações Finais

Esta pesquisa propôs articulações entre a importância histórica e contemporânea do Feriado Nacional de Zumbi e da Consciência Negra no Brasil e como essas celebrações contribuem para a consolidação de uma identidade afro-brasileira e a promoção da igualdade racial. Além disso, traçou uma discussão sobre as influências históricas de Zumbi dos Palmares, e o papel das políticas de memória na manutenção das tradições e na conscientização social.

Articular aspectos históricos do Quilombo dos Palmares, a obra de Oliveira Silveira, e a instituição do Feriado Nacional de Zumbi e da Consciência Negra mostra um tecido histórico e cultural denso, onde a luta pela liberdade e pela identidade negra se destacam. O estudo desses elementos proporciona uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais do Brasil, destacando a importância da resistência e da memória na construção da identidade nacional. Desta forma, o reconhecimento e a valorização destas histórias e dessas pessoas são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a diversidade é celebrada, e a justiça social é uma realidade.

Percebe-se que a escolha do 20 de novembro é simbólica e representativa, pois remete à data da morte de Zumbi em 1695, a qual marcou o fim de uma era de resistência ativa em Palmares. Este dia celebra a memória do líder quilombola como um mártir da liberdade e reforça a necessidade contínua de combater o racismo e promover a igualdade. Ainda, esses pontos fortalecem a compreensão da

importância histórica e cultural do Quilombo dos Palmares, da obra de Oliveira Silveira e do Feriado Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Ao destacar a diversidade, a liderança e a autossuficiência, possibilita-se uma reafirmação mais consistente da herança afro-brasileira e do papel fundamental das populações negras na construção da sociedade brasileira, ressaltando a importância da preservação dessa memória como um compromisso contínuo com a justiça histórica e a luta por uma consciência coletiva verdadeiramente antirracista.

REFERÊNCIAS

Ações Afirmativas CAF-UFRGS. **Sou**. 2015. 26min03s. Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UN0blkocQw4>. Acesso em: 14 fev. 2025.

AFRO E ÁFRICA. **Oliveira Silveira - Roteiro dos Tantãs**. Originalmente publicado em: 10 fevereiro 2012. Disponível em: <https://claudio-zeiger.blogspot.com/2012/02/oliveira-silveira-roteiro-dos-tantas.html>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BAPTISTA, Rodrigo. Dia da Consciência Negra, 50 anos: liberdade conquistada, não concedida. liberdade conquistada, não concedida. **Agência Senado**. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/11/dia-da-consciencia-negra-50-anos-liberdade-conquistada-nao-concedida>. Acesso em: 4 jan. 2025.

AGÊNCIA SENADO. **Dia da Consciência Negra se torna feriado nacional**. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/12/22/dia-da-consciencia-negra-se-torna-feriado-nacional>. Acesso em: 4 jan. 2025.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. **O Grupo Palmares (1971-1978): um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico**. 2006. 196 fls. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, 2006.

CARNEIRO, Edison. **O Quilombo dos Palmares [recurso eletrônico]**. São Paulo: São Paulo Companhia Editora Nacional, 1958. Disponível em: <https://archive.org/details/oquilombodospalmares/page/n5/mode/2up?view=theater>. Acesso em: 8 fev. 2025.

FLORES, Moacyr. **Culturas Africanas no Brasil**. Porto Alegre: EST Edições, 2024.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Iphan destaca patrimônio de matriz africana no ciclo de eventos “Mês da Consciência Negra”**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/sala-de-imprensa/pautas-e-releases/iphan-destaca-patrimonio-de-matriz-africana-no-ciclo-de-eventos-201cmes-da-consciencia-negra201d>. Acesso em: 11 jan. 2025.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MACEDO, José Rivair. Subjetividade negra e escrita da história no Rio Grande do Sul. *In*: MACEDO, José Rivair; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt; BARROSO, Véra Lucia Maciel. (Orgs). **Racismo, relações de poder e história negra em Porto Alegre: séculos XIX – XX**. Porto Alegre: Evangraf; ISCMPA, 2023.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo [recurso eletrônico]**: documentos de uma militância pan-africanista. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2019.

OLIVEIRA, Vinícius Pereira de. Um pátio étnico: africanos livres na Santa Casa de Porto Alegre. *In*: MACEDO, José Rivair; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt; BARROSO, Véra Lucia Maciel. (Orgs). **Racismo, relações de poder e história negra em Porto Alegre: séculos XIX – XX**. Porto Alegre: Evangraf; ISCMPA, 2023.

RIBEIRO, Vitor Gabriel Coelho. **Entre Sarjetas**: Lanceiros negros na Guerra de Farrapos (1836-1844). 2024. 79 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/43497/3/EntreSarjetasLanceiros.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2025.

SILVEIRA, Oliveira. **Banzo, saudade negra**. Porto Alegre: Edição do autor, 1970.

SILVEIRA, Oliveira. Literafro - O Portal da Literatura Brasileira. Poema sobre Palmares. Obra Reunida, p. 109. s/a. **Literafro** - O Portal da Literatura Brasileira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/11-textos-dos-autores/852-oliveira-silveira-poema-sobre-palmares>. Acesso em: 13 fev. 2025.

SILVEIRA, Oliveira. Semba. **UFRGS - Danças Negras no Rio Grande do Sul**. Disponível em: https://www.ufrgs.br/dancanegrars/?page_id=10. Acesso em: 11 fev. 2025.

VALADA, Walter. **Zumbi dos Palmares**: Por uma educação antirracista. Ponta Grossa: Monstro dos Mares, 2020. Disponível em: https://monstrodosmares.com.br/wp-content/uploads/2020/11/zumbi-dos-palmares_walter-vadala_WEB.pdf. Acesso em: 8 fev. 2025.

VERDUN, Paola; TELLES, Tamára Cecília Karawejczyk; ROSA, Lúcia Regina Lucas da. O ESPETÁCULO 20 DE NOVEMBRO – POEMAS DE OLIVEIRA SILVEIRA E O PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO. *In*: BEM, J. S. (Org.). **VII Jornadas Mercosul**: memórias, arquivos, patrimônios e estudos latinoamericanos. Canoas: Ed. Unilasalle, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11690/3876> . Acesso em: 11 fev. 2025.

WIKIPEDIA. **Oliveira Silveira**. s/a. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Oliveira_Silveira. Acesso em: 13 fev. 2025.

Quebrando a moldura: por uma museobiografia do corpo em movimento

*Angela Luciane Peyerl
Luana de Carvalho da Silva Gusso*

Introdução

O presente artigo é um recorte da pesquisa de tese, que visa propor um processo de musealização que possibilite abranger corpos em movimento, em contrapartida a um modelo estático e tradicional de museu. Nesse sentido, pensando a museobiografia como um ponto de partida para esse processo de musealização.

Não distante disso, a escrita deste artigo traz um cunho autobiográfico, bem como a escrita da tese. As palavras nos tomam e os enigmas nos permeiam em qualquer lugar, a qualquer hora, não existe um tempo demarcado. Ainda mais quando a proposição de pensar a musealização do corpo como ponto central é desconsiderar o ponto de vista linear e normativo de formas, elementos e figuração em suporte bidimensional. Ou seja, escrever sobre o corpo — primeiro a matéria crua, aquilo que ainda não é traduzível — começa a moldar-se e vai pressionando para novas questões.

Uma experimentação de corpos que performam, que dançam e que continuam a habitar mesmo quando se deparam com a finitude. Esse é o momento de esgarçar as teorias museológicas, de tensionar o pensar museu, após uma pandemia que ceifou vidas e que nos fez experimentar a vida de uma outra forma. Nesse momento único, quando o mundo jamais imaginava passar por uma pandemia, quando o acesso a todas tecnologias e fármacos nos deixaram refém de algo que não sabíamos o que era.

É inegociável que o ano de 2020 será lembrado por todos, perante os impactos que a pandemia da Covid-19 causou na vida das pessoas, o modo como nos relacionamos com os nossos corpos durante esse período e com o limiar da vida. Na qual nos questionamos perante os automatismos e repetições cotidianas, nas quais os movimentos nos foram limitados aos espaços internos da habitação. As visitas nos museus eram de forma digital. Tour de 360° em salas expositivas, *lives* de conteúdos, aulas abertas, videoartes, atividades educativas a serem desenvolvidas em casa, reuniões com equipes, enfim, vivemos um momento completamente virtual.

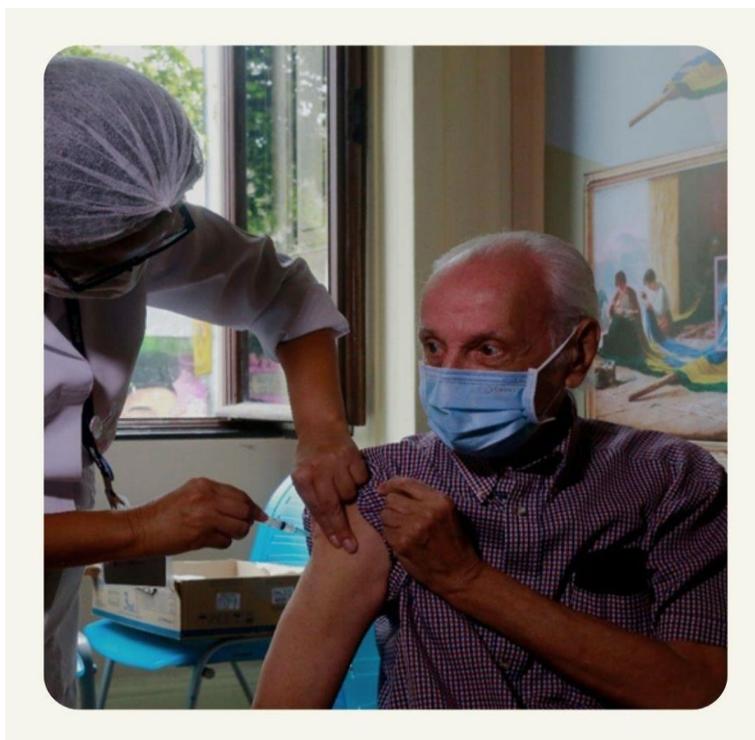
Neste momento, analisar o corpo em movimento e o modo que eu faço quando

aperto um parafuso ou mexo em uma calculadora é uma tentativa de compreender o corpo durante a construção deste trabalho, como o corpo se comporta atravessando aquilo que está programado para fazer, afinal o corpo é performado todos os dias.

Foi após a pandemia, em 2022 que a definição sobre o que é museu foi revisitada e publicada pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus), bem como o Relatório de Impacto da Pandemia do IberMuseus, no qual os museus como instituições dialógicas e com uma função social, durante a pandemia cumpriram seu papel social com ideias inovadoras e se reinventando em meio as incertezas e hábitos do vazio.

Durante a pandemia, vários museus foram fechados. Os corpos vivos foram afastados diante de uma ameaça iminente à vida. Sobraram somente os corpos estáticos, em meio a esculturas, pinturas ou registros. Seu lugar consagrado nas sombras, sem o olhar vivente que os significassem. Mas alguns museus resistiram, se reinventaram, se tornaram casas de abrigo da vida. Esse é o caso do Museu da República (RJ), que se tornou um posto avançado de vacinação, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde e a Fiocruz:

Figura 1. Vacinação, Museu da República

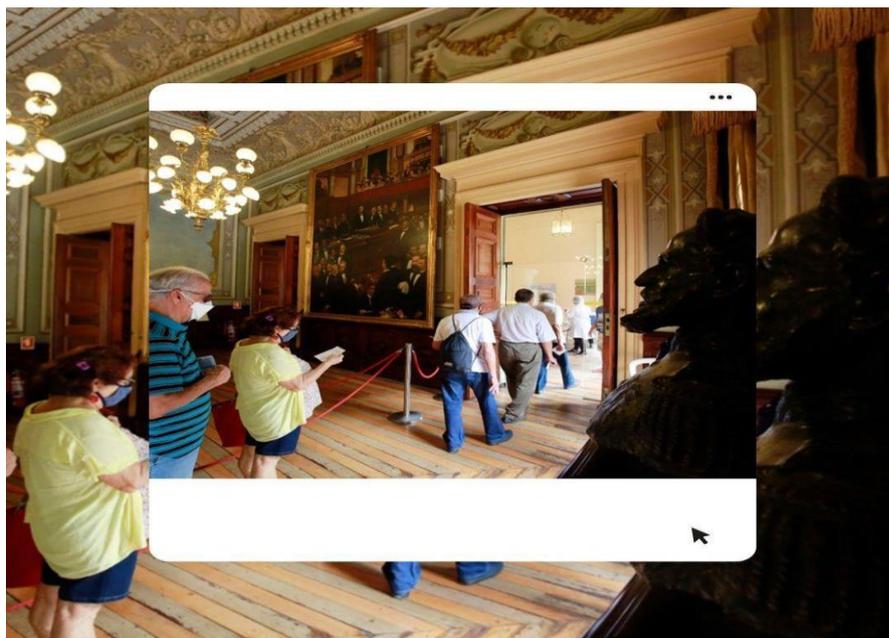


Fonte: <https://prefeitura.rio/noticias/covid-19-veja-o-movimento-da-vacinacao-no-museu-da-republica-para-pessoas-de-82-anos/>.

A ideologização do processo de vacinação pelo governo federal transformou o tema em arena de disputa política. Em vez de conciliar a população e apoiar a vacinação, o governo federal polarizou e combateu a vacinação. Assim, a decisão de transformar o Museu da República em posto de vacinação também envolvia riscos políticos. Por isso mesmo, no dia de início da vacinação no museu houve tensão no eixo museal Brasília-Rio. (Chagas; Gonçalves; Vassalo, 2022, p. 30).

Na pandemia, ficou claro que um museu deve ser também local de pensamento e atividade dedicado à proteção, preservação e sustento da vida. Isso trouxe à tona o papel social dos museus e incentivou a revisão de um debate antigo. Assim, a decisão de tornar-se um museu como ponto de vacinação, trouxe uma repercussão nacional e internacional. Vale ressaltar que o Museu da República se manteve como posto de vacinação, iniciado em 25 de fevereiro de 2021, tendo apenas uma pausa entre novembro de 2021 e janeiro de 2022, e finalizando seus atendimentos em 8 de setembro de 2022.

Figura 2. Fila de Vacinação no Museu do Catete (RJ)



Fonte: <https://prefeitura.rio/noticias/covid-19-veja-o-movimento-da-vacinacao-no-museu-da-republica-para-pessoas-de-82-anos/> .

Durante a pandemia, além do Museu da República, outros museus sociais tiveram ações que impactaram diretamente na sua comunidade, segundo o levantamento realizado pelo museólogo Mário Chagas (2022, p. 27) “o Museu da Maré, o Museu Casa Bumba Meu Boi Raízes do Gericinó, o Museu Vivo de São Bento, o Museu das Remoções e o Museu de Favela, por exemplo, se mantiveram

abertos, articulados, trabalhando e atendendo às demandas das comunidades locais”.

Os museus contemporâneos são adaptáveis ao seu contexto e à sua realidade. Estão em movimento continuamente. O corpo que adentra ao museu pede uma resposta breve, é curioso, tem novos olhares, e é interativo. Não cabe mais nas instituições um corpo somente estático e sem vida. É necessário pensar numa Museologia do tempo presente, tendo em vista que trabalhamos em instituições que olham para o passado e lá seguem, o que nos torna escafandristas do tempo e que em mergulhos longos e profundos no passado se fazem prontos para encontrar algo e levar até o futuro. Não nos preocupamos com o aqui e agora.

Durante a pandemia, nós mudamos a forma como nos relacionamos com o nosso corpo, com a nossa vida, e claramente tivemos marcas que ficaram para sempre na nossa memória. A rua silenciou, as águas de Veneza ficaram límpidas, o ar de São Paulo ficou mais leve, novos ofícios foram criados, todos se voltaram para dentro, quando o mundo nos empurrava para fora o tempo todo. A pandemia nos trouxe um olhar para o tempo de forma crucial, o campo da arte, da cultura e do patrimônio cultural tiveram que se reinventar.

Quando escrevemos sobre o corpo, já estamos em experimentação. Logo, não há como distanciar o corpo em movimento da instituição museológica. O modo de pensar, de sentir, de se portar e analisar as palavras e o jeito que elas são colocadas é uma anarquia. Nós percebemos ativando algo e claramente quando esse tensionamento se aproxima do campo museal e inevitável não quebrar a moldura.

Se os objetos, de alguma maneira, também morrem, por que não nos damos o direito de nos tornarmos finitos? É preciso incorporar e confrontar os limites da representação e de todos os problemas que a arte e a cultura enunciam. Precisamos pensar numa Museologia do agora. Vivemos de processos que pensam no registro do passado e com a perspectiva do futuro; porém, nunca analisamos e pensamos numa Museologia presente.

Deste modo, foi preciso refletir acerca do objeto museológico e do nosso arquivo corpóreo, que é essencialmente um objeto museológico e envolve aspectos públicos: a sua visibilidade para terceiros e o processo deliberado sobre a seleção do que será incorporado ou não como parte do acervo de um museu.

Esse trabalho é totalmente experimental, documental, bibliográfico e biográfico. Nele, há pontos cegos nos métodos, trazendo uma visão empírica de

múltiplas escolhas e operações que nunca param de ser enunciadas. É uma escrita que iniciou pelo caminho contrário, precisou primeiro o corpo sentir para depois tornar forma. Foi necessário quebrar a moldura que envolvia, romper fluxos estaques e dar força e potência as palavras que nasciam.

Essa fantástica busca por um novo corpo museológico e pela experimentação de um corpo que, em 2020, deixa de habitar o espaço museológico dada uma pandemia que afetou o mundo e nos trouxe um mar de reflexões. Mesmo assim, as instituições que se baseiam no tripé museológico, poucas se constituem como exceções, ao trazer para dentro de seu espaço expográfico alguma intervenção artística que aborde o corpo em movimento. Ainda há um tabu quando se pensa no corpo inserido e dialógico com a exposição.

O corpo em movimento é pensado, nesta pesquisa, como um suporte de musealização, como um local onde ficam salvaguardadas as memórias. Tratar o corpo como um arquivo vivo desafia as premissas dos arquivos mais tradicionais e ao buscar trazê-lo para um espaço museal é algo ainda mais provocante ao entender que o corpo pode tornar-se um objeto.

As micropercepções do campo da criação abrem um processo de escarificação do encontro da vida com a turbulência da criação, o que é fundamental para estabelecer um diálogo do corpo em movimento do dançarino ou performer dentro do espaço museológico.

Poder e a Impermanência

Ao incitar uma discussão sobre o corpo em movimento dentro do espaço expositivo, no mesmo momento um frisson logo se espalha dentro do museu de ares tradicionais, neste mesmo instante observo entre meus pares que extrapolo a linha tênue entre o “bom senso”, “decoro” e os bons costumes dos processos museológicos. É como se a proposição fosse uma espécie de anarquia museológica e obviamente é, sobre essa anarquia que me pego há pelo menos 10 anos pensando e propondo algo que tente encaixar em uma forma mais suleante de prática museológica.

Teorizar sobre o campo museológico é algo meio dicotômico, quando no dia a dia o fazer museal nos faz sentir metaforicamente dentro de um filme de Charlie Chaplin, no qual o labor é completamente sistemático. Para todas as funções há processos e para todos os processos há um sentido quase que único.

Este poder invisível e consensual, que por nós é exercido e dado de maneira presunçosa, afinal, somos nós museólogos que temos uma parcela generosa e com o total consentimento do que entra e do que sai de uma coleção ou de uma exposição, somos nós que castramos o objeto. Ao iniciar sobre o poder indissociável de grandeza da nação que os museus detêm, toda a consolidação do século XIX que segundo Vergés (2023, p. 2) “quando juntou ao seu acervo milhares de objetos de arte e restos mortais que soldados, oficiais, missionários, aventureiros, mercadores e governadores trouxeram com eles no fim das guerras imperialistas e de colonização”, desvela-se então todo o potencial de acumulação e de depósito universal de conhecimento e poder.

Ao passo em que hoje, o museu de arte segue sendo esse espaço de ordem, por isso continua sendo atacado, no qual ambientalistas, manifestantes de causas políticas e sociais buscam chamar atenção para suas causas por meio de interações nas obras, sejam elas jogando talco, sopa, purê ou até mesmo rasgando obras.

Figura 3. Ambientalistas em museu



Fonte: <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/noticia/2022/10/protestos-atingindo-obras-de-van-gogh-e-monet-geram-tensao-em-museus-e-debate-sobre-validade-das-acoes.ghtml> .

Tudo isso para que o museu, dito inatacável, poderoso e soberano, seja visto como um espaço de disputa. Quando me arrisco a lançar uma semente de reflexão acerca da musealização do corpo em movimento, é um reflexo das práticas que hoje o campo vive, hoje ser museu permeia um novo modo de sentir as instituições, um novo movimento de compreender que a própria teoria museológica

está em movimento.

E esse estar em movimento é exercer um papel de aproximação do público com aquilo que desde os seus primórdios são instituídos como instrumentos de poder, a visão elitista que o museu de arte por muitos anos propagou, tinha um poder de repelir qualquer visitante que buscava se aproximar minimamente dos conceitos artísticos.

O museu realizou uma formidável inversão retórica, dissimulando os aspectos conflituosos e criminosos de sua história e apresentando a si mesmo como um depósito do universal, um guardião do patrimônio da humanidade, um espaço para ser cuidado, protegido e preservado de contestações, um espaço com status de santuário, isolado das desordens do mundo. (Vergés, 2023, p. 3)

O museu tradicional como instituição formadora foi utilizado como um modelo regulatório, por muito tempo as visitas mediadas em exposições sejam elas de história ou arte os indivíduos eram orientados a se portarem, talvez seja esse ainda um resquício dos gabinetes de curiosidades, os corpos dentro do museu foram regulados, direcionados e incitados a refletir sobre o passado como uma verdade, propagando o discurso dos vencidos sob a ótica dos vencedores.

A relação entre o poder e a impermanência nos museus é uma reflexão interessante sobre como as instituições lidam com o conhecimento, a autoridade e a mudança ao longo do tempo. Os museus têm sido historicamente vistos como instituições de poder, onde o conhecimento é produzido, preservado e apresentado. Segundo Vergés (2023, p. 3) “ali as pessoas falam baixo, os diálogos são desinteressados, não há excessos ou intemperança”. Eles têm o poder de moldar narrativas, influenciar interpretações e definir o que é considerado valioso dentro de uma sociedade,

[...] as desigualdades estruturais de raça, classe, gênero que existem no museu são reflexo das desigualdades estruturais globais criadas pela escravidão, pela colonização, pelo capitalismo racial e pelo imperialismo. A destruição de palácios e o embargo de suas riquezas, as pilhagens e os roubos sistemáticos e a narrativa de uma história da arte centrada na Europa contribuíram para dar recursos e uma aura inigualáveis ao museu. (Vergés, 2023, p. 4)

No entanto, essa autoridade não é estática; ela pode ser contestada e redefinida por meio de mudanças nas práticas museológicas, avanços na pesquisa acadêmica e demandas de grupos marginalizados por representação e inclusão. Quando pensamos em uma Museologia contemporânea ou uma Museologia do tempo presente, é inevitável não confrontar-se com as teorias museológicas

tradicionais e assim, a impermanência das narrativas, das exposições e coleções dos museus estão suscetíveis à impermanência.

As mudanças nas perspectivas acadêmicas podem levar à revisão e atualização das narrativas apresentadas nos museus. O que é considerado verdadeiro e significativo hoje pode ser reinterpretado ou descartado no futuro, à medida que nosso entendimento do passado evolui.

Os museus enfrentam desafios constantes na representação de uma diversidade de perspectivas e experiências. Isso inclui questões de colonialismo, racismo, sexismo e outras formas de exclusão histórica. O poder dos museus está intrinsecamente ligado à forma como lidam com esses desafios, reconhecendo suas próprias limitações e trabalhando para promover uma representação mais inclusiva e equitativa.

Enquanto os museus são espaços de memória, também estão sujeitos ao esquecimento e à perda. Coleções podem ser dispersas, danificadas ou destruídas ao longo do tempo, e as histórias que contam podem ser esquecidas ou negligenciadas. O poder dos museus de preservar a memória é acompanhado pela responsabilidade de garantir a sua própria continuidade e a preservação das histórias que contam.

Saber da museologia

A Museologia é, de fato, um campo disciplinar fascinante e multifacetado. Envolve o estudo e a prática de como os museus operam, desde a gestão de coleções até a apresentação de exposições e a interação com o público. Em 1979, Waldisa Rússio já enunciava a distinção de *logos* e *grafos*, entendendo a Museologia como pensamento e da museografia como escrita, como aplicação prática da Museologia. O saber fazer da Museologia permeia o campo interdisciplinar, a museografia materializa, espacializa, põe em prática os processos de trabalho, as práticas museais dentro de um museu.

Ao analisar o universo museológico, o campo teórico e técnico da maneira como se constitui sua representação essencial, a Museologia é uma ciência que estuda a relação do homem com o objeto, e a teia que tece o pensar deste artigo, essa relação que estabelecemos quando pensamos o corpo em movimento ser o objeto. Ou seja, o bem simbólico, o aglutinador e mensageiro não estático. A anarquia do pensar museológico é reconhecer que as mensagens que o corpo

transmite dialogam com grupos sociais das mais distintas formas e é este saber fazer que busco pensar quando aciono algumas áreas chaves da Museologia.

Dessa forma, podemos pensar a Museologia como um campo dinâmico, que combina teoria e prática para promover a compreensão e a apreciação do patrimônio cultural e histórico em todo o mundo. A instituição museal está em constante movimento, as teorias museológicas nos últimos anos levaram os teóricos do campo a repensarem a sua própria origem, sua função e suas formas, essas transformações são perceptíveis nas mesas redondas, nas definições de museu e no próprio olhar para o objeto museológico.

A Museologia como um campo prático e interdisciplinar tem em sua história como disciplina científica uma trajetória recente, pensando que o fazer museal é algo milenar, como disciplina sua existência advém de pouco mais de um século, e permanece em constante processo. Precisamos pensar numa museologia do agora, vivemos de processos que pensam no registro do passado e com a perspectiva do futuro, porém nunca analisamos e pensamos numa Museologia presente. Os museus como campo de escolha e poder, o ser humano é sempre levado a escolher, a ser livre, e a liberdade reside em escolher. A escolha também é um modo de expressar o poder – e os acervos de um museu são sempre permeados pela escolha. O poder é potência e não é à toa que essas palavras caminham juntas, o poder é força e conquista, e o museu como um espaço livre e democrático é um espaço de poder.

Este é o momento que lanço o novo diálogo, do pensar um corpo carregado de histórias, memórias coletando, articulando e disseminando experiências tratando o corpo como um arquivo vivo no qual desafia os arquivos mais tradicionais que contêm artefatos e documentos tangíveis e enfatiza o conhecimento que reside no e com o dançarino ou artista. Pensar entre o objeto museológico e nosso arquivo corpóreo (corpobra) é que o objeto museológico é público: é visível para os outros e há um processo de tomada de decisão consciente sobre o que está incluído naquele museu. Portanto, ao questionar o quanto somos conscientes sobre o que está armazenado no arquivo físico (corpobra) de um artista ou bailarino, como isso é armazenado e quanto disso está exposto ao público a qualquer momento por meio de trabalho performático.

Neste momento eu tomo a expressão corpobra como um processo que se abre para discutir a museobiografia, entre o corpobra e o museu está um processo que podemos denominar de museobiografia, que consiste em pensar os processos

museológicos e a biografia como eixos de partida quando narramos corpos em movimento, estamos descrevendo uma vida, quando um museólogo se coloca como narrador de um objeto, da criação de um processo ou até mesmo como porta voz de um discurso. Estamos sempre nessa interrelação ou interlocução com o outro no qual não dissociamos o lugar da prática.

Para Delory-Momberger (2016, p. 4) quando acionamos a biografia, damos

uma dimensão constitutiva da experiência humana, por meio da qual os homens dão forma ao que vivem. Essa temporalidade biográfica tem sua gramática ou sua sintaxe fundamentada na sequência narrativa matricial que representa a trama da vida entre o nascimento e a morte.

Pensar o corpo em movimento é pensar em um processo decolonial, afinal, ao buscar no Brasil e na América Latina, podemos observar exemplos que mostram como o corpo em movimento comunica de forma mais eficaz do que qualquer conceito artístico. Pensar na formação do corpo como um objeto perpassa o campo técnico da Museologia; é necessário também pensar em poesia, antropologia e movimento.

O corpo em movimento como eixo propagador

O que acontece com a vida das coisas quando elas adentram o museu e o que faz com que elas desapareçam? O corpo é a memória que se encarna, que não se reproduz, mas que interpreta e revisita num ato contínuo de movimento. Deste modo a performance, a dança, o happening contribuem para o museu, sendo este uma instituição que está relacionada a produção de objetos estáticos e o movimento permite repensar a memória e o campo do patrimônio no que tange o imaterial.

E pensando neste corpo em movimento e no que permeia, no que se institui, dentro de um procedimento de regras, transforma o que é bem (objeto) em algo musealizado, afinal pesquisamos para o objeto, educamos a partir do objeto, expomos o objeto tudo entorno dessa aura mítica de algo que perde a função viva e torna-se morte.

E é sobre a pulsão de vida, de tornar-se um objeto que trago poema de Galeano (2004, p. 138) intitulado “Janela sobre o corpo”: “A Igreja diz: o corpo é uma culpa. A Ciência diz: o corpo é uma máquina. A publicidade diz: o corpo é um negócio. E o corpo diz: eu sou uma festa”. Uma das citações famosas de Eduardo

Galeano aborda as diferentes perspectivas em relação ao corpo, segundo os preceitos da igreja, da publicidade e da ciência. Enquanto para a igreja o corpo representa pecado, para a ciência é visto como uma máquina e para a publicidade, como um produto comercial.

O corpo é uma celebração. Ele desempenha funções, proporciona diversão, por vezes exagera, contribui para nossa identidade e tem um aspecto social. Sua natureza festiva é o motivo pelos quais pessoas e instituições almejam controlá-lo tanto. Vivemos em uma época que tenta impor uma moderação nessa celebração, tentando transformá-la em uma lógica de corpo-robô.

Quando marco o corpo em movimento como parte deste processo da museobiografia, é o processo que se deriva e perpassa a musealização, não se escreve sobre experiência, mas sobre conhecimento derivado da experiência, o conhecimento sobre a experiência é tanto conhecimento sintético, corporificado, quanto conhecimento “prático” enraizado em suposições sobre a ação.

Os processos de musealização ainda não conseguem preservar plenamente o corpo em movimento devido às técnicas de registro documental. O corpo é considerado um campo expandido que pode ser compreendido como um campo de conhecimento, acessado por meio de um instrumento de alta qualidade e excelência genética. Dessa forma, somos atravessados por uma infinidade de experiências no cotidiano, as quais o corpo acessa, assimila e incorpora, absorvendo aquilo que vemos e vivemos.

Nem tudo é retido; há coisas que simplesmente passam, atravessam e desaparecem. Contudo, há aquelas que permanecem, moldando todas as nossas vivências por meio do corpo, inclusive os processos de musealização, que podem se transformar em uma museobiografia. A busca por esse conhecimento ocorre de forma gradual, através de camadas de compreensão. A memória incorporada pode ser tão ressonante e tão rica em história quanto as obras em exibição nas galerias.

A busca por indexar o movimento cria a vontade de fazer, a intuição e desejo, pensar a museobiografia a partir desses corpos que constroem a história da performance, é acessar o museu através do corpo de quem o acessou pelo menos uma vez, é o corpo que se torna um objeto, é a forma como o tempo presente salvaguarda a obra em movimento.

Museobiografar é o processo que deriva da musealização, é parafrasear a filosofia, exponho logo existo, se o objeto ao adentrar ao museu ganha esta aura mítica, com cunho historicizado e é “eternizado”, os riscos do corpo em movimento

são os mesmos do que qualquer objeto. É o que Artaud (1983) vai nos provocar a refletir sobre o abandono aos automatismos, é diferente do corpo cartesiano, é uma prática ou um conjunto de práticas que se constitui na experiência limite.

Os processos são inseparáveis do corpo e a representação de suas ações no mundo formam uma co-evolução, que Greiner (2005, p. 38) nos incita a “avançar um pouco mais para reconhecer a importância da experiência com mais clareza”. É este corpo que traz as suas estruturas sensíveis, com as suas memórias e com a maneira de interagir com o objeto numa criação de co-evolução. O corpo em movimento como nos traz Greiner (2005, p. 64) é

a história do movimento imaginado que se corporifica em ação. Os diferentes estados corporais modificam o modo como a informação será processada e o estado da mente pode ser entendido como uma classe de estados funcionais ou de imagens sociomotoras

A origem do processo artístico brota desse labirinto de memória e subconsciente, ou de um imaginário quase aprisionado. A musealização parte desse lugar de deslocamento, do objeto que sai do cotidiano e ganha o cunho de culto, de especial, o que é um artista performer ou um bailarino, senão um objeto que biografava a sua existência.

Museobiografar um corpo é se utilizar do processo que deriva da musealização, é quando o objeto ganha o status quo, a museobiografia é esse processo de dar status aos corpos que estão em movimento. É a pulsão que compõe a partitura do cotidiano, que permite que os corpos existam no local que habitam. Todo esse processo de transformar o movimento em objeto, é tensionar o poder das instituições museológicas, com base em vivências anteriores, interação e diálogo, a memória incorporada pode ser igualmente profunda e histórica como as exposições em exibição nas galerias.

A nossa experiência como um espectador de obras e de exposições, quando acionamos o diálogo com o corpo do artista, somos levados a uma viagem física que nos aproxima da narrativa dos artistas ou bailarinos, o modo como acionamos as relações entre tempo presente e a história imprevisível que há em um corpo é o que se aproxima do primeiro encontro com uma obra de arte consagrada.

O corpo também é templo, são agentes da história tanto quanto os objetos estáticos, é possível nos apropriarmos das narrativas e apreendê-las, legitimá-las e decodificá-las. Os processos que nos fazem aproximar de uma exploração inteligente e espirituosa de vivenciar uma jornada coletiva com performers e

bailarinos, que se movem para frente e para trás pela exposição. O processo de museobiografia vai coletar e categorizar algo diferente de artefatos, a museobiografia é desenvolvida das nossas próprias "coleções" de memórias, eventos, performances, treinamento, feriados, ferimentos que cada um de nós carrega.

Pensar o corpo em movimento a partir das diretrizes do museu é compreender que a museobiografia parte de um deslocamento da musealização e vai para um caminho da bricolagem, que os processos eurocêntricos da musealização não cabem na realidade de um corpo em movimento.

Trazer os corpos não normativos para a cena museobiográfica é ocupar espaços que a narrativa, discursos e memórias não dariam conta de ocupar de forma tradicional. Os corpos foram ameaçados por uma pandemia, correram riscos, os museus foram fechados, tornaram-se templo do vazio, performar e dançar tornaram a busca pela narrativa algo mais possível, esta escrita nasceu dos dias vazios e distantes. O corpo como um movimento abriu espaço para continuar a ter esperanças, a dimensão política que reveste o cotidiano museológico abre-se para uma nova percepção de dimensão evanescente por meio da performance e da dança afinal, o museu é lugar para todos os corpos.

Considerações finais

A pesquisa se torna flutuante quando estamos abertos para o diálogo com as fontes, porém é necessário descobrir por onde caminhar. Quando falamos em corpo em movimento, estamos falando de um deslocamento da discussão sobre o objeto museológico e da prática museológica, saímos da discussão tradicional e da dependência de uma materialidade e partimos para uma percepção da cotidianidade, do fluxo da vida, o que Certeau (1990) vai abordar na invenção do cotidiano. Estamos longe de pensar que cotidiano é repetição, ele vai desenrolando com as pessoas, é esse emaranhado de atividades entrecruzadas. É essa bricolagem, a maneira dos povos de transformar e não de repetição.

E são nessas práticas de entrecruzamento, de fluxos não combinatórios, que a vida se desenvolve e que o corpo em movimento pode ser museobiografado. Quando um bailarino, performer, artista, ou qual desdobramento que a arte venha tomar e que seja incorporado nos cânones da História da Arte, possa tornar-se objeto, é neste íterim que mapeamos as funções "e ações no mundo, entendidas,

finalmente de modo inseparável e a partir de seus modos de organização.” (Greiner, 2005, p.19)

Entender que é necessário expandir o campo do patrimônio e, em especial, o campo museal para um diálogo além da materialidade do objeto, entendendo que o corpo do dançarino/performer em movimento pode se tornar passível de ser musealizado. E a partir daí começa então uma busca por algo que poderia se aproximar de um processo museológico, afinal um corpo vivo é algo que ainda não é muito visto como um objeto dentro de espaços assépticos dos museus. Para um processo museológico foi necessário me utilizar de algo, que metodologicamente fosse construído na tese, para isso foram pelo menos dois anos tentando desmistificar os processos de musealização.

Ao passo que tive que compreender que um corpo em movimento é um processo e que não se encerra quando adentramos no museu, é contínuo, é fluxo, é corpo, é vida que pulsa. E são essas pulsações que nos movem diariamente. Nossa experiência como espectadores de obras e de exposições, quando acionamos o diálogo com o corpo do artista, nos leva a uma viagem física que nos aproxima da narrativa dos artistas ou bailarinos, o modo como acionamos as relações entre tempo presente e a história imprevisível que há em um corpo é o que se aproxima do primeiro encontro com uma obra de arte consagrada.

Deste modo museobiografar um corpo é se utilizar do processo que deriva da musealização é quando o objeto ganha o status quo, a museobiografia é esse processo de dar status aos corpos que estão em movimento. É a pulsação que compõe a partitura do cotidiano, permite que os corpos existam no local que habitam. Todo esse processo de transformar o movimento em objeto é tensionar o poder das instituições museológicas, com base em vivências anteriores, interação e diálogo, a memória incorporada pode ser igualmente profunda e histórica como as exposições em exibição nas galerias.

Acredito que o caminho da museobiografia é um processo que ainda não está pronto, que segue em experimentação, mas que a partir das fotos, dos vídeos, dos recortes bricolados que utilizei como metodologia pode abrir espaço para essa discussão nos museus, afinal o museu é lugar de corpo vivo.

REFERÊNCIAS

AGANBEM, G. **Reino e Glória**: Uma genealogia teológica da economia e do governo. São Paulo: Boitempo, 2015.

ARTAUD, A. **Linguagem e vida**. São Paulo: Perspectiva, 2006. 290 p.

ARTAUD, A. Para acabar com o julgamento de Deus (1947). **Escritos de Antonin Artaud**. Porto Alegre: L&PM, 1983.

BRULON, B. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. **Anais do Museu Paulista**, v. 28, p. 1-30, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/KXPYHFZfFNqtGd9by39qRcr/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

BRULON, B. Re-interpretando os objetos de museu: da classificação ao devir. **Transinformação**, v. 28, n. 1, p. 107–114, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/DbzMxWw5sTW384L3mcqBJKJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2023.

BRUNO, M. C. O. (Coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAGAS, M.; GONÇALVES, R.; VASSALLO, S. Uma etnografia da vacinação no Museu da República. In: CHAGAS, M.; GONÇALVES, R.; VASSALO, S. (Orgs.). COMPARTILHADA DE UM SABER DO SINGULAR. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 133-147, 2016. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n1.p133-147. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 17 jul. 2023.

CONSIDERA, A. F. Os museus e os primórdios da Museologia brasileira no século XIX. In: MAGALDI, M. B.; BRITO, C. C. (Orgs.). **Museus & Museologia**: desafios de um campo interdisciplinar. Brasília: FCI-UnB, 2018. p. 61-72. **Cuidando da vida**: relatos da vacinação contra a COVID-19 no Museu da República. Série Documentos Museológicos, n. 6, 2023. Disponível em: [https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2023/02/Livro_Cuidando -da-Vida_Etnografia-daVacinao- 060223.pdf](https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2023/02/Livro_Cuidando-da-Vida_Etnografia-daVacinao-060223.pdf). Acesso em: 20 set. 2023.

DELORY-MOMBERGER, C. A PESQUISA BIOGRÁFICA OU A CONSTRUÇÃO FOSTER, S. Coreografando a história. In: WILSON, J. B.; Ardui, O. (Org.). **História da dança**: vol.2 antologia. São Paulo: MASP, 2020.

GALEANO, E. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GONÇALVES, J. R. S. **A Retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no

Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 1996.

GREINER, C. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

GUARNIERI, W. R. C. **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. Org. Maria Cristina Oliveira Bruno. São Paulo: Pinacoteca do Estado/Secretaria Municipal de Cultura/Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

GUSSO, L. C. S.; GUSSO, R. B. Covid-19 e repressão: o policiamento e as novas formas de controle social. In: MELO, E.; BORGES, L.; SERAU JÚNIOR, M.A. (Orgs.). **Covid-19 e o Direito**: Mudanças e Impactos. São Paulo: Tirand lo Blanch, 2021.

HEINICH, N. Os objetos-pessoas. Fetiches, relíquias e obras de arte. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, vol. 31, n 1 [online], jan.-jun., p. 159-179, 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922013000100002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/Lft3QKjJ6mxTsMdLHhkKwwm/?lang=pt#>. Acesso em: 26 jun. 2023.

KIFFER, A. Prefácio: é preciso limar o muro da figura, da palavra. In: ARTAUD, A. **A nota fervorosa**. São Paulo: N-1, 2022.

LEPECKI, A. O corpo como arquivo: a vontade de reencenar as sobrevivências das danças. In: WILSON, J. B.; Ardui, O. (Org.). **História da dança**: vol.2 antologia. São Paulo: MASP, 2020.

PRIMO, J.; MOUTINHO, M. **Introdução à Sociomuseologia**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. Lisboa, 2020. 558 p.

RIBEIRO, M. **O museu imaginário**. 2010. Disponível em: <https://incinerrante.com/textos/o-museu-imaginario/>. Acesso em: 17 mai. 2024.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v.6, n. 19, p. 37-50, set.-dez., 2006. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-416x2006000300004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 15 abr. 2023.

SENNETT, R. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 3 ed., Riode Janeiro, Record, 2003.

SHAPIRO, R.; HEINICH, N. Quando há artificação? **Sociedade e Estado**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 14-28, abr. 2013. FapUNIFESP (SciELO).

UNO, K. **A gênese de um corpo desconhecido**. São Paulo: n.1 Edições, 2012.

VERGÉS, F. **Decolonizar o Museu**: Programa de desordem absoluta. São Paulo: UBU, 2023.

WILSON, J. B.; Ardui, O. (Org.). **História da dança**: vol.2 antologia. São Paulo: MASP, 2020.

Contribuições para os processos de formação continuada de tutores EAD: Reflexões para o contexto da Unilasalle à luz dos valores lassalistas

Ione Maria Franco Teixeira

Introdução

Na educação eficaz e eficiente, entendemos que o aluno e o professor são sujeitos do ensinar e do aprender e que as pessoas e a instituição sejam constantemente aprendizes e agentes do processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, para atingir eficiência, é necessário que haja planejamento, acompanhamento e avaliação. Além disso, é fundamental promover processos de formação continuada.

Em relação a esse tema, meu desejo é que possamos juntos contribuir para uma formação continuada baseada nos princípios de ternura e firmeza para uma educação em um modelo do qual possamos nos orgulhar de fazer parte. Partindo do exemplo do Padroeiro dos Professores, São João Batista de La Salle, buscamos uma educação integral e integradora, cristã, centrada no aluno, ligada à vida, eficaz e eficiente, fraterna, participativa e aberta nos termos profissionais envolvidos na educação Lassalista. Independentemente da sua função, o aluno perceberá esses conceitos em todas as ações da aprendizagem, tanto na mediação da tutoria como na preparação do encontro presencial e on-line por parte do professor e nos demais ambientes da sua formação acadêmica.

Este artigo tem como motivação a discussão do perfil da tutoria EaD no contexto da educação Lassalista. No cenário em questão, é esperado que esse perfil dialogue com os princípios e valores Lassalistas e com as diretrizes educativas da Unilasalle, convergindo para uma nova forma de aprender, especificamente por meio da modalidade a distância e interagindo de modo a conseguir despertar novas possibilidades de ensinar e aprender. Este artigo é fruto de uma dissertação de mestrado na qual foi produzida uma proposta de jogo de tabuleiro para contribuir no processo formativo de tutores. Neste texto, avançamos em algumas reflexões decorrentes desse processo de pesquisa.

Registro minha inquietude diante da escrita deste artigo quanto à atuação e

à interferência do tutor para com o discente. E desta forma, durante a escrita deste texto, muitas vezes me sensibilizei lendo sobre a história das primeiras escolas fundadas por São João Batista de La Salle.

Foram outros tempos. Havia, naquela época, dificuldades para a implementação de uma forma inovadora de aprender, não mais individual, mas em salas de aula em grupos, era outra perspectiva na relação professor-aluno. Mas, em certa medida, hoje, ainda vivendo tempos inovadores na rede La Salle, com quebras de paradigmas na educação, especialmente quando pensamos na educação a distância, na qual o papel do professor está se desenhando em outro formato, preparando encontros presenciais e dinâmicas a serem desenvolvidas nas respectivas disciplinas, em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

A individualidade do discente EaD é um desafio, porque o conhecimento envolve vários aspectos. Em uma perspectiva de educação formadora, preocupamo-nos em conhecer o seu meio familiar, o mercado de trabalho, as aptidões, os gostos particulares, em vez de considerar somente o seu rendimento escolar. Esse olhar por parte do tutor é muitas vezes limitado, devido ao pouco convívio.

Todas as interações entre os diferentes atores deste contexto educacional, que ocorrem de forma virtual, são elementos para análise e consideração em sua forma de compreender a sua inserção numa modalidade diferenciada da práxis até então conhecida. Nesse sentido, a ação do tutor pode ser transformadora, pois o seu exemplo e troca de experiência enquanto profissional da área de estudo do discente pode fazer uma significativa diferença para a mediação.

Segundo Halbwachs (2006, p. 161), explica que “[...] é preciso haver um testemunho para um fato e esse fato se torna memória para um grupo”. Essa é a importância de estudar a história de uma personalidade tão relevante e significativa para a educação. Além disso, é oportuno investigar como diferentes narrativas desse contexto inspiram os profissionais que atuam nessa rede, a ponto de se identificarem como educadores Lassalistas.

Ainda segundo Halbwachs (2006, p. 161), “[...] para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”. Nesses termos, o legado desse sacerdote nos serve de inspiração para compreender a educação a partir de uma perspectiva de engajamento e humanidade, baseada na fé.

As lembranças se farão presentes neste artigo, com significado, e por

instantes adoto o ponto de vista dos (auto)denominados educadores Lassalistas, entro neste grupo e me constituo parte, participe das memórias coletivas. Isso porque a ideia é utilizar a lembrança como influência na caminhada como educadora e pesquisadora Lassalista.

Segundo a bibliografia “Ensinar a bem viver”, organizada por Fossatti, Hengemüle e Casagrande (2011), temos muitos ensinamentos sobre a filosofia Lassalista, o que nos dá compreensão para o perfil de profissional para atuar de acordo com os ensinamentos de La Salle. Continuando com o perfil de educador de São João Batista de La Salle, registramos a constituição na formação das Escolas Cristãs, iniciando sua trajetória em 1679 (em Reims), estabelecendo uma escola para meninos carentes, com recursos iniciais da Senhora Maillefer, parentada de La Salle. Várias escolas assim foram abertas, em uma história marcada por muitos desafios (GIL; MUÑOZ, 2013). Ao longo dos anos novas gerações assumiram a continuidade de sua obra. Alguns dados históricos serão apresentados na sequência deste texto e temos uma pretensão de ilustrar um pouco dos mais de trezentos anos de histórias e memórias Lassalistas.

Ousamos com uma análise focada na visão Lassalista enquanto educação (história/memória/experiência). Isso é o que tenho feito nos momentos da reflexão e leitura: sobre como fazer uma educação de forma integral e integradora, envolvendo vários contextos na leitura do perfil dos alunos e suas vivências para a construção de um novo saber, renovado e dirigido por aspectos que envolvem os fundamentos da educação Lassalista. Tenho por inspiração uma visão:

Integral e integradora: que formasse integralmente, com atenção ao todo da pessoa, desenvolvendo harmonicamente níveis, as dimensões e as relações, de modo que os conteúdos e valores ensinados e aprendidos fossem colocados em prática na vida de cada estudante, conformando uma unidade e um sentido de vida, em síntese, La Salle se propôs a ensinar a bem viver. (PROVÍNCIA LA SALLE BRASIL CHILE, 2014, p. 11).

Os fundamentos da educação Lassalista abordam questões contemporâneas da escola, do ponto de vista metodológico, trata-se de um ensaio teórico-prático, em que as questões são trabalhadas e organizadas com base nos princípios Lassalistas. Faremos alguns registros nesta escrita sobre temas do cotidiano atual da escola, cada um com o seu enfoque analítico, tendo em comum o pensamento e a proposta educativa, sendo assim:

Temos presente, em nosso modelo de educar, a globalização, a pluralidade e a diversidade da nossa sociedade, que são fonte de reflexão e possibilidades de mudança, de inovação e de unidade. A globalização atinge todos os campos da nossa vida, diminuindo as distâncias, aproximando as experiências humanas mediante novos meios de comunicação, contrastando com as desigualdades sociais e lacunas históricas, como o analfabetismo, a fome e os baixos índices de desenvolvimento humano, ainda presentes em vários países (PROVÍNCIA LA SALLE BRASIL-CHILE, 2014, p. 14).

Isto posto, é importante ressignificar os fundamentos da formação continuada de educadores da Rede La Salle. A missão Lassalista envolve o legado histórico e seu reflexo hoje. A inovação pedagógica e as metodologias ativas são características das escolas inspiradas em La Salle. São princípios Lassalistas: a fidelização do aluno enquanto valor institucional, a escola³⁰ e o seu espaço de pesquisa, com inovações, descobertas e a ternura na dimensão do ensino-aprendizagem. Conforme preza a Rede La Salle:

Possuímos uma visão humanista e cristã de ser humano: um ser integral de múltiplos níveis (físico, psíquico e racional-espiritual), dimensões (afeto, inteligência e vontade) e relações (consigo, com o outro, com a natureza e com Deus); um ser histórico, político, simbólico e aberto ao transcendente; um ser vocacionado a ser mais e em constante busca por realização; um ser capaz de aprender, que se constrói e reconstrói permanentemente (PROVÍNCIA LA SALLE BRASIL-CHILE, 2014, p. 16).

Essa visão humanista leva o olhar cuidadoso por parte dos profissionais que atuam na filosofia dessa instituição, tendo uma condução do seu trabalho baseada na perspectiva integral, no sentido de compreender que o ser é um todo formado por diferentes partes e a educação de qualidade tem compromisso de direcionar para o bem a formação do aluno. Nesses termos, como a instituição escolar é um pilar de instrução não somente de conteúdos, habilidades e competências específicas, mas de posturas de vida, o compromisso com a orientação de valores humanos é imprescindível. A escola forma para a vida, dá ferramentas para que se viva melhor em sociedade, para que o indivíduo se conheça a si e ao outro.

De tal modo, as instituições de ensino são parte importante na formação dos sujeitos. Todo o convívio que há no ambiente escolar faz com que as aprendizagens e as vivências sejam alargadas porque interagimos com diferentes pessoas, de diferentes idades, com culturas plurais e variadas visões de mundo, o

³⁰ O termo escola é usado na educação lassalista como sinônimo de espaço de aprendizagem, sendo escolas de educação básica, serviços assistenciais ou instituições de ensino superior.

que dá base heterogênea para a formação. Isso favorece um olhar mais empático sobre o mundo. Ademais, coloca o sujeito frente a diversificados tipos de situação, que ampliam seu repertório de memórias e, portanto, aumentam suas formas de compreender o mundo.

O pioneirismo de La Salle a partir de 1600 se estende e permanece nos anos 2000. As práticas educativas são expressadas e testemunhadas nas ações socioeducacionais de La Salle, divulgando o seu legado e uma proposta na qual se mantenha um interesse em inovações. A inovação nos remete ao favorecimento da aprendizagem, envolvendo no ensino procedimentos que renovam e potencializam os meios de ensinar e aprender, bem como ensinar a aprender.

O aprender torna a sala de aula um laboratório com indagações e busca de respostas, ampliando e aperfeiçoando as práticas didáticas, a partir de metodologias ativas. A proposta das metodologias ativas incentiva o engajamento, a motivação e participação dos alunos, reconhecendo a importância dos processos que estimulam a reflexão, produção criativa e crítica do conhecimento. Isso faz com que sejam deixados de lado o desinteresse e a dispersão.

Nas metodologias tradicionais, são utilizadas as exposições de conteúdos, usando por exemplo slides e projeções, fomentando apenas o ouvir e gerando uma atitude passiva no aprendiz. Com isso, muitas vezes perde-se a oportunidade de o aluno se expressar e se sentir participante do seu próprio momento de aprendizagem. A proposta Lassalista é outra: colocar o aprendiz como protagonista, fomentando uma proposta ativa e integral de aprendizagem. Isso porque na visão Lassalista

[...] o preparo humano da pessoa humana em geral e o do cristão, do cidadão e do profissional em particular, não é realizado só pelos conteúdos ensinados, pelas experiências vividas, pelos exercícios executados, as disposições e habilidades desenvolvidas; é feito também pelo modo como se conduz o processo de ensinar e aprender (HENGEMÜLE, 2007, p. 201).

A utilização das novas tecnologias permite reconstruir o cenário, atualizando-o e gerando um ritmo crescente na agilidade das investigações que envolvem o tema a ser desenvolvido, em um encontro presencial e/ou virtual, buscando gerar a aplicação dos objetos de estudo numa prática didática. Isso converge para um conhecimento construído junto ao educando, mesclando e projetando no tema a ser estudado as experiências de ambos (grupo) envolvidos numa nova forma de aprender, com uma conexão interativa.

Esse novo caminhar de aprendizagem envolve a mais nova modalidade, o EaD – Educação a Distância –, cuja oferta de cursos de graduação nas instituições lassalistas dá-se a partir de 2017, com Polos EaD no território nacional, em locais onde existem IES, Colégios e igualmente Parceiros da nova modalidade, que se caracteriza por uma forma de prática educativa,

Como uma modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005).

A experimentação e utilização da modalidade a distância na Unilasalle remonta-se a meados de 2005 (ORTH et al., 2007; 2011). Mesmo que essa modalidade estivesse presente na Unilasalle por meio de cursos livres (extensão) ou em disciplinas híbridas ou em EaD de cursos presenciais (dentro do permitido na legislação, que era 20%; sendo hoje 40%), as dinâmicas e as estruturas administrativas para implantar um curso de graduação totalmente a distância são bastante distintas.

Os recursos nesse cenário virtual são ferramentas que fazem uso da internet. Sua utilização é considerada como expressiva no cenário de ensino-aprendizagem, expandindo as possibilidades de produção e comunicação do conhecimento do aprendiz e igualmente do educador que se envolve na construção de uma problematização para troca de conhecimentos de um tema específico. A implementação desse caminho, como em outros níveis e modalidades, é efetivada pela busca de melhoria contínua e produção de novos conhecimentos.

A dimensão humana é inerente às relações interpessoais da convivência (do viver com) na sociedade, na escola, na sala de aula. A afetividade, a empatia, o acolhimento, a qualificação do outro, o respeito, a verdade, a sinceridade, a assertividade, a mediação, enfim, as relações movidas por consideração a si próprio, ao outro, assim como ao ambiente institucional, que propicia convívio e trabalho, tudo se associa à dimensão humana (RANGEL, 2006).

La Salle deixou um verdadeiro legado, tanto na perspectiva da educação quanto da psicologia diante das orientações dadas por ele em relação ao modo de operar para trabalhar o caráter e o temperamento dos estudantes, haja vista que há uma diversidade de modos de ser, sendo necessário que os educadores saibam lidar com as diferenças. Para La Salle, “[...] cada criança e cada jovem merece um tratamento de acordo com sua história, suas experiências, suas inclinações, seus

problemas pessoais e suas diferenças” (WESCHENFELDER, 2017, p. 180).

O bom professor tem que ter acesso à psique do aluno. Para que isso ocorra, é necessário o conhecimento individual profundo, porque “[...] a atenção ao individual corria risco devido ao método coletivo por ele desenvolvido com muito sucesso e às recomendações para que os professores não aplicassem tratamentos diferenciais” (WESCHENFELDER, 2017, p. 181).

La Salle nos chama a atenção para as diferenças individuais, principalmente para com os mais pobres, já que estes necessitam de um maior afeto, cuidado e compreensão. Nesse sentido, o professor tem que entender a psique desse aluno, que muitas vezes apresenta um comportamento que vem enraizado em razão da ausência de cuidados e atenção.

Outrossim, Candau (2011, p. 15) argumenta que, quanto à dimensão técnica, é possível relacionar vários componentes: “Aspectos como objetivos instrucionais, seleção do conteúdo, estratégias de ensino, avaliação etc. Todos esses temas constituem o seu núcleo de preocupações”. Versar sobre o aspecto rotulado objetivo e racional do processo de ensino e aprendizagem.

Nesta conjuntura, observa-se que La Salle foi o pioneiro do Ensino Fundamental, diante de sua dimensão técnica em suas variáveis físicas, ambientais, instrucionais, didáticas, organizativas e sistemáticas. Além das dimensões humanas e técnicas, tem-se a dimensão sociopolítica, em que se propõe a produção e os efeitos de inclusão social, o direito de todos à educação, de acesso ao trabalho, além de transformação da sociedade, de ascensão de classe social, bem como da preparação para a cidadania. Diante do exposto, verifica-se que as escolas Lassalistas produziram na França a supressão das classes sociais divididas entre plebeus, burgueses e nobres (WESCHENFELDER, 2017).

Educar a distância não significa simplesmente disponibilizar uma grande quantidade de informações e de exercícios semiprontos, na esperança de que seja suficiente para que o aluno aprenda. [...] na Educação a Distância o papel do professor se modifica e é dividido entre o Coordenador do curso, professor responsável da disciplina, pelos tutores e suporte técnico (FUJITA, 2009, p. 6).

Com o avanço tecnológico, consolidou-se a Educação a Distância e muitos elementos passaram a surgir para as práticas de ensino. Desse modo, uma das figuras que apareceram foi o tutor. Em outras palavras, a expansão da Educação a Distância nos últimos tempos, amparada pelos avanços tecnológicos, fez com

que surgissem novas práticas de ensino e novos atores, incluindo o papel do tutor.

Desse modo, entra em cena a figura do tutor, que é nada mais do que o mediador que orienta os alunos, tira suas dúvidas, direciona os conteúdos, ferramentas, etc. (CARVALHO, 2016). E nesta esteira surgem inúmeros problemas para compreender as suas funções e atribuições.

O Ensino a Distância utiliza o professor na função do tutor, orientando e mediando as atividades dos alunos. Segundo o Ministério da Educação – MEC, "[...] o corpo de tutores desempenha papel de fundamental importância no processo educacional de cursos superiores a distância e compõe quadro diferenciado, no interior das instituições" (BRASIL, 2007).

A tutoria a distância atua a partir da instituição, mediando o processo pedagógico junto a estudantes geograficamente distantes, e referenciado aos polos descentralizados de apoio presencial. Sua principal atribuição deste profissional é o esclarecimento de dúvidas através de fóruns de discussão pela Internet, pelo telefone, participação em videoconferências, entre outros, de acordo com o projeto pedagógico (BRASIL, 2007, p. 21).

Pode-se considerar que o tutor EaD é um novo modelo de educador. Assim, ele precisa estar atento a respeito das principais tendências da educação on-line adequando-se da melhor maneira possível às necessidades de seus alunos (CARVALHO, 2016).

Desse modo, “[...] a tutoria EaD pode ser compreendida como sendo uma ação orientadora e pedagógica global, base para proporcionar a instrução de alunos na modalidade de educação a distância” (CARVALHO, 2016, s/p.). Moore (2007, p. 147) demonstra que a função do tutor pode apresentar dois desafios centrais, quais são:

- o tutor não sabe como os alunos reagem ao que lhes é dirigido, ou seja, a reação quanto ao material que foi preparado (vídeos, textos, imagens, etc.) pode ser diferente para cada indivíduo. Portanto, o desafio reside em conseguir decifrar as reações dos alunos aos diferentes comandos que lhes são dados;
- o conhecimento é conduzido por intermédio de uma tecnologia, ou seja, os tutores precisam descobrir as limitações e o potencial da tecnologia e as melhores técnicas para comunicação por meio dela. (Moore, 2007, p. 147)

Nesse sentido, ao se tratar sobre a Educação a Distância deve-se considerar que os profissionais da área precisam possuir capacidades excepcionais, como entender a personalidade de seus alunos, tentar criar engajamento entre quem assiste a aula e o tutor, para que se possa enxergar os problemas e as facilidades que os alunos vêm percebendo com o ensino.

Veja que é necessário que o tutor entenda a importância de orientar seus alunos e facilitar a vida destes estudantes no contexto on-line. Além disso, sempre tentar manter o interesse de quem assiste à aula, com mecanismos motivacionais, é um dos papéis importantes do tutor. Preocupar-se com a formação do educando e formar um contexto propício para isso é uma de suas tarefas. Nesses termos, é possível dizer que o tutor é aquele que dá orientação acadêmica e acompanhamento pedagógico, certificando-se também dos traços que indicam a avaliação das aprendizagens.

O papel do tutor é fundamental para uma boa educação a distância e não é uma tarefa simples. Há muito a se trabalhar e pesquisar para conseguir um bom método pedagógico sobre como se deve dar a melhor atenção ao aluno. Nesse sentido, Almeida alega que:

Participar de um curso a distância em ambientes digitais e colaborativos de aprendizagem significa mergulhar em um mundo virtual cuja comunicação se dá essencialmente pela leitura e interpretação de materiais didáticos textuais e hipertextuais, pela leitura da escrita do pensamento do outro, pela expressão do próprio pensamento por meio da escrita. Significa conviver com a diversidade e a singularidade, trocar ideias e experiências, realizar simulações, testar hipóteses, resolver problemas e criar novas situações, engajando-se na construção coletiva de uma ecologia da informação, na qual valores, motivações, hábitos e práticas são compartilhados. Cada participante do ambiente tem a oportunidade de percorrer distintos caminhos, nós e conexões existentes entre informações, textos, hipertextos e imagens; ligar contextos, mídias e recursos; tornar-se receptor e emissor de informações, leitor, escritor e comunicador; criar novos nós e conexões, os quais representam espaços de referência e interação que pode ser visitado, explorado, trabalhado, não caracterizando local de visita obrigatória (ALMEIDA, 2001, p. 338).

Assim, o tutor é protagonista do processo de Educação a Distância, sendo o responsável pela mediação de todo o processo de ensino do curso. Segundo os Lázaro e Asensi (apud SILVA, 2008, p. 37), "[...] a tutoria é uma atividade inerente à função do professor, que se realiza individual e coletivamente com os alunos em sala de aula a fim de facilitar a integração pessoal nos processos de aprendizagem”.

Conclusão

Espero que o percurso de leitura tenha sido prazeroso e satisfatório, como foi para mim escrever este texto. Mesmo que desdobramentos e complementos se

façam necessários, como em todo processo em construção característico da pesquisa, é possível identificar que, em linhas gerais, os objetivos propostos foram atingidos.

Acredito que a legitimidade de um educador é composta por competência, formação, amor, sensibilidade e humildade, qualidades essenciais para o seu trabalho. Além de estar em sala de aula ou em outro ambiente de aprendizagem, o professor/educador é um modelo de conduta na busca por uma educação mais humanizada.

Neste artigo busquei lançar um olhar com ternura diante do papel do tutor EaD, pois seu contato com o aluno vai além da mediação do conteúdo técnico, uma vez que entendemos que o aprender passa por sua sensibilidade de emoções. A cada momento do nosso viver acadêmico descobrimos que produzimos e somos mais felizes quando conseguimos expressar emoção, seja num encontro síncrono, seja em atividades assíncronas, seja numa live, seja presencialmente ou não.

Segundo Gondar (2005, p. 97, grifos da autora) “a memória não quer (ou deve) permanecer ou se constituir como aquisição individual ou isolada. A memória social exige atração, interlocução, mediação, vinculação e cumplicidade. Não se trata, portanto, de algo próprio à ‘natureza humana’”. Edificação, determinação, articulação, adensamento e organização social confessam que ela é uma das extensões ou conexões do real.

Nesse sentido, que o real seja uma nova forma de agir junto ao aluno, que a formação faça brilhar o nosso “olhar”, jogando-nos a construir uma educação mais humana, afetuosa e com princípios. Tudo para um sonho de uma nação mais humana, mais autêntica, mais saudável.

REFERÊNCIAS

ACHILLES, Daniele; GONDOR, Jô. A memória sob a perspectiva da experiência. **Revista Morpheus**: estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, ago/dez. 2016. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/morpheus/article/view/6055>. Acesso em: 11 ago. 2021.

ALMEIDA, M. E. B. Formando professores para atuar em ambientes virtuais de aprendizagem. In: ALMEIDA, F. J. (Org.). **Educação a distância**: formação de professores em ambientes virtuais colaborativos e aprendizagem. São Paulo: Projeto NAVE – PUC-SP, 2001. p. 20-40.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Tecnologia e Educação a Distância**: abordagens e contribuições dos ambientes digitais e interativos de aprendizagem. GT: Educação e Comunicação/n.16. Disponível em: http://www.radio.teatro.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2003/tecnologia_e_educacao.pdf. Acesso em: 11 ago. 2021.

ARAÚJO, Adilson Cesar de. **Gestão, Avaliação e Qualidade da Educação**: contradições e mediações entre políticas públicas e prática escolar no Distrito Federal. Brasília, 2011. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9994/1/2011_AdilsonCesardeAraujo.pdf. Acesso em: 11 ago. 2024.

AZEVEDO, A. B. **Tutoria em EaD**. Valinhos: Anhanguera Educacional, 2011.

BELMONTE, Lorenzo Tébar. **Repensar a Pedagogia Lassalista com visão de futuro à luz das atuais**. Caderno MEL. n. 50, 2014, p.1-21.

BENEDETTI, C. **A educação a distância como opção**: os aspectos da gestão. Valinhos: Diretoria de Extensão e Pós-Graduação. Anhanguera Educacional, 2012.

BRASIL. Ministério da **Educação** e Cultura. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que dispõe sobre a Diretrizes e Bases da Educação. Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da **Educação**. Secretaria de Educação a Distância. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5622-19-dezembro-2005-539654-publicacaooriginal-39018-pe.html>. Acesso em: 13 maio 2024.

BRASIL. Ministério da **Educação**. Secretaria de Educação a Distância. Referenciais de qualidade para educação superior à distância. Brasília, DF: MEC, 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2024.

CANDAU, Vera Maria. A didática em questão. Editora Vozes Limitada, 2011.

CAPELLE, N. A Inovação Educativa Lassalista. **Caderno MEL**, n. 4, 2002.

CAPELLE, N. A Inovação Educativa Lassalista. **Caderno MEL**, n. 4, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

Memórias e expectativas na formação profissional: um estudo sobre gestão esportiva na Região Metropolitana de Porto Alegre

*Marco Antonio Merenhque Silva
Robson da Silva Constante
Patrícia Kayser Vargas Mangan*

Introdução

A história não existe só no homem ou só no mundo. A história não existe sem os dois: homem e mundo (FREIRE, 2000, p. 65).

Este trabalho tem como tema a formação em gestão esportiva pelos profissionais em Educação Física. Objetiva construir como produto técnico uma formação continuada sobre gestão esportiva para profissionais da área do esporte e profissionais de Educação Física. Durante a pesquisa, foram coletados dados e relatos de discentes e egressos da Universidade La Salle, associados da Associação de Profissionais de Educação Física do Rio Grande do Sul (APEF-RS) e profissionais que desenvolvem a gestão esportiva em seu dia a dia. Tal proposta teve como motivação a proximidade do mestrando com o objeto de estudo. O presente texto apresenta o percurso e os resultados desta investigação, tendo sido dividido em oito capítulos.

Esta pesquisa tem como tema a formação em Gestão Esportiva pelos profissionais em Educação Física. Um entendimento sobre esse tema que integra visões de diferentes autores é expressa por Salles *apud* Slack e Parent (2006): a Gestão Esportiva é centrada na organização esportiva, considerando-a uma entidade social, com objetivos claros e limites bem definidos, envolvida na indústria do esporte. O gestor esportivo, enquanto um dos responsáveis pelo desenvolvimento do esporte, tem assumido importante papel na gestão de recursos humanos e do mercado de negócios, favorecendo também a promoção de associações representativas (ROCHA; BASTOS, 2011). Assim, a ampliação e a melhoria da qualidade da formação inicial desses profissionais são necessárias, no intuito de que a gestão esportiva deixe de ser amadora e passe a profissionalizar-se (BASTOS; MAZZEI, 2012; BASTOS; MOCSÁNYI, 2005; ROCHA; BASTOS, 2011). Conforme as últimas resoluções 07/2004 (BRASIL, 2004) e 04/2009 (BRASIL, 2009) entende-se a importância dos paradigmas regulatórios nos cursos de graduação em Educação Física, as oportunidades e dimensões da formação inicial do gestor esportivo e as competências

a serem adquiridas no decorrer do curso não são priorizadas, diante da perspectiva de formação generalista na área, onde se faz a continuidade na formação do profissional em Educação Física.

Esta pesquisa parte do pressuposto que a percepção e o interesse dos discentes da graduação e profissionais graduados que atuam na área da gestão esportiva podem ajudar a elucidar aspectos identitários, bem como de competências e habilidades do gestor esportivo. Seguindo a metodologia que será detalhada posteriormente, e por entender ser relevante o profissional continuar se qualificando, a pesquisa contempla a coleta de dados junto aos discentes matriculados em uma disciplina de graduação em gestão esportiva e egressos do curso de Educação Física da Unilasalle, e um público mais amplo vinculado à Associação de Profissionais de Educação Física do Rio Grande do Sul (APEF-RS). O foco, ainda que não excludente, é de residentes da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Essa pesquisa busca também verificar o interesse em uma capacitação formal em gestão esportiva. O processo de formação na graduação é uma fase em que o discente é estimulado a várias habilidades esportivas e o encantamento ocorre naturalmente na maioria das disciplinas durante o curso. Mas, a Universidade também deve ser um espaço para desenvolver competências e habilidades que habilite o discente a novos mercados de trabalho. A referida avaliação com discentes de graduação, ocorreu na Universidade La Salle por meio de estágio docente e aplicação de questionário. No estágio que realizei na disciplina de gestão esportiva, na graduação em Educação Física, é nítido que o discente fica encantado com algumas dinâmicas da disciplina. Em particular, a disciplina é dividida em duas partes e faz com que o discente possa vivenciar teórico e prática.

Ainda assim, sua atuação profissional inicial e de curto prazo muitas vezes não permite vislumbrar o potencial de um (novo) mercado na área de gestão esportiva. Ao ter a oportunidade de atuar na gestão esportiva, com o passar do tempo na referida função, o profissional percebe que precisa se qualificar. Assim, ao ingressar no curso de Mestrado em Memória Social e Bens Culturais velhas e novas inquietações foram criando formas durante os doze créditos obrigatórios, através das disciplinas cursadas e dos discursos dos professores que me levaram a seguir esse caminho de pesquisa. A partir de diversas inquietações, definir o seguinte **problema de pesquisa**: quais lacunas na formação inicial do educador físico que dificultam sua atuação como gestor

esportivo? Adicionalmente estabeleci duas questões norteadoras: como construir uma formação continuada em gestão esportiva a partir de percepções e expectativas dos discentes e egressos de educação física? Como as narrativas e trajetórias de experientes gestores esportivos podem subsidiar a proposta?

Diante do até aqui apresentado, foi proposto como **Objetivo Geral** compreender o que caracteriza um gestor esportivo no contexto brasileiro.

Foram ainda definidos os seguintes **Objetivos Específicos**, quais foram:

- Avaliar as percepções de interesse dos discentes na disciplina de Gestão Esportiva da Unilasalle e nos conceitos trabalhados nesta;
- Pesquisar as percepções de educadores físicos sobre competências e habilidades necessárias para a atuação na área de gestão esportiva;
- Registrar a trajetória pessoal e profissional de gestores esportivos identificando competências e habilidades que contribuem para o sucesso nas suas carreiras;
- Construir uma proposta de curso de especialização a partir de relatos de Discentes, Egressos e Associados Profissionais de Educação Física avaliando a viabilidade do curso de especialização.

Assim, esperamos que as discussões dos resultados e conclusões desta pesquisa, tenham aplicação e repercussão direta tanto em termos de produção científico-acadêmica quanto na formação continuada de gestores esportivos. Para contribuir com a formação continuada, a proposta de produto técnico consiste em uma proposta de curso de pós-graduação *lato sensu*. Este curso é direcionado ao profissional Educação Física tem sido debatida desde sempre, nos anos 1980 teve uma maior preocupação com a profissionalização do profissional em Educação Física, principalmente quanto à estrutura curricular, criando-se uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

O profissional de Educação Física possui um papel de destaque na educação esportiva e na sociedade por ser um dos responsáveis pela saúde (corporal). Nos primeiros vestígios encontrados na memória descrita pela história sobre o educador físico, tinha a seguinte definição “área que aborda pedagogicamente questões relativas ao corpo humano”, essa característica de competência curricular, constituiu-se por algumas abordagens de ensino em meio a diversas tendências curriculares que expressam visões diferenciadas do homem e da sociedade. A identidade do professor,

segundo Nóvoa (1991, p. 16), não é um dado adquirido, uma propriedade ou um produto, mas, é “um lugar de lutas e de conflitos, é um lugar de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. Assim, a construção da identidade profissional docente é um processo contínuo, tem início no âmbito familiar, no social, no período escolar, na formação inicial. A formação universitária é caracterizada como identidade profissional de base, e é a primeira visão e contato com a prática profissional (BOLÍVAR, 2002). Corroborando com Candau, afirma que “todo grupo profissional valoriza os comportamentos apropriados e reprime os demais a fim de produzir uma memória adequada à reprodução de saberes e fazeres e à manutenção de uma identidade da profissão”.

A Gestão esportiva, além de ter uma relação que estabelece entre a área da Administração e o contexto esportivo, reúne outros distintos saberes das ciências, o que a faz ser compreendida como um campo de conhecimento e intervenção inter/multidisciplinar. Nesse sentido, são fundamentais os conhecimentos relativos aos aspectos: de compreensão adequada da competência curricular na Educação Física e sua relação com os demais componentes curriculares, e o entendimento dos propósitos e requisitos da educação formal (FERRAZ, 2000). Conforme Mazzei et al., (2013), a gestão esportiva tem uma maior conotação com os eventos esportivos internacionais que o Brasil sediou, nos quais podem ser destacados: os Jogos Pan-Americanos de 2007, os Jogos Mundiais Militares em 2011, a Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos em 2016. Após o evento o esporte deixa um legado ao meio acadêmico que possibilitou, a produção do livro “Legados de megaeventos esportivos” (DACOSTA et al., 2008) reuniu autores que estudaram o impacto positivo que os Jogos Pan-Americanos de 2007 trouxeram ao Brasil e mais especificamente à cidade do Rio de Janeiro. Estes estudos situam-se no arcabouço teórico conhecido como Estudos Olímpicos (EO). Temos que reconhecer as demonstrações públicas de preocupação por parte de membro da administração federal em realizar competições socialmente responsáveis. Os megaeventos esportivos são de grande importância para que se desperte ao jovem que queira ser atleta, profissional do esporte, professor. Em termos profissionais, quando grandes eventos esportivos acontecem (principalmente aqueles com cobertura midiática), muitos professores de educação física acabam por atuar como dirigentes, treinadores, atletas, árbitros, voluntários,

entre outras funções de apoio, além de ver sua área de atuação sendo propagada, comentada e discutida por especialistas e pelo público em geral, disseminando uma cultura esportiva alinhavada por estes megaeventos. A gestão do esporte nos dias atuais faz com que o esporte seja um espetáculo e não mais um evento, desta forma movimenta milhões e envolve muitas pessoas para que ocorra esse espetáculo, temos as mídias que faz o acompanhamento em tempo real.

Dentro dessa prerrogativa a gestão desportiva surge em uma perspectiva de intervenção política da administração pública e da conseqüente generalização da prática desportiva através desse conceito. No quadro abaixo, podemos conferir as possíveis áreas de atuação de um gestor esportivo em diferentes países.

Quadro 1. Áreas de atuação do gestor esportivo em diversos países

Autor	País	Área de atuação
Parks & Zanger (1990)	EUA	Esporte universitário e escolar, no esporte profissional, na gestão de equipamentos esportivos, de programas recreativos, nas agências de esporte comunitário e de participação, em informação e marketing esportivo, no jornalismo esportivo, nos clubes, na indústria esportiva, nos centros de fitness etc.
Roche (2002)	Espanha	Desenvolvimento de políticas públicas de esporte, construção e gestão de complexos esportivos; clubes esportivos, associações de clubes, ligas e federações esportivas; prestação de serviços de escolas desportivas, acampamentos, esportes ligados à natureza, administração de complexos desportivos, organização de espetáculos, eventos e competições esportivas, consultorias, assessorias e atividades de capacitação.
Lopes (2003)	Portugal	No sistema desportivo composto por órgãos ligados ao estado; pelo associativismo desportivo, englobando federações, associações e clubes; pelo desporto escolar e militar e pelo setor privado.
Rezende (2000)	Brasil	Sob a ótica da organização como unidade social, dois grandes grupos: aquelas organizações que existem em função da atividade física, esportiva e de lazer – centros de treinamento e escolinhas; academias; clubes e associações exclusivamente esportivas; consultorias e assessorias; ligas, federações e confederações; fundações, instituições e comitês, entre outros – e aquelas que possuem setores voltados para a atividade física, desportiva e de lazer – prefeituras, governos estaduais, governo federal, clubes sociais, entidade representativas (SESC, SESI, sindicatos), hotéis, academias, shoppings etc.

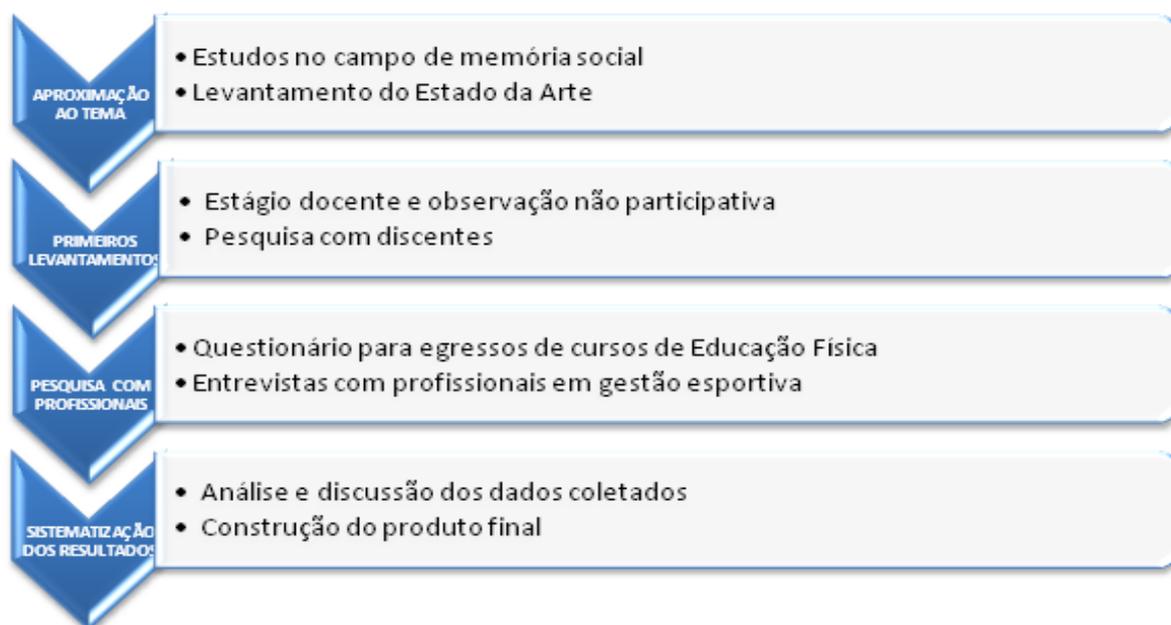
Fonte: Elaborado a partir de Parks e Zanger (1990); Roche (2002) e Rezende (2000).

No campo da formação do profissional de Educação Física onde atuam na área do movimento do corpo, ações já têm sido desenvolvidas no meio acadêmico, como a qualificação de “Administradores Desportivos” em cursos de pós-graduação que qualificam e almejam a mudança nos profissionais, entregues com credibilidade ao mercado. O gestor esportivo necessita aprimorar suas habilidades e competências nesta área e investir em sua capacitação profissional.

Apresentamos os métodos e procedimentos utilizados para responder ao problema e aos objetivos da pesquisa. O delineamento deste percurso teve por base diferentes autores (RICHARDSON et al., 2007; MINAYO, 2001; BARDIN, 2011; GASKELL, 2000). A presente pesquisa é quantitativa e qualitativa, tendo como instrumentos de coleta de dados a observação não participante com anotações em caderno de campo, a aplicação de questionários e a realização de entrevistas temáticas.

Esta pesquisa possui também um caráter descritivo, pois visa à descrição das características de determinada população, analisá-las e determinar a natureza de suas relações (GIL, 1994). O estudo proposto dialoga com as questões norteadoras e os objetivos, tendo sido desenvolvida em etapas que se complementam e interagem entre si, na perspectiva de organizar as fontes para produção das informações que resultaram em uma análise que será apresentada no próximo capítulo. Essas etapas, que representam o desenho metodológico da pesquisa, são apresentadas na figura a seguir.

Figura 1. Desenho Metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados da pesquisa.

A apresentação e discussão dos resultados da pesquisa serão feitas, num primeiro momento, a partir dos dados quantitativos. Após, serão norteados por dois eixos principais: os egressos do curso de educação física; elementos que facilitaram e dificultaram a criação do público para o curso de especialização que estamos propondo e, por fim, o grupo focal. Para a etapa quantitativa serão apresentados os resultados obtidos a partir dos dados coletados no levantamento realizado durante o estágio de docência que foi realizado no ano de 2019, na disciplina de Gestão Esportiva na Universidade La Salle, o que compôs a primeira dimensão da pesquisa empírica. O objetivo inicial desta etapa foi buscar respostas iniciais às questões da pesquisa, ainda em um caráter exploratório, utilizando a aplicação de um questionário. Segundo Minayo (2001), a fase exploratória é tão importante que, por si só, já pode ser considerada uma pesquisa exploratória. O objetivo de trazer para a qualificação esses resultados é embasar o interesse por um curso de especialização *MBA* em gestão esportiva, após, a graduação, objetivo era encontrar interessados em participar da elaboração do produto final, o qual exigiu não só o fornecimento de informações, como também a autorização para o uso e divulgação de suas imagens e relatos.

O questionário utilizado foi composto da seguinte forma: No primeiro semestre 2019 por dez questões e relatórios de observação não participativa em sala de aula, todas as, questões objetivas, visando uma primeira aproximação do pesquisador com

a realidade dos entrevistados. Foi dividido em cinco partes, devidamente separado por diferentes esferas que compõem trajetórias de vida e profissional, tendo sido denominadas: I) Sobre Você; II) Sobre sua Formação; III) Sobre sua Profissão; IV) Sobre a disciplina em Gestão Esportiva; V) Sobre o aprendizado ao tema. No segundo semestre, 2019, o pesquisador entendeu ser relevante juntos aos seus orientadores que havia a necessidade de acrescentar mais uma subdivisão no questionário de pesquisa, acrescentando mais seis perguntas. Nesta etapa procuramos focar na percepção do discente ao tema gestão, formação e requisitos para um gestor. Os dados encontrados nos questionários foram analisados e descritos de maneira absoluta, e tratados quantitativamente através de planilha do Programa Excel e, por fim, as respostas descritivas foram agrupadas. Para apresentação dessas informações, cada uma das cinco seções, a seguir, fará uma representação de seus resultados.

Resultados da pesquisa

O produto final tem como objetivo atender às exigências do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, e representar através dos dados coletados com a pesquisa com os discentes da disciplina de gestão no primeiro e segundo semestre do ano 2019, Egressos do Unilasalle, associados da Associação de Profissionais de Educação Física do Rio Grande do Sul (APEF-RS) e entrevistas com profissionais de educação física com foco na gestão esportiva.

Este produto foi elaborado com o objetivo de analisar o interesse do profissional em educação física em se capacitar em curso de especialização em gestão esportiva, contextualizando os dados dos pesquisados e as memórias de vivência dos profissionais aqui pesquisados. O curso pode ser ofertado na Unilasalle, em função tanto do interesse externo quanto interno da instituição, visto que o curso de Educação Física da instituição é um dos cursos mais procurados, tendo grande número de egressos, também sendo momento de sua proposição o primeiro curso ofertado para o público específico do curso. Com este curso de especialização em *MBA* em gestão esportiva, demonstra-se a importância e a relevância social e cultural do profissional de educação física no segmento do esporte.

Tendo em vista que a atuação do gestor esportivo é de elevada complexidade, especialmente por dominar competências de gerenciar recursos financeiros, humanos

e técnicos (JOAQUIM; BATISTA; CARVALHO, 2011), torna-se necessário compreender as situações de aprendizagem inerentes ao seu desenvolvimento, a fim de auxiliar na melhoria da qualidade da sua intervenção profissional. A importância ocorre quando existe falta de estudos sobre o tema na literatura Brasileira (AMARAL, 2015). Além disso, a atuação de profissionais de educação física na gestão esportiva é vista como uma oportunidade para progressão na carreira, pois um dia serão nomeados para cargos de coordenação, supervisão, chefia, secretaria pública, entre outros.

Através dos dados coletados nesta pesquisa sobre gestão esportiva foi apresentada a importância do profissional nos dias de hoje de ter uma capacitação em gestão esportiva. Pois a análise de mercado contará com dados sobre a história de vida destes profissionais de ambas as esferas do esporte. Mostrará a falta dos conhecimentos que acabaram desenvolvendo empiricamente nos cargos que tiveram que exercer atividades que envolviam a gestão esportiva.

Perfil dos Discentes

Ao fim do curso de especialização, o discente estará apto a atuar na gestão esportiva com a promoção e gerenciamento do esporte. Além disso, poderá coordenar projetos esportivos com visão sistêmica e técnica. O curso prepara os profissionais para adquirir aptidão para gerenciar clubes, academias, estádios de futebol e demais instalações esportivas, bem como desenvolver soluções e estratégias inovadoras no Marketing e Endomarketing.

Análise de Oportunidades e Ameaças, Forças e Fraquezas, através da análise SWOT (Quadro 9), identificou os seguintes aspectos na pesquisa com os entrevistados.

Quadro 2. Análise SWOT ou FOFA

Força	Fraquezas
Formação continuada em Gestão Esportiva na Universidade La Salle. Ter competitividade com outros cursos de Graduação em Educação Física com oferta de um curso de especialização.	Ausência de um curso de especialização direcionado ao público do curso de Educação Física, Fisioterapia, Psicologia, e outras áreas, nas ofertas da Universidade. Falta competitividade no mercado de ensino educacional.
Ambiente Interno	
Oportunidade	Ameaças

Capacitação para egressos do curso de graduação da Universidade e profissionais da área do esporte, opções para os cursos de Administração, Comunicação, Direito, Fisioterapia, Psicologia e outras áreas que possam se relacionar com o ambiente do esporte e gestão. Divulgação da Instituição por Mídia digital, site, propagando, parceiros de negócio como clubes de futebol com a exposição da marca Unilasalle.	Perda de discentes e egressos para outras instituições que disponibilizam o curso de especialização em gestão esportiva. Perda de receita e incentivos governamentais a educação.
Ambiente Externo	

Fonte: Elaborado pelo autor, conforme dados da pesquisa.

Descrição do produto final

O produto final parte de uma análise de mercado, contendo dados pesquisados com discentes de Educação Física e profissionais com formação completa, os dados demonstram o interesse em se capacitarem em gestão esportiva. A pesquisa permitirá que sejam expostos, dados atuais, e, portanto, responderá à questão inicial deste projeto por meio de evidências que discutam o assunto.

Foram definidos os seguintes **objetivos** para o produto final.

- *Objetivo geral:* Construir uma formação continuada sobre gestão esportiva para profissionais da educação física baseado nos relatos da pesquisa com discentes e egressos.
- *Objetivos específicos:* (a) Qualificar os profissionais para atuar em todos os níveis de gestão nas Instituições esportivas privadas ou públicas, por meio de técnicas, estratégias e técnicas gerenciais com foco no desenvolvimento esportivo. (b) Atender às percepções do interesse dos discentes e egressos sobre a gestão esportiva, as temáticas que devem compor a grade curricular do curso, os “cases” de sucesso da vivência destes profissionais de educação física e avaliar a viabilidade do curso.

A partir dos dados coletados e da análise documental, para atender tais objetivos devem ser abordadas questões importantes para a criação do curso de especialização proposto desde o início da pesquisa, conceito, layout de grade curricular e organização do conteúdo nos dias atuais que são emergentes na carreira, segundo Samara (2010). O curso busca capacitar o profissional da área de Educação

Física e áreas afins, com informações relevantes que, ao elaborar a grade curricular, a tornem atraente para o aluno que venha a se matricular no curso. O conteúdo programado para o curso foi composto por pesquisas com participantes com experiências de vida e profissional ao longo dos anos.

Com relação ao **público alvo**, o curso destina-se a profissionais que atuem ou busquem atuar no segmento esportivo, nos diversos níveis (operacional, tático e estratégico), e que tenham completado a graduação nas áreas de Educação Física, Fisioterapia, administração, psicologia, medicina e outras áreas que possam se relacionar com o ambiente do esporte. Dessa maneira, estaremos contribuindo positivamente para a disseminação do curso de educação física da instituição e dos cursos de Pós-Graduação e incentivando os discentes da Instituição a continuarem com os estudos de capacitação.

O curso de Pós-Graduação Lato Sensu intitulado “*MBA em Gestão Esportiva*”, com carga horária total de 360 horas/aula, 18 meses, contemplando IV módulos na estrutura curricular, conforme quadro 10, carga horária do curso tem sua grade curricular descrita no quadro a seguir.

Quadro 3. Estrutura curricular do curso proposto

ESTRUTURA CURRICULAR	
Disciplina	Carga-horária
Módulo I - Gestão Empresarial	
Gestão de recursos humanos e mercado de negócios	20h
Gestão de pessoas e desenvolvimento de lideranças de equipes	20h
Gestão contábil e financeira no esporte	20h
Gestão de administração de complexos desportivos	15h
Módulo II - Fenômeno Esportivo	
Direito e legislação do esporte	20h
Gestão de projetos desportivos	15h

Gestão terceiro setor - setor social (privado, público)	15h
Gestão de organização de espetáculos e promoção de eventos	20h
Módulo III - Bases do Negócio Esportivo	
Gestão de instalações, organizações desportivas	20h
Planejamento do turnover de clientes e campanhas de promoção	15h
Gestão de materiais e equipamentos esportivos	20h
Gestão redes sociais, mídia digital, propaganda e jornalismo	20h
Módulo IV - Dinâmicas do Negócio Esportivo	
Gestão de políticas públicas em esporte e lazer	15h
Gestão de patrocínio e investimento	15h
Gestão de mercado, empreendedorismo	20h
Consultoria em academias, clubes e associações esportivos	20h
Módulo V - Gestão de Negócio Esportivo	
Gestão de marketing - layout da empresa e localização	20h
Desenvolvimento de competências gerenciais	20h
Gestão de prestação de serviços	15h
Mix de serviços e campanhas	15h
Carga Horária Total	360h

Fonte: Elaborado pelo autor, conforme dados da pesquisa.

A proposta atende ao objetivo de propor um curso visando qualificar os profissionais da área do desporto e da saúde para atuar em todos os níveis de gestão nas instituições esportivas, academias, clubes, entre outros locais que necessitem, por meio do uso de estratégias e técnicas gerenciais, visando o desenvolvimento e potencializando o ambiente desportivo nacional e internacional. O curso submetido tem como diferencial a análise *SWOT*, ou *FOFA*, como também é conhecido pelos

especialistas, que foi realizado junto à pesquisa desta amostragem e visa validar o enfoque do profissional no mercado ao curso ofertado.

Considerações finais

A partir dos resultados encontrados nesta pesquisa e da discussão acerca do profissional em Educação Física sobre a percepção e interesse na formação em gestão esportiva, com os conhecimentos que as bases teóricas nos apresentam, foi possível traçar um interesse e perfil deste profissional que busca essa formação e começarmos a conhecer quem é este profissional que atua como gestor esportivo.

Após minha formação em 2007, no curso de Educação Física plena pela ULBRA, nos dias de hoje como pesquisador consigo afirmar que a formação discente é um processo inacabado e deve ser estimulado já desde a graduação, devido à natureza do conhecimento e do amadurecer profissional, a prática esportiva faz com que o profissional seja capaz de perceber que qualificação faz parte de um processo de identidade própria na trajetória profissional. A amostra deste estudo constituiu-se de 117 profissionais em Educação Física da Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, majoritariamente com formação ou em formação em Educação Física Bacharelado e Licenciatura, de ambos os sexos, sendo que um número considerável de profissionais possui especialização, podendo isto indicar que a área está gradualmente se desenvolvendo e os profissionais em Educação Física se preparando de uma melhor forma para lidar com a prática atual do mercado, ainda que exista ainda uma necessidade de profissionais especializados na área de gestão esportiva.

Verifica-se assim uma tendência de se configurar um curso generalista e não específico ao futebol e sim em gestão esportiva com foco relativamente no cenário das organizações esportivas, clubes e instituições do esporte indicando a importância das instalações e programas de atividades físicas e esportes.

Pode-se concluir que as áreas de atuação do gestor esportivo se relacionam com gestão de pessoas, apresentam um diferencial quando comparamos os resultados com as demais realidades relatadas na literatura, isto porque o gestor esportivo deve gostar de atender pessoas, os profissionais que têm interesse nesta área devem ter engajamento e formação adequada.

Os questionários e entrevistas apontam para a importância de sensibilizar e motivar os discentes sobre conceitos e práticas da área gerencial, incluindo gestão, relacionado ao empreendedorismo, ampliando os horizontes dos futuros educadores físicos que iniciam a planejar a carreira. Este baixo engajamento em discentes na temática pode ser reflexo de um momento de transição pela qual o gestor esportivo está passando (de uma posição mais reativa para uma posição de mais proatividade e participação nas decisões estratégicas da instalação esportivas). É esperado que o gestor esportivo se engajassem mais nestas tarefas, pois é papel dele o gerenciamento do esporte, planejamento e organização da instalação, clubes e instituições de atividades físicas, delegando tarefas de caráter mais operacionais e rotineiras. Também é esperado que ao longo da carreira busque o aperfeiçoamento profissional teórico e prático, ele adquira conhecimentos e subsídios para atuar de forma mais efetiva na gestão esportiva, área em que ele possui maior habilitação depois da sala de aula.

Esperamos com este trabalho ter contribuído para a geração de conhecimento do exercício do profissional em Educação Física na área de gestão esportiva e sua percepção da formação desta área. É importante salientar também que tendo em vista a pandemia do coronavírus esta pesquisa cumpriu todas as regras de distanciamento social e adequamos as metodologias para que a pesquisa não fosse prejudicada. Ainda assim, é importante que outras pesquisas sejam realizadas para que as demais realidades sejam conhecidas, a fim de termos um corpo de conhecimento e podermos identificar de forma mais assertiva a realidade do mercado refere ao gestor esportivo.

Além dos objetivos traçados para esta dissertação, os dados obtidos nesta pesquisa poderão se desdobrar em outras análises, como a comparação de desempenho de novas habilidades dos gestores esportivos, as correlações entre os dados referentes à formação de gestão pessoas com o exercício da função, a relação entre a formação do profissional de Educação Física.

Ainda como possíveis desdobramentos desta pesquisa, podemos vislumbrar a discussão da formação do profissional na graduação, especialização e pós-graduação e o exercício na função de gestor do corpo, as competências necessárias e percebidas dos pesquisados, analisar o comportamento de liderança dos graduados em Bacharelado, dentre outros tópicos não abordados neste estudo.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, C. M. S. **O gestor do esporte no Brasil**. Ensaios sobre gestão do esporte: reflexões e contribuições do GEPAE/EEFE-USP. São Paulo: OJM Casa Editorial, 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antônio Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BASTOS, F. C.; MAZZEI, L. C. Gestão do esporte no Brasil: desafios e perspectivas. In: MAZZEI, L. C.; BASTOS, F. C. (Orgs.). **Gestão do esporte no Brasil: desafios e perspectivas**. São Paulo: Ícone, 2012.
- BASTOS, F. C.; MOCSÁNYI, V. Gestão de pessoas na administração esportiva: considerações sobre os principais processos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2005.
- BOLÍVAR, Antônio. Ciclos de vida no aperfeiçoamento pessoal e profissional de professores e professoras. In: BOLÍVAR, Antônio (Org.). **Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru: EDUSC, p. 15-63, 2002.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. Arthur Higgins: Uma história de intervenção e conhecimento na educação física brasileira. In: XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: CBCE, p. 1323-1329.
- DACOSTA, L.; CORRÊA, D.; RIZUTTI, E.; VILLANO, B.; MIRAGAYA, A. **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.
- FERRAZ, O. L. **Educação Física na educação infantil e o referencial curricular nacional**: significado para os professores. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - USP, 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
- GASKELL, G. Entrevistas Individuais e grupais. In: BAUER, M.W. & GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com textos, imagem e som**. Um manual prático, p.64-89, 2002. Petrópolis: Vozes.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed., São Paulo: Atlas, 1994.
- JOAQUIM, B. A.; BATISTA, P. M.; CARVALHO, M. J. Revisão sistemática sobre o perfil de competências do gestor esportivo. **Movimento**, v. 17, n. 1, p. 255-279, 2011.

MOCSANYL, V.; BASTOS, F. C. Gestão de pessoas na administração esportiva: Considerações sobre os principais processos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.4, n. 4, p. 55-49, 2005. Disponível em <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/index>>. Acesso em: 4 jan. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1991.

PARKS, J.B.; ZANGER, B.K. **Sport & Fitness Management**. Career Strategies and Professional Content. Illinois, Human Kinetics Books, 1990.

REZENDE, J. R. **Organização e administração no esporte**. Rio de Janeiro, Sprint, 2000.

RICHARDSON, R. J.; PERES, J. A. S.; WANDERLEY, J. C. V.; CORREIA, L. M. PERES, M. H. M. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ROCHA C. M.; BASTOS F. C. Gestão do esporte: definindo a área. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.25, p.91-103, 2011. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1807-5509&lng=en. Acesso em: 15 jan. 2020.

ROCHE, F.P. **Gestão Desportiva**: planejamento estratégico nas organizações desportivas. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SLACK, T.; PARENT, M **Understanding Sport Organizations**: The Application of Organization Theory. Champaign, IL: HumanKinetics, 2006.

Formação Continuada ao longo da trajetória profissional: O Professor Aprendiz

*Greyce Rodrigues
Lucia Giraffa*

Introdução

O contexto educacional contemporâneo está sendo gradualmente organizado com base em interações presenciais e virtuais, adotando diversas estratégias que incluem recursos tecnológicos e uma variedade de artefatos conectados à internet. Com o advento da pandemia de COVID-19³¹, fomos impulsionados a adotar práticas e desenvolver novas habilidades e competências desafiadoras devido a urgência de manter o sistema educacional em funcionamento. Toda a sociedade foi desafiada a buscar alternativas para superar o distanciamento físico, resultando em uma migração massiva para o ambiente virtual. No sistema escolar, um segmento foi particularmente impactado: a Educação Infantil. Embora os demais níveis de ensino também tenham enfrentado desafios significativos, a Educação Infantil sofreu um impacto mais profundo ao se adaptar a novos modos e medidas de ensino, uma vez que o sistema de ensino, legislações e Projetos Políticos Pedagógicos não previam ensino remoto para essa etapa.

O impacto da COVID-19 acelerou um processo de adoção crítico-reflexiva de tecnologias digitais oportunizando aos docentes e gestores criar soluções para contemplar a formação inserida no mundo digital. Neste cenário contemporâneo de cultura digital, caracterizado por mudanças intensas e rápidas, torna-se necessária a ressignificação de teorias e práticas pedagógicas. O desafio de uma abordagem educacional que ultrapasse os “muros da escola” é ampliado pela criação de um espaço digital complementar que abrange o ambiente familiar, escolar e as relações sociais. Os “muros” que precisam ser transpostos no ambiente escolar atual não são mais físicos ou apenas digitais. A questão não se resume a uma técnica ou à instrumentalização para a apropriação de determinadas tecnologias. Como docentes, somos chamados a rever e ressignificar os aspectos metodológicos vinculados a essa

³¹ A Organização Mundial da Saúde declarou a pandemia de coronavírus, em 11 de março de 2020 (World Health Organization, 2020).

quebra de paradigma. Uma mudança de paradigma implica reposicionar e construir novas referências educacionais.

Se estabeleceu outro contexto, o híbrido, onde a presencialidade e a virtualidade se fundem em um ambiente de fronteiras invisíveis. Assim, a relevância de uma abordagem educacional apoiada nas experiências vividas pelos estudantes em seus contextos transborda os limites do seu bairro, da sua cidade e até mesmo do seu país. A Educação centrada nas relações não pode perder de vista que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2005, p. 80), um mundo permeado pela cibercultura, com vivências analógicas e digitais.

A cibercultura concretiza a globalização social por meio de técnicas, atitudes e pensamentos como um universo informacional da virtualidade (Lévy, 1999), envolvendo, assim, “[...] consideráveis parcelas da população em meio a um emaranhado de conexões remixadas, podendo envolver laços físico-presenciais e virtuais-digitais, a partir da mediação das diversas Tecnologias Digitais (TDs) [...]” (Martins; Giraffa; Raabe, 2021, p. 19). A cibercultura “inventa uma outra forma de fazer advir a presença virtual do humano frente a si mesmo que não pela imposição da unidade de sentido” (Lévy, 1999, p. 248).

Os laços físico-presenciais e virtuais-digitais estão se transformando com o aumento da acessibilidade a recursos com acesso remoto à internet, como smartphones, relógios inteligentes e tablets. Esses dispositivos permitem que suas funções sejam utilizadas em diversos momentos do cotidiano. Atualmente, é comum ver adultos, jovens e até mesmo crianças pequenas com smartphones nas mãos em restaurantes, enquanto se alimentam, em salas de espera aguardando consultas médicas, e até mesmo em parques e praças, impactando diretamente o desenvolvimento das crianças pela adoção de hábitos precoces quanto ao uso de artefatos digitais.

O encantamento e as inúmeras possibilidades de atividades proporcionadas pelos recursos multimídia oferecem estímulos sensoriais que cativam as crianças, permitindo sensações físicas de imersão em situações simuladas. Como observa Lévy (1999, p. 71), “o explorador consegue a ilusão de uma 'realidade' na qual estaria mergulhado: aquela que é descrita pela memória digital”. Esses atrativos envolvem desde bebês e crianças muito pequenas até idosos.

A pesquisa realizada por Paiva (2021), contou com a participação de 1.962 brasileiros que acessam a internet, possuem smartphone e são pais de crianças de 0 a 12 anos. Conduzida pelo site de notícias Mobile Time e pela empresa de pesquisas on-line Opinion Box, o estudo aponta que, em média, 49% das crianças brasileiras de 0 a 12 anos possuem um smartphone próprio. Dentre essas crianças, 12% estão na faixa etária de 0 a 3 anos (Paiva, 2021). Os aplicativos mencionados mais utilizados por elas são Youtube, Whatsapp e TikTok, enquanto que os jogos mais frequentes são Roblox, Minecraft e Free Fire (Paiva, 2021).

Estudiosos quanto aos benefícios do avanço digital, pesquisadores e docentes fazem fortes críticas sobre essa situação. Entre eles, o neurocientista Michel Desmurget, autor do livro "A fábrica de cretinos digitais", alerta que, embora em qualquer idade seja possível aprender a usar os recursos digitais devido às suas interfaces intuitivas, o uso excessivo na infância pode prejudicar os aprendizados essenciais. Isso ocorre por conta do fechamento das chamadas "janelas de oportunidade" (Desmurget, 2021).

Defende-se que o livro citado é uma importante obra de denúncia/esclarecimento para as famílias e o ecossistema escolar sobre a necessidade de dosar o uso de dispositivos digitais pelas crianças. Cabe salientar que nem o autor e tão pouco esse estudo, são contrários a atividades plugadas, uma vez que cumprem um papel muito importante num contexto de mundo digital onde as crianças estão expostas. O hibridismo entre presencialidade e digitalidade é o que marca esse mundo contemporâneo. As crianças nasceram e estão imersas na cultura digital e precisam compreender esse mundo com as suas possibilidades e desafios quanto às questões que lhes são pertinentes e a escola precisa auxiliar nesse processo.

Como exemplo desta situação, circulou nas redes sociais a postagem de um "meme" em que uma criança de 1 ou 2 anos de idade pede o celular ao pai. Quando ele responde que o aparelho está sem bateria, a criança fica visivelmente transtornada, chora e se desespera. Essa postagem nos leva a refletir sobre o impacto emocional dessa situação para a criança e a necessidade de criar estratégias para amenizar a exposição excessiva às telas, em favor da criação de rotinas saudáveis. Isso é especialmente importante porque as crianças ainda não têm seu sistema autorregulatório totalmente desenvolvido.

Uma rotina familiar marcada pelo uso não saudável de dispositivos conectados à internet pode causar impactos significativos no desenvolvimento infantil. Esses impactos incluem distúrbios de sono, tristeza, irritabilidade, alterações de peso, desinteresse por atividades e relações presenciais, exposição a propagandas enganosas e conteúdos impróprios, entre outros. Isso ocorre durante um período em que a plasticidade cerebral atravessa seu crescimento mais agudo (Desmurget, 2021; Restano *et al.*, 2023).

Sabendo que a infância é o período em que ocorrem o maior número de aprendizagens relacionadas às funções cognitivas, sociais, motoras e emocionais do desenvolvimento humano, e que é nessa fase o momento mais importante do desenvolvimento da personalidade, cabe aos adultos responsáveis como familiares, cuidadores e professores realizar reflexões e debates sobre hábitos e comportamentos relacionados ao manuseio desses dispositivos.

Tais alertas servem para que possamos mediar a relação com as tecnologias digitais de forma cuidadosa e sem perder a intencionalidade de seu uso, entretanto não vivemos em uma sociedade na qual as crianças com até 6 anos de idade não utilizam telas com a finalidade recreativa como recomenda Michel Desmurget e outros estudiosos e pesquisadores do campo da neurociência. Portanto, esse estudo posiciona-se na busca por pesquisas e ações pautadas em mobilizar esforços reflexivos no que se refere às oportunidades que as TDs têm a oferecer para a Educação.

Na mesma toada, o uso de dispositivos digitais aumentou no período pandêmico, pois o ensino remoto necessitou de ferramentas digitais para comunicação e interações devido ao isolamento social. Entretanto, os pais afirmam ter diminuído o controle desse uso também por motivos relacionados à pandemia de coronavírus (Paiva, 2021).

A pandemia desafiou os professores a ministrarem aulas em situações complexas e, dois anos após seu início, os sistemas educacionais incorporaram, em certa medida, recursos digitais à rotina escolar, modificando a comunicação dentro das escolas, os registros acadêmicos referente aos alunos e as estratégias de ensino no ambiente escolar, de acordo com suas necessidades. Conforme destaca Boaventura de Souza Santos, a pandemia expôs a possibilidade de alternativas e a capacidade das sociedades de se adaptarem a novas formas de vida em prol do bem

comum (Santos, 2020).

O isolamento social imposto durante a pandemia obrigou muitos professores a ingressarem no universo da cibercultura, utilizando tecnologias digitais para se comunicarem com a comunidade escolar, planejarem suas aulas e conduzirem atividades educacionais. Contudo, a falta de conhecimento e formação adequada para esse novo paradigma representou, e ainda representa, um desafio significativo. O uso de tecnologias digitais deixou de ser uma escolha e se tornou uma prática pedagógica essencial.

Portanto, é importante refletir sobre as competências docentes necessárias para a utilização dessas tecnologias, reconhecendo a necessidade de abertura para novas formas de aprendizado e avaliação das práticas educacionais no período pós-pandemia. Essa reflexão deve considerar a importância de desenvolver habilidades digitais dos professores para que possam integrar efetivamente essas ferramentas em suas metodologias de ensino, garantindo, assim, uma educação mais inclusiva e adaptada às demandas contemporâneas.

Formação docente Continuada: ressignificações necessárias

A Formação Continuada dos professores precisa aprofundar os conhecimentos da formação inicial relacionando-os com as situações presentes nos cotidianos escolares. Nesse contexto, Barbosa e Gobbato (2021, p. 1437) criticam o modelo de formação de pedagogos por possuir formato generalista e com poucas disciplinas voltadas para a docência na primeira infância, pois “não oferecem suporte suficiente para os futuros docentes de bebês e crianças pequenas construírem uma prática comprometida com as crianças pequenas”. De encontro ao descrito, a pesquisa realizada pelo Tribunal de Contas da União (TCU), com professores de escolas públicas, revela que “apenas 19% dos professores concordam totalmente que os atuais cursos de pedagogia e licenciaturas estão preparando bem os professores para o início da profissão” (TCU, 2023, p. 10).

Dito isso, as lacunas denunciadas nos processos de formação inicial de professores, em especial nos cursos de Pedagogia, direcionam caminhos para o delineamento de Formações Continuadas. A Formação Continuada é aquela que possui caráter “complementar ao da formação inicial docente, ou aquela que serviu

de requisito para iniciar a atividade de lecionar” (Rodrigues, 2020, p. 56), podendo ser realizada de forma presencial, híbrida ou totalmente online por meio de cursos, seminários, workshops e oficinas no espaço escolar ou fora dele³². A formação continuada dos professores é de responsabilidade da União, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios em forma de colaboração (Brasil, 1996).

No intuito de regulamentar e nortear os processos de Formação Continuada foi delineada a Resolução CNE/CP nº 1/2020, a qual dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada) (Brasil, 2020). Esta resolução define princípios, competências e orientações para a formação contínua dos educadores, com o propósito de promover seu desenvolvimento profissional. As competências profissionais delineadas na BNC-Formação Continuada requerem que o professor demonstre um sólido domínio dos conhecimentos consolidados, das estratégias de ensino, dos mecanismos de aprendizagem e da produção cultural local e global por meio de três dimensões essenciais: conhecimento profissional; prática profissional; engajamento profissional. Tais dimensões devem se integrar e se complementar de forma interdependente na prática docente da Educação Básica (Brasil, 2020).

Entre os fundamentos para a Formação Continuada destaca-se o planejamento do ensino, “criar ambientes favoráveis ao aprendizado, empregar linguagens digitais e monitorar o processo de aprendizagem por meio do alcance de cada um dos objetivos propostos” (Brasil, 2020, p. 4). Nesse sentido, a Formação Continuada possibilita que os professores acompanhem as evoluções sociais, culturais e tecnológicas, preparando os docentes para enfrentar os desafios contemporâneos. Isso resulta em uma educação mais alinhada com as demandas atuais e mais significativa para os estudantes (Rodrigues, 2020).

³² De acordo com a BNC-Formação Continuada os cursos e programas de formação continuada “podem ser oferecidos por IES, por organizações especializadas ou pelos órgãos formativos no âmbito da gestão das redes de ensino, como: I - Cursos de Atualização, com carga horária mínima de 40 (quarenta) horas; II - Cursos e programas de Extensão, com carga horária variável, conforme respectivos projetos; III - Cursos de Aperfeiçoamento, com carga horária mínima de 180 (cento e oitenta) horas; IV - Cursos de pós-graduação lato sensu de especialização, com carga horária mínima de 360 (trezentas e sessenta) horas, de acordo com as normas do CNE; V - Cursos ou programas de Mestrado Acadêmico ou Profissional, e de Doutorado, respeitadas as normas do CNE, bem como da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)” (Brasil, 2020, p. 03).

Tal Formação Continuada diz respeito àquela que é realizada em serviço, elaborada pelos sistemas de ensino de caráter obrigatório. Entretanto, essa formação não dá conta da quantidade de adversidades presentes no cotidiano escolar, uma vez que se limita a um curto período de tempo para sua realização, mas pode servir de espaço de articulação dos saberes docentes, porém o aprofundamento dos conhecimentos precisa ser feito ao longo da vida docente.

A Formação Continuada de professores é um pilar essencial para o aprimoramento constante da prática educativa, uma vez que se reconhece que o ato de ensinar está intrinsecamente ligado à consciência do inacabamento humano, como Paulo Freire (1996, p. 50) tão perspicazmente observou e enfatizou: "ensinar exige consciência do inacabamento", uma reflexão que ressoa profundamente na esfera educacional. Ele nos lembra que a inconclusão é uma característica intrínseca da experiência vital, sugerindo que o processo de aprendizado é inerentemente contínuo, um ciclo interminável de descoberta e renovação (Freire, 1996).

Nesse contexto dinâmico, a Formação Continuada emerge como um veículo importante para capacitar educadores a enfrentar os desafios em constante evolução do cenário educacional. Como destacado por Libâneo, Oliveira e Toschi (2012), o contexto do trabalho docente é influenciado por uma gama de fatores, desde aspectos econômicos e políticos até eventos locais que moldam o contexto escolar. Assim, a formação contínua pode ser elaborada de forma a oportunizar que os docentes revisitem e ressignifiquem práticas pedagógicas.

O professor, portanto, assume o papel de aprendiz para a vida toda, imerso em um ciclo de desenvolvimento profissional contínuo, sendo imperativo reconhecer que o aprendizado não cessa com a conclusão da formação inicial; ao contrário, é um compromisso vitalício com o aprimoramento pessoal e profissional. A formação inicial e continuada representa um espaço privilegiado para a construção coletiva de saberes, reunindo os educadores em torno dos objetivos pedagógicos da instituição escolar (Rodrigues, 2020).

A gestão pedagógica, portanto, desempenha um papel fundamental na promoção e facilitação da formação continuada, garantindo que os programas de desenvolvimento profissional estejam alinhados com as necessidades emergentes do contexto educacional. Nesse sentido, a gestão deve permanecer vigilante, assegurando que tais programas cumpram sua missão de capacitar a equipe escolar,

atualizando-os sobre os avanços tanto dentro quanto fora da escola (Rodrigues, 2020).

No entanto, a Formação Continuada não pode ser abordada de maneira estática e com foco no tecnicismo. Em um mundo cada vez mais permeado pela tecnologia, os educadores enfrentam a necessidade de integrar habilidades digitais em sua prática pedagógica. Desta forma, a tecnologia pode ser uma aliada poderosa quando usada de maneira complementar ao trabalho do professor. No entanto, a mera familiaridade com as ferramentas tecnológicas não garante sua eficácia na promoção da aprendizagem. É essencial que os educadores sejam capacitados não apenas na utilização dessas tecnologias, mas também na avaliação crítica de seu potencial pedagógico (Blikstein, 2021, *apud* Cecílio, 2021).

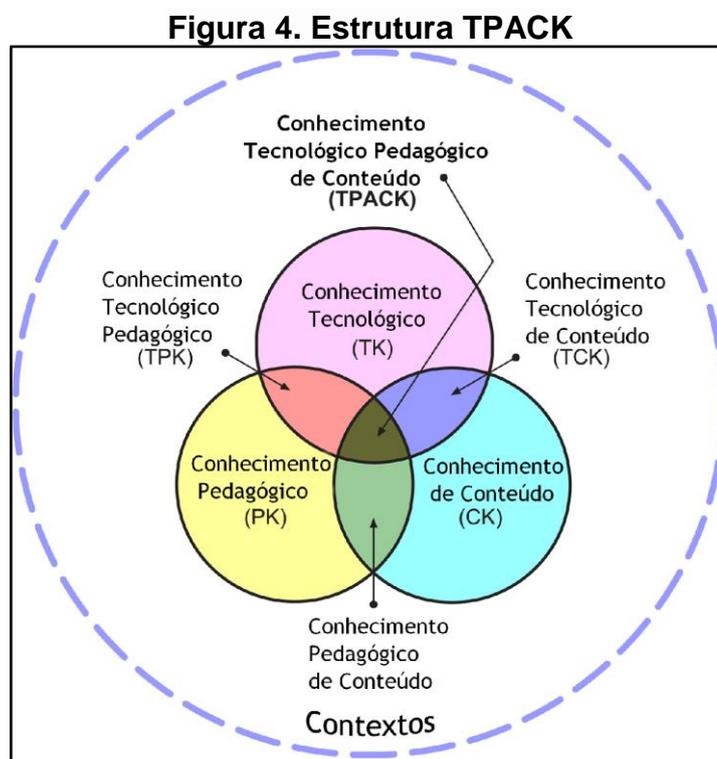
Nesse sentido, a formação para o uso de Tecnologias Digitais (TDs) emerge como uma prioridade, fornecendo aos professores as habilidades necessárias para integrar de forma eficaz essas ferramentas em seu ensino. Modelski, Azeredo e Giraffa (2018) sublinham que o domínio das TDs capacita os educadores a adotarem práticas pedagógicas inovadoras, alinhadas às demandas do mundo contemporâneo. A integração bem-sucedida de tecnologia no ambiente educacional requer uma abordagem holística, incorporando não apenas a familiaridade com as ferramentas, mas também uma compreensão sólida de como essas tecnologias podem ser aplicadas de maneira significativa para promover a aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, o Pensamento Computacional emerge como uma competência interdisciplinar para os educadores, transcendendo as fronteiras disciplinares e fornecendo uma estrutura conceitual para a resolução de problemas em um mundo cada vez mais digitalizado. Nesse sentido, a integração do Pensamento Computacional no currículo de formação de professores pode capacitar os educadores a incorporarem efetivamente esses conceitos em sua prática pedagógica, promovendo uma abordagem interdisciplinar para o ensino,

Embora o pensamento computacional esteja profundamente conectado à atividade de programação, não é essencial ensinar programação como parte de um curso de pensamento computacional inicial. Esses cursos devem focar no pensamento computacional dentro do contexto das áreas de conteúdo dos professores. Os interessados em programação devem ter acesso a cursos autônomos com foco mais específico em programação e ciência da computação (Yadav; Stephenson; Hong, 2017, p. 58, tradução nossa).

Diante do exposto, os saberes docentes com relação a metodologias, conteúdos e utilização de recursos digitais multiplicam-se, formando um alicerce pedagógico conectando habilidades e competências que permeiam a cultura digital. Como aliado nesse contexto, Mishra e Koehler (2006) conceberam o modelo denominado Technological Pedagogical Content Knowledge (TPACK), Conhecimento Tecnológico, Pedagógico e de Conteúdo, com o propósito de elucidar os diferentes tipos de conhecimento necessários para uma integração significativa das TDs nos espaços escolares pelos professores (Mishra; Koehler, 2006, 2009). A estrutura TPACK é fundamentada nas conceituações de Pedagogical Content Knowledge (PCK) de Shulman (1987, 1986), as quais se referem ao Conhecimento Pedagógico do Conteúdo. Dessa forma, após muitos estudos Mishra e Koehler (2006, 2009) acrescentaram o conhecimento referente às tecnologias educacionais.

O modelo TPACK descreve a conexão entre três componentes principais que compõem os saberes dos professores como Conteúdo, Pedagogia e Tecnologia e suas interações: Conhecimento Pedagógico do Conteúdo (PCK), Conhecimento Tecnológico do Conteúdo (TCK), e Conhecimento Pedagógico Tecnológico (TPK). A Figura 4 ilustra a interação e intersecção entre os componentes.



Fonte: Adaptado de Mishra e Koehler (2009, p. 63, tradução nossa).

Dessa forma, é plausível argumentar que existe uma relação positiva e substancial entre os níveis de TPACK dos professores e suas competências de gestão em ambientes enriquecidos com TDs. Quando os professores possuem um entendimento robusto e integrado de como combinar conhecimento tecnológico, pedagógico e disciplinar tornam-se mais capazes de gerenciar a dinâmica dos processos de aprendizagem, promovendo um ambiente de aprendizagem enriquecido e engajador para os estudantes (Mishra; Koehler, 2006, 2009).

Portanto, esse estudo visa relacionar o modelo TPACK com os conhecimentos e saberes específicos do professor atuante em turmas de Educação Infantil.

TK- Conhecimento tecnológico

“Essa conceituação de TK não postula um “estado final”, mas o vê em desenvolvimento, como evoluindo ao longo de uma vida inteira de interação generativa e aberta com a tecnologia” (Mishra; Koehler, 2009, p. 64). É o tipo de conhecimento que possibilita uma compreensão abrangente da tecnologia da informação, capacitando sua aplicação produtiva tanto no contexto profissional quanto nas atividades cotidianas, consiste em reconhecer oportunidades e limitações dessa tecnologia para alcançar objetivos específicos, enquanto se adapta constantemente às evoluções tecnológicas. Tal conhecimento capacita o professor a executar uma diversidade de tarefas utilizando a tecnologia da informação e a desenvolver abordagens diversas para a realização de uma mesma atividade (Mishra; Koehler, 2006, 2009).

Com relação à Educação Infantil, pode-se considerar os seguintes exemplos:

- Comunicação com pais e demais profissionais da escola, via agenda e WhatsApp;
- Manejo de recursos para preparação das aulas, como impressora, rádio, tablet, e lousas digitais;

CK- Conhecimento do Conteúdo

O conhecimento do conteúdo, essencial para os professores, abrange uma compreensão profunda do tema a ser ensinado ou aprendido. Este conhecimento, como destacado por Shulman (1986), engloba não apenas conceitos, teorias e

estruturas organizacionais, mas também inclui o domínio de evidências, práticas estabelecidas e abordagens para o desenvolvimento desse conhecimento. Dada a diversidade de campos, os professores devem possuir uma compreensão sólida e abrangente dos fundamentos de suas disciplinas, adaptando-se às particularidades e nuances do conhecimento específico que estão transmitindo ou facilitando a aprendizagem (Mishra; Koehler, 2009).

Com relação à Educação Infantil, pode-se considerar os seguintes campos de experiências orientados pela BNCC:

- Eu, o outro e nós;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Traços, sons, cores e formas;
- Escuta, fala, pensamento e imaginação;
- Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

PK- Conhecimento Pedagógico

O conhecimento pedagógico dos professores abarca uma compreensão abrangente dos processos, práticas e métodos de ensino e aprendizagem, incorporando propósitos e objetivos educacionais gerais. Este conhecimento inclui habilidades de gerenciamento do ambiente escolar, planejamento de aulas e avaliação do aluno. Um professor com essa competência pedagógica compreende os processos pelos quais os alunos constroem conhecimento, desenvolvem habilidades e cultivam disposições para aprender. Isso exige uma compreensão das teorias cognitivas, sociais e de desenvolvimento da aprendizagem, bem como sua aplicação na prática do cotidiano escolar (Mishra; Koehler, 2009).

Com relação à Educação Infantil, pode-se considerar os seguintes exemplos:

- Pensamento Computacional, Mundo Digital e Cultura Digital;
- Fases do desenvolvimento infantil: cognitivo, social e psicomotor;
- Construção do desenho, hipóteses de escrita;
- Abordagens pedagógicas;
- Métodos avaliativos e elaboração de pareceres;

- Saberes: brincar, narrar e acolher (Micarello, 2006).

PCK- Conhecimento Pedagógico do Conteúdo

O conceito é alinhado à ideia de Shulman (1986) sobre o conhecimento pedagógico aplicável ao ensino de conteúdos específicos. Segundo Shulman (1986), essa transformação ocorre quando o professor interpreta o conteúdo, identifica diversas formas de representá-lo e adapta os materiais instrucionais para se adequarem às concepções alternativas e ao conhecimento prévio dos alunos. O PCK abrange os elementos centrais do processo de ensino, aprendizagem, currículo, avaliação e feedback, incluindo as condições que favorecem a aprendizagem e as interconexões entre currículo, avaliação e pedagogia. Refere-se, portanto, ao conhecimento da didática específica do conteúdo, o qual emerge quando o educador reflete sobre como transformar o conteúdo para torná-lo acessível ao processo de ensino (Mishra; Koehler, 2006, 2009).

Com relação à Educação Infantil, pode-se considerar os seguintes exemplos:

- Estratégias: jogos, brincadeiras, teatro e músicas;
- Contação de histórias;
- Elaboração e organização de portfólios.

TCK- Conhecimento Tecnológico do Conteúdo

Trata-se de uma compreensão da interação entre tecnologia e conteúdo, bem como das limitações e influências mútuas entre ambos. Além de dominar o conteúdo que ensinam, os professores também precisam possuir um conhecimento profundo sobre como a aplicação de tecnologias específicas pode modificar o conteúdo ou suas representações. Eles precisam discernir quais tecnologias são mais adequadas para abordar a aprendizagem do conteúdo em suas áreas e como o conteúdo pode influenciar, ou até mesmo alterar, a escolha e a utilização da tecnologia - e vice-versa. Isso envolve o conhecimento sobre softwares e aplicativos que podem ser empregados no ensino de conteúdos específicos da matéria (Mishra; Koehler, 2006, 2009).

Com relação à Educação Infantil, pode-se considerar os seguintes exemplos:

- Construção de materiais: jogos e maquetes;
- Planejamento de experiências com bolas, bambolês, sucatas, elementos da natureza, tablets, celulares;

TPK- Conhecimento Tecnológico Pedagógico

O TPK envolve uma compreensão profunda de como o ensino e a aprendizagem podem ser transformados com o uso de tecnologias específicas de maneiras específicas. Isso implica conhecer tanto as possibilidades quanto às limitações pedagógicas de uma variedade de ferramentas tecnológicas, em relação a projetos e estratégias pedagógicas adequadas, tanto disciplinar quanto desenvolvimentalmente. Este conhecimento torna-se importante, especialmente porque a maioria dos programas de software populares não é desenvolvida com propósitos educacionais em mente. Por exemplo, softwares como o Microsoft Office Suite ou tecnologias baseadas na web, como blogs e podcasts, são frequentemente concebidos para fins empresariais ou de entretenimento. Diante disso, os professores devem superar a rigidez funcional e desenvolver habilidades para adaptar e reconfigurar essas tecnologias em contextos educacionais personalizados. Assim, o TPK requer uma abordagem prospectiva, criativa e flexível para o uso da tecnologia, visando não apenas a sua aplicação isolada, mas sim o avanço da aprendizagem e compreensão dos alunos.

Com relação à Educação Infantil, pode-se considerar os seguintes exemplos:

- Construção de cantinhos que estimulem brincadeiras de faz de conta;
- Organização de espaços makers;
- Organização de espaços para o descanso, alimentação e higiene.

Em última análise, ao reconhecer o professor como um aprendente, a Formação Continuada de professores deve ser concebida como um processo dinâmico e contínuo, o qual perpassa pela consciência do inacabamento humano e da necessidade de adaptação constante às demandas emergentes do contexto educacional.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S.; GOBBATO, C. Tópicos para (re)pensar os rumos para a educação infantil (pós)pandemia. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. 44, p. 1422-1448, jul./dez., 2021. Universidade Federal 1437 de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/15182924.2021.e81274>. Acesso em: 06 dez. 2024.

BRASIL. Lei nº 9394/1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 06 jul. 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 06 jul. 2024.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1**, de 27 de outubro de 2020. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2020-pdf/164841-rcp001-20/file>. Acesso em: 09 mar. 2024.

CECÍLIO, C. Blikstein: “Ferramentas tecnológicas devem ser usadas quando há um propósito pedagógico e não porque são novas ou modernas”: Tecnologia nas escolas. **Revista Nova Escola**, 14 out. 2021. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/20717/paulo-blikstein-ferramentas-tecnologicas-devem-ser-usadas-quando-ha-um-proposito-pedagogico-e-nao-porque-sao-novas-ou-modernas>. Acesso em: 12 dez. 2024.

DESMURGET, M. **A fábrica de cretinos digitais**: os perigos das telas para nossas crianças. São Paulo: Vestígio, 2021. Tradução de Mauro Pinheiro.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Editora Paz e Terra – 36ª edição. São Paulo. 1996.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTINS, C.; GIRAFFA L. M. M.; RAABE, A. **Práticas pedagógicas remixadas**: tendências da cultura digital. Joaçaba: Editora Unoesc, 2021.

MICARELLO, H. A. L. da S.; KRAMER, S. **Professores da pré-escola**: trabalho, saberes e processos de construção de identidade. Tese de Doutorado - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006. 212 p.

MISHRA, P.; KOEHLER, M. J. Technological Pedagogical Content Knowledge: A

Framework for Teacher Knowledge. **Teachers College Record**, v108, n 6, June 2006, p. 1017–1054. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9620.2006.00684.x>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MISHRA, P.; KOEHLER, M. J. What is technological pedagogical content knowledge? **Contemporary Issues in Technology and Teacher Education**, 9(1), 2009, p. 60-70. Disponível em: <https://citejournal.org/volume-9/issue-1-09/general/what-is-technological-pedagogical-content-knowledge/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MODELSKI, D.; GIRAFFA, Lúcia M. M.; CASARTELLI, A. de O. C. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, e180201, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/qGwHqPyjqbw5JxvSCnkVrNC/?format=pdf>. Acesso em: 10 dez. 2024.

PAIVA, F. Panorama Mobile Time/Opinion Box. **Crianças e smartphones no Brasil**. Outubro de 2021. Disponível em: <https://criancaeconsumo.org.br/wpcontent/uploads/2022/06/panoramacriancassmart-out21-ok.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2024.

RODRIGUES, G. da S. **Gestão pedagógica escolar apoiada no uso das tecnologias digitais**: o caso de uma escola de educação infantil municipal em Gravataí/RS. Dissertação (mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Porto Alegre, Mestrado Profissional Informática na Educação, Porto Alegre, 2020. 111 f.

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020. Disponível em: https://www.abennacional.org.br/site/wpcontent/uploads/2020/04/Livro_Boaventura.pdf. Acesso em: 09 dez. 2024.

SHULMAN, L. S. Knowledge and teaching: foundations of a new reform. **Harvard Educational Review**, Harvard, v. 57, n. 1, p. 1-22, 1987.

SHULMAN, L. S. Those who understand: knowledge growth in teaching. **Educational Researcher**, Thousand Oaks, California, v. 15, n. 4, p. 4-14, 1986.

TCU - Tribunal de contas da União. **Pesquisa de opinião com professores e professoras de escolas públicas**. Diagnóstico da formação docente no Brasil. 2023. Disponível em: https://www.profissaodocente.org.br/_files/ugd/1f15e7_1da5b13273ec4b08b7c25f7559a3bb5b.pdf. Acesso em: 09 dez. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. **Considerations in adjusting public health and social measures in the context of COVID-19**: interim guidance, 16 April 2020. World Health Organization, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/considerations-in-adjusting-public-health-and-social-measures-in-the-context-of-covid-19-interim-guidance>. Acesso em: 09 de dez. de 2024.

YADAV, A.; STEPHENSON, C.; HONG, H. Computational thinking for teacher education. **Commun. ACM** 60, 4, April 2017, p. 55–62. Disponível em: <https://doi.org.ez94.periodicos.capes.gov.br/10.1145/2994591>. Acesso em: 09 dez. 2024.

Os efeitos das mudanças climáticas no planeta sobre a memória e o esquecimento: as enchentes na Região Metropolitana de Porto Alegre

Edilson do Valle Kayser
Maurício Pereira Almerão

Introdução

A memória coletiva é um fenômeno complexo, marcado por uma relação dialética entre lembrança e esquecimento. Tal dinâmica se intensifica em contextos de eventos associados a tragédias socioambientais, que frequentemente se tornam marcos na história das comunidades afetadas. A memória, enquanto um processo dinâmico e culturalmente mediado, desempenha um papel fundamental na construção das narrativas coletivas que moldam as identidades sociais. Contudo, sua contraparte, o esquecimento, revela-se igualmente essencial, tanto como estratégia de sobrevivência psíquica quanto como mecanismo de reorganização social frente a eventos associados a tragédias socioambientais.

Dos efeitos das mudanças climáticas no planeta, capazes de provocar eventos extremos, em que as chuvas excessivas e devastadoras enchentes podem ser uma consequência direta, emerge uma relação intrinsecamente delicada entre memória e esquecimento, cujas implicações transcendem o registro histórico para abarcar dimensões emocionais, políticas e éticas. A memória não apenas preserva os testemunhos do passado, mas também carrega as marcas de desigualdades estruturais, amplificando ressentimentos históricos em comunidades que enfrentam riscos ambientais desproporcionais. Simultaneamente, o esquecimento, seja deliberado ou acidental, atua como um mecanismo de reconstrução social, apagando parcialmente as experiências dolorosas vivenciadas e permitindo a reconfiguração das relações comunitárias.

A Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) trata-se da área mais densamente povoada do estado brasileiro do Rio Grande do Sul, concentrando, segundo as Estimativas de População³³, em 2020, 4,4 milhões de habitantes, ou seja, 38,2% da população total do estado. Existem 19 municípios com mais de 100 mil habitantes no estado, dentre os quais, nove fazem parte da RMPA, perfazendo uma

³³ IBGE/Estimativas de População 2020.

densidade demográfica média da região de 421,8 hab/km². Criada, por lei, em 1973, a RMPA era inicialmente composta por 14 municípios. Contudo, o crescimento demográfico da Região, resultante principalmente das migrações internas, da interligação urbana e das emancipações ocorridas ao longo dos anos, fez com que a RMPA totalizasse, atualmente, 34 municípios (Rio Grande do Sul, 2021, p. 72).

Porto Alegre e Canoas são cidades integrantes da RMPA. Ao longo de suas histórias, foram palco de enchentes provocadas por eventos climáticos consideráveis, chuvas com volumes descomunais em períodos extremamente curtos de tempo, que não apenas deixaram marcas físicas em suas paisagens, mas também moldaram as memórias e os ressentimentos de seus habitantes. A articulação entre memória e esquecimento torna-se, portanto, um aspecto central para entender como esses episódios são narrados e ressignificados ao longo do tempo. As inundações, consequências diretas de determinados eventos climáticos, enquanto fenômenos naturais e sociais, carregam em si o poder de transformar paisagens físicas e simbólicas, influenciando tanto as infraestruturas urbanas quanto as narrativas que os grupos constroem em torno de tais acontecimentos. A enchente de 1941, uma das maiores da história de Porto Alegre, devastou a cidade, deixando rastros profundos na memória coletiva local e fomentando a construção de obras como o Muro da Mauá, concebido para proteger de futuras inundações a área central da capital (Guimaraens, 2009; Suptitz, 2021). Cheias mais recentes, como a inundação ocorrida em 2024 e superior em impacto àquela da quinta década do século XX, afetaram drasticamente o estado do Rio Grande do Sul, onde 452 municípios foram atingidos, nos mais variados níveis de impacto, alguns chegando a ser completamente destruídos, o que representou 90,9% de um total de 497 núcleos urbanos afetados (Rizzotto; Costa; Lobato, 2024). Em Porto Alegre e Região Metropolitana, reacenderam-se debates acerca da vulnerabilidade das cidades diante das mudanças climáticas e da relação entre eventos extremos dessa natureza e os desdobramentos nas políticas públicas necessárias para produzir um enfrentamento (Gonzatto, 2024; Nachtigall, 2024).

Destarte, esta pesquisa procura abordar a intrincada conexão entre memória e esquecimento, ao analisar como as lembranças de catástrofes ambientais são muitas vezes impregnadas por sentimentos de medo, frustração, sensação de perda, injustiça social e vulnerabilidade, ao estabelecer um recorte espaço-temporal com os impactos das enchentes ocorridas na Região Metropolitana de Porto Alegre, especificamente

nos municípios de Porto Alegre e Canoas, nos anos de 1941 e 2024. Dessa forma, a análise, aqui desenvolvida, das dinâmicas de memória e esquecimento, associadas aos efeitos dos eventos climáticos extremos, nos referidos municípios, não se limita a uma abordagem histórica, mas inclui uma perspectiva crítica sobre os desdobramentos socioculturais e políticos. Este estudo visa, assim, compreender como as sociedades enfrentam o desafio de preservar a memória coletiva enquanto gerenciam os impactos do ressentimento e do esquecimento, articulando narrativas resilientes em um contexto de recorrentes crises ambientais. Propõe-se, além disso, uma análise interdisciplinar, vinculando, em especial, estudos de memória coletiva à memória ambiental e ressaltando a importância de compreender as implicações culturais, sociais e políticas dos efeitos das mudanças climáticas em uma perspectiva histórica e contemporânea.

Arcabouço teórico

A relação dialética entre lembrança e esquecimento emerge como um dos pilares fundamentais nos estudos de memória coletiva, sendo amplamente debatida em diferentes campos do saber. A partir das contribuições de Maurice Halbwachs, Paul Ricoeur, bem como de outros pensadores que abordam a memória como um fenômeno social e culturalmente mediado, revelando sua complexidade e implicações nas esferas individual e coletiva, busca-se compreender como os processos de memória e esquecimento se articulam e moldam a identidade coletiva e as narrativas históricas.

Maurice Halbwachs (2006), em sua teoria da memória coletiva, enfatiza que a memória não é um processo exclusivamente individual, mas se desenvolve no interior de um contexto social, intrinsecamente conectada aos quadros sociais que a sustentam. Para o sociólogo francês, a memória é sustentada e moldada pelos grupos sociais aos quais o indivíduo pertence, como a família, a religião ou a nação, fornecedores dos quadros sociais, estruturas coletivas referenciais para a rememoração e necessários para a organização e interpretação das lembranças. Ao mesmo tempo, Halbwachs enfatiza que o esquecimento, longe de ser uma mera ausência, desempenha um papel ativo no processo de seleção daquilo que será preservado na memória coletiva. Tal seletividade reflete as necessidades, interesses do grupo e as circunstâncias históricas em que essas memórias são produzidas e

transmitidas. Nesse sentido, a memória, ao ter caráter seletivo, promove um esquecimento deliberado ou inconsciente de elementos que não se ajustam às narrativas coletivas dominantes, em outras palavras, uma seletividade que evidencia o caráter dinâmico e em constante construção da memória coletiva.

Paul Ricoeur (2007), por sua vez, aprofunda a análise da memória ao explorar a tensão entre lembrança e esquecimento em uma perspectiva fenomenológica e hermenêutica. Para Ricoeur, a lembrança e o esquecimento não são opostos, mas fenômenos interdependentes que coexistem em uma relação dialética. A memória é intrinsecamente ligada ao tempo e à narrativa, funcionando como um campo de disputa entre a fidelidade ao passado e a necessidade de interpretação subjetiva e coletiva. O ato de lembrar envolve, inevitavelmente, uma escolha interpretativa, na qual certos elementos do passado são trazidos à tona enquanto outros são relegados ao esquecimento. Nessa visão, o esquecimento não tende a significar deficiência ou ausência de memória, possuindo, na verdade, um papel estruturante, ao permitir que novas experiências sejam integradas e que haja reconciliação com o passado. Ricoeur alerta, todavia, para os "abusos do esquecimento", entendidos como a negação ou apagamento deliberado de eventos históricos, uma intencional negligência de episódios fundamentais para a compreensão da identidade coletiva, e, também, para os "abusos da memória", quando o passado é utilizado como tendenciosos instrumentos de manipulação política ou ideológica.

Tal relação entre lembrança e esquecimento não implica em uma oposição absoluta, mas em um movimento complementar e interdependente. Se Halbwachs oferece as bases sociológicas para compreender como os quadros sociais estruturam a memória, Ricoeur problematiza as implicações éticas e temporais dessa dinâmica. Nos estudos de memória coletiva, essa interação dialética revela-se essencial para investigar como as sociedades negociam o passado e constroem narrativas que sustentam identidades e significados no presente. Assim, esta pesquisa reforça fundamentalmente os aportes teóricos de Halbwachs e Ricoeur, para analisar como a memória coletiva é permeada por escolhas conscientes e inconscientes de lembrança e esquecimento, considerando os contextos sociais, políticos e culturais que influenciam esses processos. Essa perspectiva permite uma abordagem crítica e integrada sobre a memória, entendendo-a como um fenômeno dinâmico, marcado por

tensões e negociações que moldam tanto o entendimento do passado quanto as projeções para o futuro.

Entretanto, outros pensadores também oferecem subsídios importantes à nossa pesquisa. Aleida Assmann (2011), por exemplo, amplia a discussão ao explorar as transformações da memória cultural ao longo do tempo. Ela distingue entre memória viva, mantida pela prática cotidiana e pelas narrativas orais, e memória cultural, que se fixa em artefatos, documentos e monumentos. Essa dualidade ressalta a relação dinâmica entre lembrar e esquecer, especialmente na forma como as sociedades escolhem preservar ou silenciar determinados aspectos do passado, face a momentos de intensa destruição. Michael Pollack (1989), igualmente, contribui para essa análise ao investigar os mecanismos de silenciamento na construção da memória coletiva. O autor argumenta que o silêncio pode ser tanto um reflexo de esquecimento involuntário quanto uma estratégia consciente para evitar confrontos ou as experiências dolorosas vivenciadas. Essa perspectiva é essencial para compreender os processos pelos quais certos eventos ou testemunhas são excluídos das narrativas oficiais.

Stella Bresciani e Márcia Naxara (2004) trazem, do mesmo modo, à tona a dimensão emocional da memória, abordando o ressentimento como um elemento central na lembrança de injustiças históricas, ressaltando como as memórias de eventos com forte impacto social negativo são frequentemente permeadas por emoções que influenciam tanto o conteúdo quanto a forma de sua transmissão intergeracional. Jacy Seixas (2004) reflete, conjuntamente, sobre a pluralidade de memórias em disputa, destacando como a memória coletiva é frequentemente fragmentada e marcada por tensões entre diferentes grupos sociais, reforçando a ideia de que o esquecimento, muitas vezes, é imposto como parte de um processo de dominação simbólica por parte de um grupo sobre o outro. Finalmente, Rodrigo Flores (2022) aborda a importância de considerar a sensibilidade na análise das memórias coletivas, pois as experiências “sensíveis”, muitas vezes negligenciadas, desempenham um papel crucial na formação e manutenção das memórias, contribuindo para a compreensão de eventos com impacto social negativo e de suas ressignificações ao longo do tempo.

Essas abordagens convergem para evidenciar que a relação entre lembrança e esquecimento é mediada por fatores sociais, culturais, emocionais e políticos. A

memória coletiva não é apenas um repositório de eventos passados, mas um campo dinâmico de disputa e ressignificação, onde o esquecimento desempenha um papel ativo tanto na organização das lembranças quanto na exclusão de elementos que desafiam as narrativas hegemônicas. Desta forma, as múltiplas dimensões da memória e do esquecimento tendem a ser melhor abrangidas, contribuindo para uma compreensão mais ampla das formas como as sociedades constroem e reconstróem suas identidades e suas histórias.

Metodologia e resultados

A presente pesquisa adota uma abordagem fenomenológica para explorar os esquecimentos análogos na memória – o inexistente na memória e o desaparecido da memória – como fenômenos interligados e significativos no campo dos estudos de memória coletiva. A fenomenologia, enquanto método, permite uma análise aprofundada das experiências vividas pelos sujeitos, buscando compreender o significado dos fenômenos a partir de suas manifestações no mundo da vida ou mundo vivido, conceito conhecido como “Lebenswelt”, entendido como “a experiência e o conjunto coerente de vivências pré-científicas” (Missaggia, 2018, p. 192). Fundamentada em autores como Edmund Husserl (2012), a abordagem fenomenológica revela-se adequada para investigar o modo como as experiências de memória e esquecimento são vividas, percebidas e narradas.

Esta é, portanto, uma pesquisa qualitativa, com caráter descritivo e cunho bibliográfico. Seu objetivo principal é compreender como os sujeitos vivenciam e interpretam as lacunas na memória, diferenciando, mas também correlacionando, os esquecimentos relacionados ao que nunca foi registrado na memória (o inexistente) e ao que foi registrado, mas desapareceu ou foi suprimido (o desaparecido). Evidenciou-se a construção de uma memória coletiva capaz de envolver um amplo espectro de eventos associados a tragédias socioambientais que moldam tanto as narrativas sociais quanto as identidades comunitárias. Na Região Metropolitana de Porto Alegre, no caso específico de Porto Alegre e Canoas, foram destacados dois episódios de enchentes que se configuraram como marcos com impacto social negativo: as enchentes de 1941 e de 2024. Ambos os eventos, embora separados por um intervalo de mais de oito décadas, compartilham características que revelam a complexidade da relação entre memória, esquecimento e resiliência coletiva. Tais enchentes, dentre

os maiores desastres climáticos registrados na região, impactaram profundamente as estruturas urbanas, sociais e econômicas das cidades, deixando marcas indeléveis na memória coletiva local.

Os resultados obtidos neste trabalho configuram um recorte que enfatiza os dados obtidos em material impresso e digital, proveniente de acervos acadêmicos e imprensa especializada, a respeito da temática apresentada. Os dados foram analisados utilizando a fenomenologia hermenêutica, inspirada no método de Paul Ricoeur. Esse método combina a descrição das experiências relatadas pelos participantes com a interpretação das estruturas de significação que emergem dessas narrativas. A abordagem fenomenológica permite uma compreensão mais aprofundada das experiências subjetivas de lacunas na memória, elucidando as dinâmicas de esquecimento análogo e ampliando os horizontes teóricos e metodológicos nos estudos de memória coletiva e individual. O estudo permite subsídios para reflexões epistemológicas e práticas sobre os processos de reconstrução do passado e ressignificação do presente nas narrativas identitárias.

A enchente de 1941 tornou-se um evento reiteradamente narrado pelas gerações subsequentes como um símbolo de vulnerabilidade, mas também como um catalisador de ações comunitárias de reconstrução. Nesse contexto, o Muro da Mauá, em Porto Alegre, foi construído onde o Cais Mauá operava como uma doca, um trecho de 2,6 quilômetros de extensão, que passou a integrar um sistema maior de proteção contra inundações, este com 68 quilômetros totais, que se estende desde o limite da cidade de Cachoeirinha até o bairro Assunção, na Zona Sul, complementado, nos demais trechos, por diques formados por avenidas (Suptitz, 2021). Entretanto, observou-se que, com o passar do tempo, a memória desse episódio sofreu um processo de apagamento parcial, influenciado pela ausência de registros oficiais sistemáticos e pela priorização de narrativas que enfatizavam avanços e modernizações subsequentes à tragédia. O mesmo muro, antes, tábua de salvação, passou, então, a ser tratado como elemento supérfluo, com soluções que, para melhorar a aparência, eram tratadas como temporárias, pois a intenção de integrantes do poder público era efetivamente derrubar a estrutura.

Em 03 de maio de 2024, Porto Alegre já enfrentava a maior enchente de sua história, superando a cheia de 1941. A cidade ficou inundada nas regiões próximas do lago Guaíba. As águas tomaram conta das áreas baixas do Centro Histórico,

atingiram prédios icônicos e alagaram, por completo ou com pontos críticos de inundação, os principais acessos de entrada e saída da cidade, ao Aeroporto e às cidades da Grande Porto Alegre. O pico da cheia no lago Guaíba, de acordo com os dados fornecidos pela SEMA³⁴, chegou a 5,33m, às 08:00h do dia 05 de maio. A enchente de 2024, ocorrida em um contexto contemporâneo de maior urbanização e mudanças climáticas, reacendeu memórias latentes do evento de 1941, evidenciando às vulnerabilidades estruturais e sociais. Este novo episódio, amplamente documentado por tecnologias digitais, gerou intenso debate público, principalmente nas redes sociais, uma memória coletiva instantânea e polarizada. Emergiram sentimentos de ressentimento, especialmente entre comunidades marginalizadas, devido à percepção de que os impactos das enchentes foram amplificados por desigualdades socioeconômicas e pela ineficiência de políticas públicas de prevenção e mitigação (Nachtigall, 2024) (Figura 1).

Figura 1. Região do Cais Mauá em Porto Alegre (RS) alagada na Enchente de 2024



Fonte: Ricardo Stuckert/Presidência da República. 06 maio 2024.

³⁴ Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura do Estado do Rio Grande do Sul

O município de Canoas foi profundamente castigado pelo evento climático de 2024. A enchente, fruto das intensas chuvas, submergiu 60% dos 131 quilômetros quadrados de área da cidade, o equivalente a quase 11 mil campos de futebol engolidos pela fúria das águas. A cheia atingiu diretamente ou indiretamente metade da população, provocou desespero e boatos infundados, exigiu resgates heroicos e resultou em desabrigados sob responsabilidade do município em abrigos públicos e outras instituições voluntárias. Em dois terços da cidade, a destruição foi praticamente total, com cerca de 80 mil casas atingidas, além de empresas, fábricas e equipamentos públicos, como escolas e unidades de saúde. A inundação transformou o oeste canoense em mera extensão dos rios e arroios próximos, principalmente o Rio Jacuí e o Rio dos Sinos. No bairro Mathias Velho, tradicionalmente populoso e onde vivem cerca de 50 mil pessoas, a submersão foi total (Gonzatto, 2024). Perto de 200 mil pessoas foram afetadas pelas inundações apenas no município, que conta com 348 mil habitantes, especialmente no lado oeste da cidade, uma calamidade absoluta que afetou profundamente, além dos bairros Mathias Velho e Harmonia, outros, em menor intensidade (Figura 2).

Figura 2 – Foto do resgate de atingidos pela cheia, bairro Mathias Velho, Canoas (RS).



Fonte: Matheus P  / Especial. 05 maio 2024.

A enchente sofrida pela cidade de Canoas em 2024 foi comparada à catástrofe avassaladora ocorrida em Nova Orleans, nos Estados Unidos, no desastre do furacão Katrina, em 2005 (Nachtigall, 2024). Ao avançar sobre a área urbana canoense, a cheia atingiu em algum grau metade da população, provocou desespero e boatos infundados. Milhares de moradores de bairros como Mathias Velho, Fátima, Rio Branco e Harmonia, expulsos pela água, puseram-se a pé em marcha forçada para regiões mais elevadas. Quando a correnteza invadiu ferozmente as ruas, resgates heroicos aconteceram, em embarcações ou por meio de aeronaves da Força Aérea Brasileira (FAB), quando famílias e animais se refugiaram em telhados, em alguns casos, os únicos pontos seguros remanescentes (Gonzatto, 2024).

Em tragédias socioambientais, enchentes possuem evidente impacto à saúde mental de desalojados e desabrigados, ao provocarem, de maneira abrupta, consideráveis perdas materiais e danos emocionais (Rizzotto; Costa; Lobato, 2024). Em pesquisa ora em andamento na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, em que foram analisadas mil respostas dentre 2,5 mil respostas a questionários aplicados, ao longo de três semanas, durante 2024, constatou-se que 90% dos moradores do estado do Rio Grande do Sul foram afetados, psicologicamente, pelas chuvas que atingiram o solo gaúcho no mês de maio daquele ano. Transtorno do estresse pós-traumático, ansiedade, depressão e esgotamento profissional (burnout) foram doenças de saúde mental citadas por quem respondeu à pesquisa (Boff, 2024). As mudanças climáticas são uma realidade inegável que ameaça o futuro do planeta Terra e este fenômeno pode ter impactos psicológicos significativos em algumas pessoas. A Associação Americana de Psicologia (APA) descreve o comportamento de alguns indivíduos acometidos por uma profunda frustração e sensação de perda, ao perceberem que não podem fazer o suficiente para conter as mudanças climáticas, como “ecoansiedade” (neologismo advindo do termo de língua inglesa “ecoanxiety”), um medo crônico de sofrer um cataclismo ambiental ao observar o impacto, aparentemente irrevogável, das mudanças climáticas, gerando uma preocupação associada ao futuro de si mesmo e das gerações futuras (Clayton et al., 2017, p. 27).

A análise comparativa desses eventos demonstra que a memória de desastres não é apenas um registro factual do passado, mas uma construção dinâmica e seletiva, permeada por elementos emocionais, políticos e culturais. As enchentes de

1941 e 2024, embora distintas em seu contexto histórico e tecnológico, revelam uma continuidade de processos de vulnerabilidade e reconstrução que transcendem gerações. Ademais, destaca-se o papel do esquecimento como uma estratégia inconsciente para lidar com as experiências dolorosas vivenciadas, mas que, paradoxalmente, pode dificultar a construção de uma resiliência efetiva frente a eventos futuros.

Ainda assim, a resiliência coletiva é um fenômeno que não pode ser desconsiderado como instrumento de enfrentamento às catástrofes. Monumentos erigidos em Porto Alegre, ainda no ano de 2024, homenageiam os voluntários que participaram dos resgates durante a calamidade da enchente ocorrida naquele mesmo ano. As esculturas, inauguradas em dois pontos estratégicos da cidade que serviram de ponto de resgate e socorro de vítimas, catalisam toda uma carga de emoção envolvida e carregam o peso simbólico do heroísmo e do altruísmo daqueles que testemunharam a enchente. O “Monumento aos Voluntários Anônimos” foi inaugurado no Parque do Pontal e possui autoria do artista goiano Siron Franco (Brito, 2024), enquanto que a escultura “Heróis Voluntários” foi produzida pelo artista Ricardo Cardoso e instalada no trecho 1 da orla do Guaíba, junto à Usina do Gasômetro, onde se lê a inscrição:

À memória de nossa terra no seu momento de dor, superação e inspiração em maio de 2024, para que possamos aprender com o que aconteceu, agradecer e evoluir. Nosso muito obrigado a todos os brasileiros que nos estenderam as mãos! (Faleiro, 2024)

Dessa forma, constata-se que a memória coletiva relacionada a eventos associados a tragédias socioambientais, como enchentes, não apenas registra os impactos do passado, mas também molda as formas como as comunidades se organizam para enfrentar desafios presentes e futuros. A ressignificação desses eventos, ao mesmo tempo em que evidencia lacunas de esquecimento, fortalece a necessidade de promover práticas mais inclusivas e participativas de preservação da memória, com vistas à construção de cidades mais resilientes e socialmente justas.

A discussão aqui proposta, por fim, busca apoiar-se em reflexões sobre a ressignificação de espaços urbanos e naturais após os desastres. José Antonio Lutzenberger (1974) foi um ecologista e agrônomo brasileiro que participou ativamente na luta pela preservação ambiental, um ferrenho defensor do desenvolvimento sustentável na agricultura e no uso dos recursos não renováveis,

alertando para os perigos do modelo de globalização em vigor. O ambientalista já alertava, cinco décadas antes, para a necessidade de compreender-se as causas estruturais das inundações, criticando a expansão urbana desenfreada e o descaso com os ecossistemas naturais. O Mural Lutz, em sua homenagem, encontra-se, ironicamente, em um prédio atingido pela enchente de 2024, em Porto Alegre (Figura 3).

Figura 3. O Mural Lutz, na enchente de 2024, em Porto Alegre (RS).



Fonte: Gustavo Mansur/ Palácio Piratini. 07 maio 2024.

Considerações finais

A análise desenvolvida nesta pesquisa, compreendendo as dinâmicas de memória e esquecimento associadas aos contextos marcados pelos impactos sociais negativos de eventos climáticos extremos, não se limita a uma abordagem histórica, mas inclui uma perspectiva crítica sobre os desdobramentos socioculturais e políticos. É de fundamental importância, assim, compreender como as sociedades enfrentam o desafio de preservar a memória coletiva enquanto gerenciam os impactos do ressentimento e do esquecimento, articulando narrativas resilientes em um contexto de recorrentes crises ambientais.

Autores como Maurice Halbwachs (2006) e Paul Ricoeur (2007) fornecem bases teóricas sólidas para compreender como as comunidades negociam o lembrar e o esquecer diante de tais eventos extremos, uma perspectiva ainda mais relevante em contextos marcados por ressentimentos sociais e ambientais, nos quais a memória de um evento com impacto social negativo pode ser perpetuada como um testemunho de resistência ou como um lembrete de injustiças não resolvidas (Bresciani; Naxara, 2004). A relativização do tempo histórico e linear, frequentemente privilegiado como forma de narrar o tempo, torna-se imprescindível ao se lidar com as questões temporais e ambientais sob a ótica dos afetados, direta ou indiretamente. Isso sugere que as narrativas ambientais precisam transcender a linearidade cronológica e incorporar uma abordagem plural, que valorize as percepções, experiências e memórias das comunidades locais. Estudos realizados nos últimos anos, como os de Weber (2021) e Costa (2023), revisitam as histórias das enchentes em Porto Alegre, destacando também as transformações simbólicas que acompanham essas tragédias.

A tragédia de 2024 revelou o descaso de muitas administrações, em nível estadual e municipal, ao adotarem, ao longo de décadas, políticas de estrangulamento e sucateamento do setor público, somadas à privatização de áreas de interesse público. Alertas e recomendações técnicas de medidas de prevenção foram anunciadas e documentadas, mas pouco se fez, em um descaso generalizado. O negacionismo climático instalado desconsidera estes alertas, seguindo a narrativa de que eventos extremos acontecem de maneira sazonal, configurando um acontecimento natural, ainda que tais eventos estejam acontecendo com frequência e intensidade maiores. O enfrentamento às mudanças climáticas acarreta, além de uma postura ambiental coerente, reequacionar o processo de urbanização e de proteção das populações, especialmente as mais vulneráveis (Rizzotto; Costa; Lobato, 2024).

A análise empreendida neste estudo reafirma, portanto, a inequívoca necessidade de aprofundar a aplicação dos conceitos de memória social no campo da memória ambiental, sobretudo em contextos marcados pelos efeitos de eventos climáticos extremos, como os ocorridos na Região Metropolitana de Porto Alegre. Tais eventos, além de configurarem marcos com impacto social negativo para os habitantes locais, suscitam reflexões mais amplas acerca das relações entre

sociedade, tempo e ambiente. O reconhecimento da memória ambiental como um campo de estudo interdisciplinar pode contribuir significativamente para a compreensão das dinâmicas de vulnerabilidade, resiliência e reconstrução social frente a crises climáticas. A memória, nesse sentido, não deve ser entendida apenas como um repositório de eventos passados, mas como um recurso ativo na construção de futuros mais sustentáveis e inclusivos. É de suma importância promover uma análise interdisciplinar capaz de melhor compreender as implicações culturais, sociais e políticas resultantes dos efeitos das mudanças climáticas, sob uma ótica histórica e contemporânea.

Recomenda-se, finalmente, que futuros estudos se dediquem a investigar como as diferentes formas de percepção temporal influenciam a maneira pela qual as comunidades experienciam e respondem aos impactos climáticos. Esta abordagem poderá enriquecer os debates sobre a memória e sua relação com as questões ambientais, fornecendo subsídios para políticas públicas que promovam não apenas a mitigação dos danos ambientais, mas também a preservação das narrativas coletivas que sustentam a identidade e a coesão social das populações afetadas. Assim, a conjugação da memória social com a memória ambiental revela-se um caminho promissor para ampliar as reflexões e ações voltadas à gestão de crises climáticas e suas implicações na vida das comunidades.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2011.

BOFF, T. 9 em cada 10 atingidos pelas enchentes do RS relatam ansiedade, indica pesquisa. **G1**. RS. 03 dez. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/06/11/ansiedade-depressao-burnout-e-estresse-atingidos-por-enchentes-no-rs-apresentam-sintomas-de-transtornos-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 28 jan. 2025.

BRESCIANI, S; NAXARA, M. (orgs.) **Memória e res(sentimento)**: indagações sobre uma questão sensível. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BRITO, M. Heróis anônimos: Porto Alegre ganha monumento em homenagem aos voluntários das enchentes. **G1**. RS. 03 dez. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/12/03/herois-anonimos-porto-alegre-ganha-monumento-em-homenagem-aos-voluntarios-d%E2%80%A6/> Acesso em: 26 jan. 2025.

CLAYTON, S. et al. **Mental health and our changing climate**: impacts, implications, and guidance. Washington, D.C.: American Psychological Association, ecoAmerica, 2017.

COSTA, J. Conheça a história de oito grandes inundações em Porto Alegre antes de 1941. **Correio do Povo**. 26 set. 2023. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/especial/conhe%C3%A7a-a-hist%C3%B3ria-de-oito-grandes-inunda%C3%A7%C3%B5es-em-porto-alegre-antes-de-1941-1.1391807?fbclid=I%2E%80%A6>. Acesso em: 28 maio 2024.

FALEIRO, F. “Descobri que existem heróis”, diz escultor de obra que homenageia voluntários das enchentes em Porto Alegre. **Correio do Povo**. 06 dez. 2024. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/descobri-que-existem-her%C3%B3is-diz-escultor-de-obra-que-homenageia-volunt%C3%A1rios-das-enchentes%E2%80%A6>. Acesso em: 26 jan. 2025.

FLORES, R. M. As memórias sensíveis em perspectiva. **Revista Especialidades**. 2022.2, v. 18, n. 2, p. 96-117, 2022. ISSN 1984-817-X. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1984-817X.2022v18n2ID28086>. Acesso em: 27 maio 2023.

GONZATTO, M. Enchente devasta dois terços de Canoas e deixa mais de 15 mil desabrigados. **GZH**. 05 maio 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2024/05/enchente-devasta-dois-tercos-de-canoas-e-deixa-mais-de-15-mil-desabrigados-clvu0oh08003s011wgr2i5d2y.html>. Acesso em: 25 ago. 2024.

GUIMARAENS, R. **A enchente de 41**. Porto Alegre: Libretos, 2009.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

LUTZENBERGER, L. Inundações, suas causas e consequências. In: __ **Manual de Ecologia - do jardim ao poder**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1974. Disponível em: https://fgaia.org.br/texts/lutz_inundações.html. Acesso em: 08 maio 2024.

MISSAGGIA, J. A noção husserliana de mundo da vida (Lebenswelt): em defesa de sua unidade e coerência. **Trans/Form/Ação**. nº 41 (1), p. 191-208, jan.-mar., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732018000100009>. Acesso em: 26 jan. 2025.

NACHTIGALL, L. F. O. **Laudo Meteorológico 031/2024**. 09 maio 2024. São Leopoldo: Metsul Meteorologia Ltda, 2024. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/wp-content/uploads/2024/05/Laudo-Meteorologico-031.2024-27.04.2024-a-02.05.2024.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2024.

POLLACK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RICOEUR, P. **A memória, a História, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Planejamento Governamental. **Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul**. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Planejamento Governamental. 6. Ed. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Planejamento Governamental, 2021.

RIZZOTTO, M. L. F; COSTA, A. M; LOBATO, L. de V. da C. Crise climática e os novos desafios para os sistemas de saúde: o caso das enchentes no Rio Grande do Sul/Brasil. **Saúde em debate**, 48 (141), p. 1-5, apr.-jun., 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2358-28982024141EDP>. Acesso em: 28 jan. 2024.

SEIXAS, J. A. de. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas atuais. In: BRESCIANI, S. e NAXARA, M. (org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

SUPTITZ, B. Muro da Mauá: um debate técnico e paisagístico. **Jornal do Comércio**. Pensar a Cidade. 2 jul. 2021. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2021/07/799815-muro-da-maua-um-debate-tecnico-e-paisagistico.html. Acesso em: 28 maio 2023.

WEBER, J. R. Os 80 anos do maior embate de Porto Alegre com a natureza: saiba como foi a enchente de 1941. Porto Alegre Ano 250. **GZH**. 20 abr. 2021 (a). Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2021/04/os-80-anos-do-maior-embate-de-porto-alegre-com-a-natureza-saiba-como-foi-a-enchente-de-1941-cknkyrnz900dg01984aa73ykp.html>. Acesso em: 21 abr. 2021.

Mercado Público de Porto Alegre: tradição, memórias, incidentes e modernidade

*Josiane Lima de Andrade
Patrícia Kayser Vargas Mangan
Rute Henrique da Silva*

Introdução

Na maioria das cidades antigas ou colonizadas, formadas pela mistura de diferentes povos, surgiram espaços comerciais conhecidos como mercados públicos, empórios, armazéns de produtos secos e molhados ou mercearias.

Os mercados públicos surgiram, sobretudo, com o propósito de facilitar a troca de produtos antes mesmo da introdução da moeda, tornando-se assim espaços fundamentais para interações sociais. Ao participarem ativamente da vida comunitária das populações locais, esses locais fomentam trocas culturais enriquecedoras.

No município de Porto Alegre, que conta com 252 anos de história, a situação não foi distinta: o Mercado Público foi inaugurado em 3 de outubro de 1869, é o mais antigo do Brasil. Ele foi estabelecido para facilitar a comercialização de produtos e serviços, contando com mais de 100 lojas que oferecem uma grande variedade de atividades. Situado na Praça XV, no centro de Porto Alegre, nas proximidades da Prefeitura e do cais do porto, que também são marcos históricos do município. Em 1857, surgiu a proposta de erguer o Mercado Público Central, pois o mercado existente desde 1844 não atendia mais às exigências do progresso urbano da cidade. A autoria do projeto é do arquiteto alemão Friedrich Heydtmann.

Desde então, passou por muitas reformas e adaptações, além de ser assolado por alguns incidentes como quatro incêndios e duas inundações devido às enchentes no município de Porto Alegre.

Atualmente, mais de 100 estabelecimentos compõem o Mercado, oferecendo ainda uma variedade de atividades, destacando-se pelo excelente atendimento, pelo relacionamento entre clientes, visitantes e permissionários. O local abriga bancas pertencentes a várias gerações familiares que contam a história dos gaúchos, além de ser cenário de manifestações culturais, celebrações religiosas, eventos e feiras sazonais.

Assim, além de ser um dos principais pontos de abastecimento da cidade, o Mercado é também um importante espaço público de intercâmbio e diversidade. Com enorme possibilidade para se estabelecer como propensão turística, é perfeito para

aqueles que procuram experienciar sabores singulares, pratos tradicionais e populares, além de vivenciar práticas sociais e culturais únicas.

A Secretaria Municipal de Administração e Patrimônio (SMAP) é responsável pela gestão e coordenação das atividades administrativas e operacionais do Mercado. Além disso, recebe o apoio da Associação do Comércio do Mercado Público (ASCOMPEPC) para orientar na preservação e no desenvolvimento deste espaço.

O Mercado Público é uma gama de cultura e patrimônio rio-grandense, abrigando tanto o patrimônio material quanto o imaterial. Pois, segundo o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) conforme a classificação da UNESCO, o Patrimônio cultural tangível inclui obras monumentais ou arqueológicas, como arquitetura, escultura e pintura, bem como criações destacadas ou estabelecidas do homem e da natureza. Também encontra-se nesse mote o Patrimônio Cultural Imaterial, incluindo conhecimentos, hábitos, manifestações, demonstrações, saberes e técnicas, bem como ferramentas culturais, itens, artefatos e locais relacionados e pertencentes de povos e ainda de indivíduos.

Enaltecendo o Mercado Público como Patrimônio dos porto-alegrenses e bem como dos rio-grandenses, em que se remete a memória do povo gaúcho para suas tradições, suas crenças e sua história. Sendo assim, o artigo debruça-se na composição de Memória Social e Bens Culturais. Além disso, orienta-se pela ideia de que a memória é um meio e uma condição de prática social numa perspectiva histórica, social e política.

Apoiando-se em conceitos de teóricos como Halbwachs, Candau e Pollak, este trabalho parte do pressuposto que o conhecimento sobre os fatos do passado está amparado na consciência da memória individual, coletiva e/ou social, identidade e patrimônio. A atribuição da memória social orienta-nos não só na reconstrução do passado, mas também na sua reconstrução à luz das controvérsias decorrentes das nossas perspectivas atuais. Já que a compreensão da memória social apresenta várias interpretações e consequências, podendo ser usada de forma exagerada, importante situar essas conceituações no âmbito da preservação do patrimônio.

Refletir e debater as memórias em relação ao patrimônio abre diversas perspectivas sobre como as memórias podem ser recriadas, em vez de apenas lembradas. Isso nos leva a novos conhecimentos sobre questões contemporâneas do patrimônio, que, embora muitas vezes seja visto como algo a ser protegido e

transmitido, também é uma atividade social que permite às pessoas compartilhar valores, fortalecer identidade e criar projetos patrimoniais.

Com essa suposição, o artigo baseia-se numa perspectiva metodológica de revisão bibliográfica, recorrendo aos trabalhos já realizados, a fim de cruzar com o referencial teórico do qual nos propomos abordar. Nesse sentido, contamos com autores como Halbwachs (1990), Pollak (1989) e Candau (2009), que aportam a concepção de memória como acontecimento social e as suas relações com o patrimônio, além do conceito de identidade no mundo moderno. Giddens (1991) aponta a subalternidade social e as consequências da modernidade diante das tragédias que assolam o contexto social e sua transformação. À medida que todos os autores são discutidos e entrelaçados no aspecto social, memória e transformação social, fica claro que memória e patrimônio estão ligados na preservação e procedimento em que entram declarações, representações, registro e toda característica de conhecimento que adequam a uma estabelecida identidade cultural. O artigo pontua igualmente a memória como uma questão social, haja vista polêmicas e embates sociais na distinção e composição da memória coletiva, bem como sua transformação diante de questões catastróficas. Além das transformações causadas no contexto social e o que pode levar ao esquecimento, sobretudo, mediante as lembranças que levam ao sofrimento. Seguindo, faremos o fechamento, trazendo apontamentos dos estudos diante das revisões dos desfechos sociais e das mudanças que podem ou não se estabelecer.

Mercado Público: todos pensando juntos

Ao realizar uma síntese dos estudos já executados a respeito do Mercado Público de Porto Alegre. Percebe-se que os trabalhos abordaram desde revitalização, diversidade, economia familiar, arquitetura e espaço social até a história de sua constituição. Na pesquisa proposta não foi determinado limite temporal para elaboração da pesquisa bibliográfica, visto que se percebe a gama de temas abordados e o espaçamento entre eles. Assim, visando dar prioridade ao esforço de estudo, serão elaboradas sínteses dos assuntos que mais se conectam com o objetivo que buscamos atingir.

Portanto, consideramos três trabalhos com diversidade de exposição, uma pesquisa de dissertação, um estudo científico apresentado e publicado em anais e um

artigo publicado em revista on-line internacional. A que nos propusemos realizar, todos os estudos contribuíram para a análise do tema sugerido na composição da Memória Social e Bens Culturais.

Jobins (2019), em seu trabalho "Características e Especificidades do Mercado Público — Uma Conceção Urbanística", destaca que o Mercado Público abriga uma diversidade de conhecimentos e perspectivas de uma comunidade local, além de representar relações sociais e simbólicas ligadas ao seu espaço físico e arquitetônico. Essa dinâmica permite a integração de diferentes indivíduos que frequentam o mercado. A autora conclui que o Mercado Público é um local de interações comerciais e sociais, percebido pela comunidade como um centro de compra e espaço econômico, sendo essas interações fundamentais para a vitalidade dos mercados públicos no Brasil.

Os locais mencionados vão além da simples troca de mercadorias, englobando relações humanas, arquitetura, experiências e emoções, tornando-se ícones significativos para a comunidade. A memória é destacada não apenas pelas tradições, mas também pela formação dos espaços ao longo de várias gerações.

Pessoas pertencentes a um grupo podem partilhar marcos de memória comuns, porém não possuem necessariamente as mesmas interpretações do passado, ressalta Candau (2009). Dessa forma, entende-se que tanto o espaço quanto a memória funcionam como sistemas fluidos, que influenciam as vivências das pessoas no contexto temporal e espacial atual.

A preservação dos patrimônios e das tradições culturais são abarcadas pelos indivíduos em razão das suas convivências, cultivando os sentimentos também de pertencimento por meio das raízes sociais. Portanto, mesmo que a memória não esteja interligada à memória do grupo social, ainda assim, o patrimônio, seja material ou imaterial, será defendido para se perpetuar.

Quando se aborda o tema das práticas patrimoniais, a conexão entre os conceitos de memória e identidade é fundamental, visto que o patrimônio desempenha um papel central nessa discussão. Por ser um conceito que se construiu ao longo da história, o patrimônio reflete sentimentos de reconhecimento e pertencimento tanto de indivíduos quanto de grupos, sendo influenciado pela identidade e, assim, reforçando a memória em uma relação dual, como destaca Candau (2009). O patrimônio está intimamente relacionado às lembranças e memórias, já que estas são essenciais, na

prática, patrimonial, porque os bens culturais estão imersos em ações políticas de preservação por conta da sua ligação com as identidades culturais.

Cunha (2024) aborda aspectos importantes da vida social e das memórias dos porto-alegrenses, especialmente aqueles que valorizam suas tradições. No artigo “Os impactos das grandes tragédias climáticas na saúde mental”, o autor menciona que, desde o final de abril, o Rio Grande do Sul enfrenta inundações consideradas uma das piores catástrofes da história do Brasil. Após três semanas de chuvas, cerca de 600 mil pessoas ficaram desabrigadas e 90 mil tiveram que evacuar suas casas. A Confederação Nacional dos Municípios (CNM) reporta prejuízos superiores a R\$ 10 bilhões nas cidades afetadas. Além dos danos materiais, o texto ressalta o crescente impacto das mudanças climáticas na saúde mental da população.

O desastre climático no Rio Grande do Sul revela preocupações ambientais, políticas e sociológicas que precisam ser analisadas para entender seus fatores e consequências. Os danos afetam tanto os bens pessoais das vítimas quanto os bens públicos, provocando uma ruptura das memórias individuais e coletivas nas comunidades. Essa interrupção altera os elementos identitários da população, evidenciando que, embora catástrofes possam ser previstas, a possibilidade de novas tragédias não foi adequadamente considerada, mesmo após enchentes anteriores.

O município de Porto Alegre, na década de 40, foi assolado por uma grande enchente, causando muitos danos a comunidade que na época era menos populacional do que em 2024. O Centro Histórico, bairro localizado no coração da cidade, teve várias dependências comerciais prejudicadas pela inundação. Muitos perderam suas mercadorias, foram obrigados a encerrar suas atividades e a consequência disso foi também o  ndice de desemprego. O Mercado Público localizado no centro de Porto Alegre, portanto, no cora o da cidade, teve seus portões fechados e suas bancas inoperantes pela inunda o no espaço. Memórias, sempre relatadas pelos avós de muitas famílias porto-alegrenses, logo, pensava-se que uma catástrofe semelhante estava e se mantinha longínqua das gera es posteriores. Até porque, mesmo passivo de muitas críticas na sua constru o, o muro do cais do porto, sempre foi uma salvaguarda para qualquer situa o em rela o ao lago Guaíba. Percebe-se que as histórias dos anciões, os avanços da engenharia e a garantia de uma gestão municipal com promessa empolada de dignidade não foram o suficiente para nos salvar do caos que transformou a cidade de Porto Alegre. Para

Halbwachs (1989) o indivíduo, ao se comportar como membro de um grupo, contribui para evocar as lembranças que o grupo conseguiu selecionar. Nesse sentido, a memória é seletiva e diz respeito à vida de cada grupo em particular. Não vivenciamos, mas ouvimos dos nossos avós o que aconteceu, portanto, temos essas lembranças bem definidas.

Neto (2003) investiga os fatores que levam os filhos de permissionários a sucederem seus pais nas bancas do Mercado Público de Porto Alegre, destacando que as empresas familiares combinam aspectos organizacionais e afetivos. Segundo Tondo (1998), essa dinâmica gera uma estrutura organizacional única, com consequências tanto positivas quanto negativas. O autor enfatiza a importância de o herdeiro adquirir conhecimento do negócio em conjunto com o gestor, sendo a formação dos sucessores geralmente feita na própria empresa, onde recebem o aprendizado necessário diretamente de seus pais. Conforme Gibben (1991), em sociedades tradicionais, há uma reverência ao passado e uma valorização dos símbolos, pois estes preservam e transmitem a vivência de várias gerações.

Muitos dos permissionários relatam que seus antecessores sofreram nas grandes incidentes ao longo da preservação, não só do patrimônio histórico, tiveram suas bancas destruídas em decorrência a inundações e incêndios do Mercado Público. Descendentes que guardam na memória relatos de seus entes queridos os acontecimentos que assolaram a cidade de Porto Alegre, no decorrer de décadas. No entanto, permanecem com suas bancas no espaço do Mercado Público, dando continuidade da empresa familiar, esquecendo a amargura dos progenitores. Ao mesmo tempo, pelo mesmo viés, de manter o patrimônio histórico constituído, a banca, as lembranças dos incidentes não são faladas com ênfase ou ainda não ditas.

Pollak (1989) destaca que memórias individuais e coletivas mantêm sua vivacidade ao longo do tempo, mesmo em contraste com a memória nacional, que é vista como mais legítima. Essas recordações são preservadas em contextos familiares, associações e redes sociais, muitas vezes envolvendo lembranças que são proibidas ou consideradas vergonhosas. Tais memórias são frequentemente mantidas em canais de comunicação informais e podem passar despercebidas pela sociedade. Assim, existem áreas de silêncios e "não-ditos" nas memórias que se confundem com o esquecimento e o inconsciente reprimido, cujas fronteiras não são claras e estão em constante transformação.

História e arquitetura do Mercado Público do município de Porto Alegre

Entre 1841 e 1842, Porto Alegre ainda não dispunha de um mercado central, sendo o comércio distribuído por vários pequenos estabelecimentos. Foi então constituída uma sociedade para a construção de um prédio adequado, localizado na antiga Praça do Paraíso, na área atualmente arborizada da Praça XV de Novembro. Este primeiro Mercado Público tinha uma planta quadrangular em alvenaria de tijolos à vista e um portão de ferro e belos brasões.

Figura 1. O Mercado Público no início do séc. XX ainda com um piso e com torrões.



Fonte: Luigi Terragno. O mercado em 1877.

Em 1845 foram iniciadas discussões para a construção de um novo prédio, mais amplo, e o engenheiro alemão Frederico Heydtmann apresentou um projeto em 1861, mas o desenho foi alterado substancialmente com ampliação das dimensões e acréscimo de torreões nos cantos. Homologado o projeto com suas adaptações, a construção teve sua pedra fundamental lançada em 29 de agosto de 1864. O Mercado Público é inaugurado com um pavimento e quatro torreões em três de outubro de 1869, mas, somente em primeiro de janeiro de 1870 foi aberto ao público.

O prefeito José Montauray em 1909, propôs a construção de um segundo piso para abrigar escritórios e repartições públicas. No primeiro momento foi negada a reforma do Mercado Público, pois alegavam que iria modificar a beleza da arquitetura e deixaria de enaltecer os torreões dos quatro cantos do Mercado. Um grande

incêndio, em 1912, prejudicaria a reforma para agregar o segundo piso. Segundo relato de um vigia noturno no inquérito administrativo, o motivo foi um gato que teria pulado da banca 18 para a banca 19, derrubando uma garrafa de querosene.

Figura 2. Incêndio destruiu o local em 1912, ano em que foi erguido o segundo andar. Vista do interior do Mercado Público.



Fonte: NSC Total.

Em 1913 finalmente a reforma foi concluída no segundo piso proposto por José Montaury. Ainda, haveria outros reparos para viabilizar a colocação de chaminés de ferro e a moderna câmara frigorífica.

Portanto, após tantas mudanças e avanços arquitetônicos é reinaugurado o segundo andar em 7 de outubro de 1915. Com a reforma, o Mercado Público adquiriu o aspecto com o qual é hoje conhecido.

Décadas depois, em 1941, uma enchente inunda o primeiro andar, e o prédio fica 20 dias, fechado. A enchente foi um acontecimento significativo na história de Porto Alegre. Chuvas intensas no mês de março deste ano provocaram uma das piores enchentes de sua história. As enchentes afetaram gravemente a vida dos habitantes do município e causaram graves danos. O lago Guaíba inundou e submergiu diversas áreas da cidade, inclusive o atual bairro batizado como Centro Histórico. Outros bairros também foram inundados, casas foram destruídas, pontes ruíram e os moradores enfrentaram enormes dificuldades. O caos tomou conta, as pessoas estavam desalojadas e as infraestruturas urbanas estavam gravemente danificadas.

Figura 3. Avenida Borges de Medeiros, com o Mercado Público ao fundo, durante a enchente de 1941.



Fonte: NSC Total.

Anos após a enchente que ocorreu no município, um novo incêndio aconteceu no Mercado Público. Além disso, durante muitos anos, o Mercado Público também sofreu por constantes tentativas de demolição, encerradas em 1979.

Pois, em doze de dezembro de 1979 o Mercado Público foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Cultural de Porto Alegre. Portanto, segundo a Jusbrasil, no momento que qualquer edificação é tombada, fica absolutamente proibido modificar, destruir ou demolir. Assim como, para qualquer manutenção, pintura ou restauração, é necessária a autorização do poder público, sob sanções no descumprimento.

A estrutura em 1979 foi, novamente, atingida por mais um incêndio. No ano seguinte, 1990, uma comissão multidisciplinar de técnicos desenvolveu projetos de restauração. A revitalização do Mercado Público foi finalizada em 1997 e reinaugurado em dezenove de março de 1997, com uma nova cobertura, duas escadas rolantes, dois elevadores e um memorial. Com a reforma, passa a acolher frequentadores de maior poder aquisitivo, que antes evitavam o local pelo cheiro de peixe, pelos corredores estreitos e pela sensação de insegurança.

O que parecia ter resolvido os problemas do Mercado Público, após sua revitalização, percebe-se o contrário disso, em 6 de julho de 2013, novamente o Mercado é devastado por outro incêndio, ocasionado por um curto-circuito dos fios

desencapados da fritadeira elétrica na banca 46. A parte superior do Mercado sofreu muitos danos, fazendo com que muitos comerciantes tivessem que fechar as portas e esperar por providências do âmbito público.

Figura 4. Incêndio atinge prédio do Mercado Público de Porto Alegre



Fonte: Foto G1.com, 2013.

Decisões emergenciais foram adotadas para proteger os permissionários, permitindo que eles vendessem seus produtos provisoriamente no espaço de eventos no térreo. As obras, iniciadas em 2013, foram paralisadas em 2016, mas retomadas em janeiro de 2022 após um acordo. O Mercado Público se tornou Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande do Sul em 2019.

No entanto, apesar de tantas mudanças e avanços para evidenciar parte das tradições culturais, práticas sociais e abastecimento de muitos produtos genuínos do Rio Grande do Sul, não impedem as tentativas das últimas gestões municipais de privatizar esse gigante marco histórico do povo porto-alegrense e rio grandense — gaúcho.

Atualmente, em 2024, o Mercado Público passa novamente por outra grande inundação, dessa vez com maior proporção, pois a água teve marca superior à inundação de 1941. A catástrofe climática, por meio de intensas chuvas, ocasionou grandes enchentes, arrasando o estado do Rio Grande do Sul. O município de Porto Alegre localiza-se às margens do Lago Guaíba que devido ao escoamento de vários rios teve sua capacidade e vazão aumentadas. A cidade ficou, em alguns bairros, inclusive onde está o Mercado Público totalmente alagado, foi até então registrada a

maior enchente do município. Em razão dessa catástrofe, o Mercado Público mais uma vez ficou inoperante por mais de um mês.

Figura 5. Enchente do município de Porto Alegre em 2024, Avenida Borges de Medeiros com o Mercado Público ao fundo.



Fonte: Grupo Zero Hora, 2024.

Assim como as tradições de uma sociedade vista por meio de costumes e ações, também há o patrimônio material que comprova o movimento do fenômeno social. Ao longo dos tempos, a sociedade tem se transformado mostrando os avanços tanto sociais quanto materiais. No entanto, a exemplo do Mercado Público, é uma demonstração do patrimônio que apesar de passar por muitos incidentes continua sendo restabelecido.

Segundo Gibbens (1991) na era da modernidade, a distância entre tempo e espaço se torna bem mais ampla, mesmo nas civilizações agrárias mais avançadas. No entanto, não se trata apenas de um aumento na habilidade dos sistemas sociais de lidar com tempo e espaço. É importante examinar de maneira mais aprofundada de que forma as instituições modernas se tornaram "localizadas" no tempo e no espaço, a fim de identificar algumas das características marcantes da modernidade na totalidade.

O Mercado Público passou por mudanças importantes ao longo do tempo, refletindo alterações na arquitetura e no contexto social. Ele presenciou eventos marcantes do Brasil, como a colonização, a Independência e a abolição da escravidão, além de reformas e episódios políticos que afetaram a comunidade.

A linha do tempo revela mudanças significativas na história e nos aspectos sociais, influenciadas por movimentos, tanto consentidos quanto não consentidos.

Esses acontecimentos impactaram diretamente o Mercado Público, refletindo a tradição do Rio Grande do Sul ao longo das gerações. Embora muitos incidentes sejam lembrados, alguns são evitados na memória, pois a vida continua.

Na perspectiva de Gibbens (1991), as transformações das organizações, incluindo os estados contemporâneos, podem, por vezes, apresentar características relativamente estática e inercial. No entanto, com frequência, elas demonstram um dinamismo que se contrapõe de maneira significativa às estruturas pré-modernas. As organizações modernas conseguem estabelecer conexões entre o local e o global de formas que seriam inimagináveis em sociedades mais tradicionais, e, ao fazer isso, impactam de maneira regular a vida de milhões de indivíduos.

No contexto atual, onde há uma abundância de informações e pouca rigidez nos comportamentos, as pessoas enfrentam decisões constantes que refletem sua identidade, sujeita a avaliações. A modernidade traz tanto empolgação quanto ansiedade, pois a construção da identidade se torna vulnerável frente a transformações abrangentes. Contudo, embora repleta de incertezas, essa época também permite que os indivíduos descubram novas maneiras de se comportar, possibilitando mudanças nas práticas convencionais.

Considerações finais

Diante do exposto, pode-se perceber que apesar dos incidentes que o Mercado Público teve ao longo de sua existência, como os quatro incêndios e duas as inundações, ainda assim, os permissionários continuam com suas bancas. Das quais, muitas são organizações familiares, portanto, em muitas vezes passadas de pai para filho.

As tradições culturais com as quais o Mercado Público está intimamente interligado perpetuam não só o patrimônio material como também imaterial, isto é, apresenta-se o patrimônio arquitetônico e o patrimônio cultural pelos hábitos alimentares do povo gaúcho, pelas crenças dos artigos da religião de Umbanda e pelos seculares restaurantes e bancas que lá existem. Embora tenha sofrido prejuízos materiais, não houve registro de fatalidades, e o Mercado se destaca como um espaço não apenas de comércio, mas também de intercâmbio cultural e potencial turístico, oferecendo experiências gastronômicas únicas e enriquecendo a vivência social. O Mercado Público é um organismo que pulsa no coração da cidade de Porto Alegre,

uma associação que perpetua as tradições, as crenças, a cultura e a história do povo riograndense e porto-alegrense.

REFERÊNCIAS

CANDAU, J. **Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade.** Memória em Rede, Pelotas, v.1, n.1, jan/jul 2009, p. 43- 58.

CUNHA, D. **Os impactos das grandes tragédias climáticas na saúde mental.** 2024. <https://portugues.medscape.com/verartigo/6511124>. Acesso em: 20 jul. 2024.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade** /Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. - São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990

JOBINS, Paula R. Características e Especificidades do Mercado Público - Uma Concepção Urbanística. In: XVI ENCONTRO ANUAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA, 2019, Paraná. **Anais Anaproc** UNIUV, 2019, v. 1 n. 1.

NETO, F.J.R. **“Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais”: o processo sucessório nas bancas do Mercado Público de Porto Alegre.** Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 194, 2003.

POLLAK, Michael. **“Memória, esquecimento, silêncio.”** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

Inteligência artificial, racismo algorítmico e novas dinâmicas sócio-urbanas

*Dayana Karla Melo da Silva
Carlos Eduardo Souza Aguiar*

Introdução

A cidade, com seus fluxos e fronteiras, sempre foi um espaço de disputas. No entanto, nas dinâmicas atuais, o poder parece cada vez mais se inscrever não apenas naquilo que é material e visível, mas, sobretudo, nas infraestruturas imateriais e invisíveis que organizam a circulação de corpos e informações. Se, em tempos passados, a exclusão operava de maneira ostensiva, marcada por muros, barreiras e segregações institucionais explícitas, hoje ela se apresenta de forma mais difusa, intermediada por tecnologias de controle que prometem eficiência, mas ocultam profundas assimetrias. A inteligência artificial (IA), os algoritmos preditivos e os sistemas de vigilância digital muito mais do que refletem dinâmicas preexistentes de desigualdade, as automatizam e aperfeiçoam, consolidando novas arquiteturas de poder e dominação. Em face desse cenário, o racismo algorítmico emerge como um vetor central dessa governamentalidade algorítmica, que é ainda mais racionalizada, transformando discriminações históricas em classificações estatísticas que restringem acessos, impõem vigilância seletiva e redefinem as condições de existência nas cidades contemporâneas.

Com base nessa perspectiva, este artigo investiga como os sistemas de IA reconfiguram as dinâmicas sócio-urbanas, reforçando desigualdades estruturais por meio de práticas automatizadas de vigilância, segregação e exclusão. Em um contexto no qual a modulação algorítmica se insere nas esferas da segurança, do crédito, da habitação e da mobilidade, o espaço urbano se torna não apenas um reflexo das hierarquias sociais, mas um campo de experimentação de dispositivos de controle que operam sob a justificativa da neutralidade técnica. Ao seguir a trilha aberta por Michel Foucault e Gilles Deleuze sobre as transformações do poder, argumenta-se que as sociedades de controle, ao se estruturarem sobre dados e previsões, aprofundam a

vigilância sobre corpos racializados e precarizados, consolidando um novo regime de segregação automatizada.

Para desenvolver essa análise, o artigo está dividido em três seções. A primeira, “Do panóptico ao superpanóptico”, revisita as transformações históricas nos mecanismos de vigilância, desde o modelo disciplinar do panóptico foucaultiano até a emergência do superpanóptico e do capitalismo de vigilância. A segunda, “Inteligência artificial e racismo algorítmico”, examina como a tomada de decisão automatizada perpetua e intensifica desigualdades raciais e espaciais, convertendo territórios periféricos em zonas de vigilância ampliada. A terceira, “Uma nova arquitetura de poder”, articula as discussões anteriores para compreender como a governamentalidade algorítmica ressignifica as dinâmicas urbanas, digitalizando fronteiras e reforçando hierarquias espaciais. Ao final, argumenta-se que a IA não apenas reproduz padrões excludentes do passado, mas os reconfigura em um nível ainda mais sofisticado e menos contestável. Assim, longe de representar um avanço neutro ou inevitável, a mediação algorítmica da vida social e urbana deve ser compreendida como parte de um projeto de controle que exige pensamento crítico e um continuum (r)existir.

Do panóptico ao superpanóptico

A ideia de panóptico aparece na obra de Michel Foucault de maneira articulada às noções de disciplina e poder disciplinar. Em *Vigiar e Punir (Surveiller et punir)*, publicada em 1975, o pensador francês retoma o modelo arquitetônico concebido por Jeremy Bentham, destacando sua função como tecnologia política e dispositivo de vigilância permanente. Mais do que um simples modelo carcerário, o panoptismo constitui um princípio geral de organização disciplinar, uma nova “anatomia política” que não se orienta pelas relações de soberania, mas pela administração dos corpos e regulação minuciosa das condutas (FOUCAULT, 1987). Inserido no contexto mais amplo da sociedade disciplinar, o panóptico tem como principal característica a dissociação entre aquele que observa e aquele que é observado.

O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na

torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. (FOUCAULT, 1987, p. 165-166).

Conforme a descrição acima, o olhar disciplinador se localiza na torre central, ao passo que todos aqueles dispostos nas celas periféricas estão sob um regime de observação potencialmente constante. Como afirma Foucault (1987, p. 167), se no “anel periférico se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto”. Essa assimetria na distribuição da visibilidade reconfigura as relações de poder, instaurando um mecanismo em que a vigilância, mesmo que não ocorra o tempo todo, mantém sua influência sobre os comportamentos e reforça o controle. O funcionamento do panóptico, portanto, não exige a presença constante de um observador, pois sua eficácia reside na incerteza daquele que é vigiado, levando-o a ajustar sua conduta como se estivesse sob observação contínua. Dessa maneira, a disciplina não opera apenas por coerção externa, mas é incorporada pelos próprios indivíduos, que passam a autorregular seus comportamentos diante da possibilidade permanente de estarem sendo vigiados.

A sociedade ocidental moderna, conforme analisada por Foucault (1987), não apenas incorpora o panoptismo como modelo organizador, mas o expande de maneira sistemática, tornando-o um princípio generalizável que ultrapassa as fronteiras do sistema prisional e se dissemina por diversas outras instituições, tais como escolas, hospitais e fábricas. Em face desse contexto, a organização espacial assume um papel central no exercício da vigilância, o que evidencia que o panóptico não se restringe a um modelo de confinamento absoluto, mas atua de maneira muito mais ampla e insidiosa. Enquanto os regimes de controle anteriores operavam, muitas vezes, por meio da exclusão daqueles considerados perigosos ou indesejáveis, o panóptico se distingue por sua capacidade de integrar os indivíduos ao sistema disciplinar sem a necessidade de enclausuramento formal, impondo um controle que se dá essencialmente pela visibilidade regulada.

Nesse sentido, a analogia traçada por Foucault (1987), entre o panóptico e os modelos históricos de gestão da lepra e da peste se torna essencial para compreender essa transição. No modelo da lepra, o desvio era tratado por meio da segregação radical, ao passo que no modelo da peste a estratégia de controle envolvia a ordenação e a vigilância minuciosa dos corpos dentro do espaço urbano. O

panoptismo, por sua vez, combina ambas as estratégias, ao estabelecer um sistema em que o controle se realiza simultaneamente pela delimitação espacial e pelo monitoramento contínuo das condutas, criando uma forma de poder que se exerce com máxima eficácia e mínima necessidade de coerção visível. Essa fusão dos modelos da lepra e da peste implica um deslocamento fundamental no exercício do poder: não mais um simples mecanismo de exclusão ou de quarentena temporária, mas uma organização permanente da vigilância, que classifica, diferencia e corrige os indivíduos em tempo real.

Assim, conforme destaca Edgardo Castro (2009), a multiplicação das instituições disciplinares ao longo do século XIX não deve ser compreendida apenas como uma mera ampliação das estruturas panópticas, mas como parte de um movimento mais amplo de reestruturação das disciplinas e de reconfiguração das técnicas de poder. Um processo que, segundo Foucault (1987), envolve três dinâmicas principais: a inversão funcional das disciplinas, que assumem um papel ativo na maximização da utilidade dos indivíduos; a dispersão dos mecanismos disciplinares para além dos espaços institucionais, de modo que passam a operar por meio de malhas invisíveis de controle que interligam diversas esferas da vida social; e, por fim, a estatização desses mecanismos, que se consolidam na forma de dispositivos centralizados de vigilância contínua e exaustiva, estabelecendo um modelo de supervisão que se estende para além dos espaços institucionais.

Foucault (1987, 2004) enfatiza, ainda, que essa vigilância gera um acúmulo de informações sobre os indivíduos, permitindo não apenas a observação, mas a construção de um saber que se articula diretamente ao exercício do poder. Dessa forma, o panoptismo também opera como um mecanismo de inscrição e categorização que possibilita a formulação de discursos normativos. A disciplina, portanto, vai além da imposição de regras e limites, instituindo um campo no qual os indivíduos são constantemente analisados, diferenciados e integrados a um sistema de normalização que se retroalimenta da vigilância. Esse processo, ao articular a visibilidade com a produção do saber, além de registrar e classificar os indivíduos, institui relações assimétricas de poder que determinam quais comportamentos, perfis e identidades devem ser estimulados, corrigidos e/ou marginalizados.

Porém, se a disseminação dos mecanismos disciplinares no decorrer dos séculos XVIII e XIX permitiu a generalização do panoptismo como um princípio

organizador de uma sociedade da vigilância, as transformações sociais e tecnológicas do século XX já apontavam para uma transformação ainda mais profunda na forma como o controle é exercido. Gilles Deleuze, em um texto publicado em 1990, intitulado *Post-scriptum sobre as Sociedades de Controle* (*Post-scriptum sur les sociétés de controle*), afirma que as sociedades do final do século passado não eram mais essencialmente disciplinares, e sim sociedades de controle: “Mas as disciplinas, por sua vez, passariam por uma crise, em favor de novas forças que seriam lentamente postas em prática e que avançariam rapidamente após a Segunda Guerra Mundial: as sociedades disciplinares já eram o que não éramos mais, o que estávamos deixando de ser” (DELEUZE, 1990, p. 1, tradução nossa).

Essas sociedades de controle se caracterizam, entre outros fatores, pela centralidade das máquinas informáticas e dos sistemas computacionais, que operam de maneira distinta dos dispositivos técnicos das sociedades anteriores. Enquanto as sociedades de soberania utilizavam máquinas simples, como alavancas, roldanas e relógios, e as sociedades disciplinares baseavam-se em máquinas energéticas sujeitas a riscos como a entropia e a sabotagem, as sociedades de controle lidam com novas ameaças tecnológicas, como interferências nos sistemas digitais e a disseminação de vírus informáticos (DELEUZE, 1990). No entanto, essa transformação tecnológica não pode ser reduzida a um mero avanço técnico, pois reflete uma mutação mais profunda na própria estrutura do capitalismo, que reorganiza a forma como os indivíduos são controlados, monitorados e integrados ao sistema produtivo, e aqui acrescentaríamos reprodutivo.

De acordo com Deleuze (1990), se no século XIX, o capitalismo é de concentração, tanto da produção quanto da propriedade, organizando-se por meio de espaços fechados e hierarquicamente definidos, como fábricas, escolas, quartéis e hospitais; no século XX, observa-se o surgimento de um capitalismo de sobreprodução: “Ele não compra mais matérias-primas nem vende produtos acabados: ele compra produtos prontos ou monta peças separadas. O que busca vender são serviços, e o que deseja comprar são ações” (DELEUZE, 1990, p. 3, tradução nossa). Esse deslocamento no funcionamento do capitalismo se alinha a uma mudança nos dispositivos de poder. O que não quer dizer que as técnicas disciplinares desaparecem, e sim que elas passam a operar de modo mais difuso, articuladas a novas formas de controle. Assim, se nas sociedades disciplinares, o

poder se exercia tomando como base a organização espacial, nas sociedades de controle ele se dá pela dispersão e pela integração total dos indivíduos em redes de modulação infinita.

Outro fator a ser considerado, sobretudo nos dias atuais, é que a vigilância, tal qual descrita por Foucault, já não ocorre apenas pela possibilidade da presença física do olhar disciplinador, mas por meio do rastreamento contínuo de dados, da análise algorítmica e do monitoramento ininterrupto de comportamentos. Essa nova forma de controle, ainda mais difusa, levou teóricos a argumentarem que estaríamos diante de um superpanóptico, um modelo no qual a vigilância não apenas registra, mas antecipa e molda as condutas. Para Mark Poster (1990), o superpanóptico se diferencia do panóptico tradicional por não depender de uma estrutura arquitetônica fixa, mas da coleta descentralizada de informações, na qual os indivíduos, mesmo sem estarem confinados, são constantemente analisados, categorizados e preditos por meio de bases de dados e sistemas computacionais.

David Lyon (2001) reforça essa noção ao destacar que a vigilância já não se limita à invasão da privacidade individual, mas opera como um mecanismo sistemático de classificação e ordenamento das populações: “Em contextos pós-modernos, a vigilância é um meio cada vez mais poderoso de reforçar as divisões sociais, já que a classificação superpanóptica implacavelmente rastreia, monitora e classifica para determinar a elegibilidade e o acesso, para incluir e excluir” (LYON, 2001, p. 151, tradução nossa).

Nessa mesma direção, Roger Clarke (1988) introduz o conceito de *dataveillance* a fim de descrever o monitoramento sistemático das ações e comunicações dos indivíduos por meio do uso das tecnologias de informação, destacando sua crescente centralidade como principal meio de vigilância de indivíduos e populações. Uma lógica que se intensifica com o que Shoshana Zuboff (2018) denomina de capitalismo de vigilância, um novo modelo econômico que transforma a experiência humana em matéria-prima para extração de dados.

Inteligência artificial e racismo algorítmico

Ao situarmos as noções de sociedades disciplinares e de controle, bem como de panóptico e superpanóptico no contexto atual, observaremos que o desenvolvimento das tecnologias de comunicação não apenas ampliou os

mecanismos de vigilância, mas os tornou ainda mais difusos. A emergência dos sistemas de inteligência artificial (IA), dos algoritmos de aprendizado de máquina, de visão computacional e de processamento de linguagem natural, redefiniu as formas de monitoramento e controle, deslocando a vigilância para processos automatizados que operam de maneira cada vez mais contínua e imperceptível. Embora muitas dessas tecnologias sejam apresentadas como ferramentas neutras e objetivas, estudos demonstram que os algoritmos carregam vieses inerentes, reproduzindo e amplificando discriminações preexistentes (O'NEIL, 2016; EUBANKS, 2018; NOBLE, 2018).

Se antes os pobres eram “numerosos demais para o confinamento” e “pobres demais para a dívida”, como aponta Deleuze (1990, p. 3), agora, mesmo os mais à margem, parecem ser continuamente rastreados, convocados, categorizados e preditos por sistemas algorítmicos que têm como objetivo incluir a fim de reforçar a exclusão. Na contemporaneidade, o capitalismo não apenas mantém a miséria como uma constante, mas a reconfigura por meio da vigilância digital, convertendo indivíduos e populações historicamente subalternizadas em dados rastreáveis e quantificáveis. Enquanto a disciplina operava pelo confinamento em instituições como prisões, escolas e fábricas, e o controle se impunha pela modulação, os algoritmos ampliam essa lógica ao determinar, com base em padrões estatísticos enviesados, quem deve ser monitorado, quem representa um “risco” e quem será excluído de serviços essenciais. Sob essa nova arquitetura de poder, territórios precarizados tornam-se laboratórios para experimentação de tecnologias de segurança e extração massiva de dados, nos quais políticas de policiamento preditivo, reconhecimento facial e análise de crédito perpetuam e mesmo aprofundam desigualdades.

Isso significa que a vigilância digital/algorítmica não apenas observa, mas antecipa e restringe possibilidades, consolidando uma nova forma de segregação que não precisa mais da clausura física para operar, impondo-se por meio de infraestruturas invisíveis que controlam a mobilidade, o acesso e as condições de existência. Fatores que são ainda mais ampliados quando um outro marcador social da diferença se insere: a raça. Como destacam Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2020), a tomada de decisão algorítmica frequentemente transforma discriminações passadas em barreiras automatizadas para acesso a direitos e oportunidades. Nesse

sentido, as tecnologias digitais não se limitam a registrar as dinâmicas de exclusão; elas também as reproduzem e ampliam:

A tomada de decisão algorítmica, que é baseada em dados históricos, pode fazer com que um apartamento seja negado a uma pessoa negra porque o sistema analisa, por exemplo, quantas pessoas foram despejadas na vizinhança nos dez anos anteriores: “quando o locador faz uma verificação de crédito, se você é negro e [o sistema] diz que historicamente houve um grande número de despejos [em uma comunidade negra], você pode não conseguir alugar o apartamento”. (COLLINS; BILGE, 2020, p. 160).

O fato é que os sistemas de IA, ao operarem sob a lógica da dataficação, além de organizarem a vida em padrões numéricos, reforçam o racismo dentro das infraestruturas algorítmicas. Safiya Noble (2018) demonstra como mecanismos de busca e algoritmos de recomendação reforçam estereótipos raciais, associando termos ligados a pessoas negras a imagens e conteúdos depreciativos. Um fenômeno que atravessa os ambientes físico e digital, expandindo-se para setores como segurança, habitação e mercado de trabalho, nos quais sistemas algorítmicos reproduzem desigualdades históricas sob o pretexto da eficiência técnica. Como apontam Buolamwini e Gebru (2018), os modelos de visão computacional apresentam taxas de erro significativamente mais altas na identificação de rostos negros, evidenciando que a IA é fundamentalmente racista.

Essa estrutura se torna ainda mais perversa quando aplicada ao policiamento preditivo e à vigilância digital, consolidando um regime de hiperobservação sobre corpos racializados. Como argumenta Ramon Amaro (2019), a “epidermalização digital” transforma características fenotípicas em critérios de risco, justificando abordagens policiais e intensificando a presença do aparato repressivo em territórios negros e periféricos. Esse processo, que Matteo Pasquinelli (2023) descreve como a lógica das “máquinas de predição”, faz com que a IA vá além da simples categorização, atuando ativamente na construção de um futuro que reforça desigualdades passadas. Assim, populações historicamente marginalizadas se tornam alvos recorrentes de tecnologias que, sob a justificativa da segurança, perpetuam um estado de vigilância racializada contínua.

Os impactos da IA também se manifestam no acesso a crédito e oportunidades profissionais, criando novas formas de segregação automatizada. Como aponta O’Neil (2016), os “algoritmos de destruição em massa” penalizam desproporcionalmente grupos racializados ao basearem suas previsões em padrões estatísticos enviesados.

Assim, se antes a exclusão racial operava por meio de mecanismos explícitos de segregação, hoje ela se inscreve nas infraestruturas algorítmicas que regulam o acesso a bens, serviços e à própria circulação no espaço urbano.

Uma nova arquitetura de poder

A crescente centralidade dos algoritmos na administração da vida social instaura um novo regime de governança no qual decisões cotidianas compreendidas como essenciais são delegadas a sistemas automatizados. Apresentados como neutros e eficientes, esses mecanismos, entretanto, vão além de refletir desigualdades preexistentes, ampliando-as e perpetuando discriminações estruturais sob o véu da objetividade técnica. Nesse contexto, a governamentalidade algorítmica não se limita a monitorar, mas antecipa e reconfigura a vida social, instituindo novas hierarquias de controle e exclusão por meio da administração de dados e da predição de comportamentos. Trata-se, portanto, de uma nova arquitetura de poder, em que a lógica preditiva e probabilística dos algoritmos não apenas organiza, mas condiciona as possibilidades de existência dentro do tecido social.

Achille Mbembe (2023) descreve a governamentalidade algorítmica como uma manifestação da razão computacional, que se consolidou como infraestrutura central do poder global contemporâneo. Mais do que um mecanismo de organização social, essa razão computacional reconfigura as formas de gestão e controle, instaurando um regime técnico que permeia todos os aspectos da vida. Para Mbembe, não vivemos apenas sob a mediação de dispositivos tecnológicos, mas dentro de um mundo que é continuamente reconstruído com base de padrões calculáveis. Nesse processo, a extração e a captura de dados se tornam princípios estruturantes, convertendo a realidade em um “duplo digital”, uma réplica calculável da Terra, na qual eventos, ações e existências são traduzidos em dados.

Esse duplo digital, no entanto, não é neutro. Ao contrário, ele sustenta novas formas de soberania que se impõem por meio do controle algorítmico. Os algoritmos, invisíveis em sua operação, funcionam como dispositivos de triagem e exclusão, que perpetuam desigualdades ao classificar e ordenar indivíduos e populações com base em padrões estatísticos. Mbembe (2023) alerta que esse regime técnico reativa práticas históricas de seleção e exclusão, antes exercidas pelo colonialismo e pela escravização, agora reformuladas sob a lógica algorítmica. A diferença crucial é que,

enquanto os antigos regimes de dominação se baseavam em mecanismos explícitos de segregação e hierarquização, o poder algorítmico opera pela redução do mundo ao que pode ser quantificado e controlado, consolidando um sistema em que o incalculável, o incerto e o inesperado são progressivamente eliminados.

A governamentalidade algorítmica não é somente uma questão de vigilância, mas uma reconfiguração ontológica, na qual o humano é submetido a um sistema de cálculo que molda seu comportamento e reduz sua singularidade. Yuk Hui (2024) aprofunda essa análise ao criticar a dependência crescente de algoritmos como único modo de entendimento e organização do mundo, uma tendência que homogeneiza experiências e culturas, impondo uma lógica de progresso baseada exclusivamente no cálculo. Para Hui, essa racionalidade técnica exclui tudo o que escapa à quantificação, marginalizando o incalculável e reduzindo a complexidade do real a padrões estatísticos operáveis por máquinas.

A automatização das práticas sociais por meio de algoritmos redefine profundamente as relações de poder, instaurando um modelo de governança em que decisões e comportamentos são telecontrolados por sistemas preditivos. Bernard Stiegler (2015) alerta que essa governamentalidade algorítmica consolida um regime no qual o cálculo suprime a deliberação, restringindo a autonomia individual e enfraquecendo as capacidades críticas e reflexivas. Trata-se de um processo de “artificialização do vivo”, no qual a razão humana é progressivamente substituída por uma lógica estatística de previsibilidade e otimização. Para Stiegler, o Antropoceno é também a era do controle automatizado, em que a gestão algorítmica elimina o tempo para reflexão e decisão autônoma, instaurando um conformismo automatizado, no qual ações e escolhas são moldadas em tempo real por modelos preditivos que modulam a vida social com base em padrões extraídos do passado.

Em face desse cenário, a própria materialidade das cidades se reconfigura à medida que os processos de controle e exclusão passam a ser mediados por infraestruturas digitais. Se historicamente a segregação urbana se consolidou por meio de políticas habitacionais, barreiras infraestruturais e especulação imobiliária, hoje essas dinâmicas são intensificadas pela mediação algorítmica, que opera de forma difusa e automatizada. A classificação estatística de riscos, aplicada a crédito, segurança e mobilidade, transforma desigualdades estruturais em vetores computacionais que condicionam a circulação e o acesso a direitos. Como efeito, não

apenas se consolidam fronteiras invisíveis dentro do tecido urbano, mas o próprio desenho da cidade é reorientado por lógicas de vigilância, monitoramento preditivo e policiamento direcionado a territórios racializados.

Essa reestruturação aprofunda o que Lélia Gonzalez (1984) denomina “divisão racial do espaço”, na qual a organização da cidade reflete e amplifica hierarquias sociais e raciais. No contexto da governamentalidade algorítmica, essa divisão não ocorre apenas na ocupação desigual dos territórios físicos, mas também na forma como os dados produzidos nesses espaços são capturados e utilizados para reforçar dinâmicas de exclusão. Periferias digitalizadas tornam-se, simultaneamente, objetos de vigilância intensificada e zonas de baixa visibilidade institucional, onde o acesso a serviços essenciais é mediado por sistemas que perpetuam o ciclo de marginalização. O resultado é um duplo processo: enquanto a cidade se torna cada vez mais automatizada, seu caráter excludente se refina, cristalizando desigualdades sob o discurso da eficiência e da predição algorítmica.

Considerações finais

As discussões apresentadas neste artigo evidenciam como os sistemas de IA têm reconfigurado as dinâmicas sócio-urbanas ao intensificar mecanismos de vigilância e exclusão, transformando a cidade em um território governado por infraestruturas algorítmicas que modulam comportamentos, classificam populações e restringem acessos. Se antes o controle se estruturava com base em instituições disciplinares visíveis, hoje ele opera de forma difusa, por meio da coleta contínua de dados e da predição algorítmica, instaurando um modelo de governança no qual decisões automatizadas condicionam trajetórias individuais e coletivas. Diante disso, a segregação não se dá apenas por meio de barreiras físicas ou normativas explícitas, mas por sistemas preditivos que determinam riscos, calculam probabilidades e reforçam desigualdades históricas sob a aparência de neutralidade técnica.

A lógica racista dos processos algorítmicos, ao converter discriminações passadas em padrões matemáticos que orientam decisões futuras, reafirma hierarquias espaciais e institui novas formas de exclusão automatizada, transformando territórios precarizados em zonas de vigilância ampliada e corpos racializados em objetos permanentes de rastreamento e controle. Longe de representar uma ruptura com os modelos anteriores de dominação, a

governamentalidade algorítmica aprimora seus mecanismos de regulação ao integrar dispositivos digitais a dinâmicas de segregação preexistentes, intensificando a administração desigual da cidade e redefinindo as condições de existência a partir da classificação estatística de populações.

Questionar tais dinâmicas significa, portanto, questionar as estruturas que orientam a construção desses sistemas, os interesses que determinam seus critérios de decisão e as consequências de sua aplicação na vida de todos os dias. Se os algoritmos passaram a arbitrar acessos, definir trajetórias e estruturar formas invisibilizadas de segregação, torna-se essencial problematizar o que é legitimado como conhecimento, quem controla os processos de predição e quais possibilidades de (r)existência podem emergir diante dos crescentes processos de automatização. Afinal, em que medida é possível contestar decisões cuja lógica permanece opaca e inacessível? Até que ponto a quantificação da vida, a classificação estatística dos sujeitos e a generalização de padrões reduzem a complexidade da existência a categorias previsíveis e manipuláveis? Diante desse cenário, mais do que expor os impactos excludentes da mediação algorítmica, impõe-se a necessidade de reivindicar transparência, disputar os regimes de visibilidade que sustentam a vigilância digital e afirmar outras formas de pensar, ser e estar no mundo que escapem à lógica de uma razão cada vez mais instrumental.

REFERÊNCIAS

AMARO, Ramon. **Machine Learning, Sociogeny, and the Substance of Race**. 2019. Tese (Doutorado) — Goldsmiths, University of London, 2019.

BUOLAMWINI, Joy; GEBRU, Timnit. Gender shades: Intersectional accuracy disparities in commercial gender classification. *In*: CONFERENCE ON FAIRNESS, ACCOUNTABILITY AND TRANSPARENCY, 2018, New York. **Proceedings** [...]. PMLR, 2018. p. 77-91.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CLARKE, Roger. **Information technology and dataveillance**. Communications of the ACM, v. 31, n. 5, p. 498-512, 1988.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sur les sociétés de 167ather167e. *In*: DELEUZE,

Gilles. **Pourparlers 1972-1990**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.

EUBANKS, Virginia. **Automating Inequality**: How High-Tech Tools Profile, Police, and Punish the Poor. New York: St. Martin's Press, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Naissance de la biopolitique**: Cours au Collège de France (1978-1979). Paris: Gallimard, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. São Paulo: Vozes, 1987.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223–244, 1984.

HUI, Yuk. **Machine and Sovereignty**: For a Planetary Thinking. Minneapolis: Univ Of Minnesota Press, 2024.

LYON, David. **Surveillance 168ather168**: monitoring everyday life. Buckingham: Open University Press, 2001.

MBEMBE, Achille. **La Communauté Terrestre**. Paris: La Découverte, 2023.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algorithms of Oppression**: How Search Engines Reinforce Racism. New York: New York University Press, 2018.

O'NEIL, Cathy. **Weapons of Math Destruction**: How Big Data Increases Inequality and Threatens Democracy. New York: Crown Publishing Group, 2016.

PASQUINELLI, Matteo. **The Eye of the Master**: A Social History of Artificial Intelligence. 1ª edição. London New: Verso, 2023.

POSTER, Mark. **The mode of information**: poststructuralism and social 168ather168e. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

STIEGLER, Bernard. **La Société Automatique**: 1. L'avenir du Travail. Paris: Fayard, 2015.

ZUBOFF, Shoshana. **The age of surveillance 168ather168er168o**: the fight for a human future at the new frontier of power. New York: PublicAffairs, 2018.

Videogames como monumentos modernos e a necessidade de sua preservação

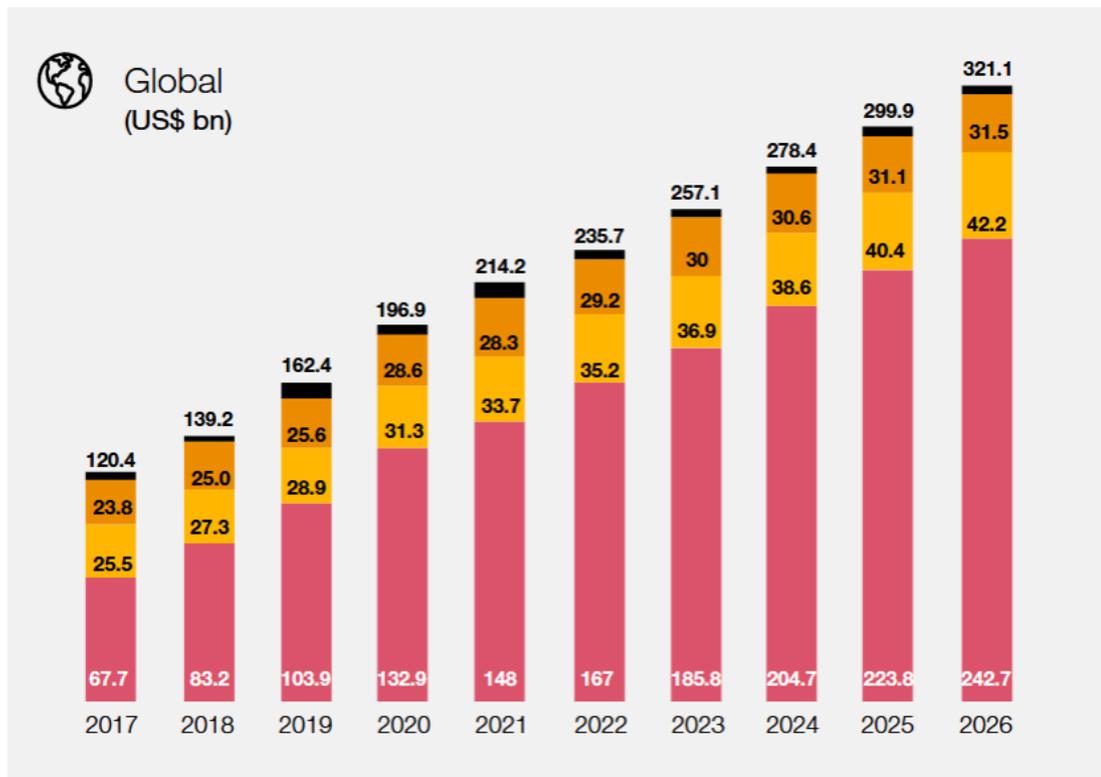
*Paulo Pires de Avila
Ingridi Vargas Bortolaso*

Introdução

Sabe-se que o mercado econômico global da área de videogames está em contínua ascensão e reviravoltas que ocorrem por meio da oferta de inovações de recursos. Apesar de ser um setor que teve seu início em 1947, conforme pontua o autor Castilho (2015), a ascensão da indústria dos videogames em meio a gigantes como o cinema, televisão e música só foi ocorrer a partir da década de 70 com o lançamento do game Pong da empresa Atari. Desde a década de 70 até os dias atuais ocorreram várias mudanças no setor. Dos ambientes coletivos para a residência de cada jogador, conectados via internet. De jogos 2D com personagens ou elementos poligonais para produções com interface gráfica de alta resolução e escopos milionários (como Red Dead Redemption 2). A indústria dos videogames evoluiu e superou em faturamento outros gigantes no mercado global.

Conforme a Figura 1, segundo a Pesquisa Global de Entretenimento e Mídia 2022–2026 (PWC, 2022), o setor de videogames continua em constante crescimento. Em 2021, a receita total do setor foi de US\$215,6 bilhões, com previsão de crescimento até US\$321,1 bilhões em 2026. Em comparação com os outros setores de entretenimento como cinema e música, o setor de videogames apresenta uma receita anual muito maior. Em 2019, por exemplo, a indústria do cinema mundial teve um faturamento de US\$45,1 bilhões, enquanto os videogames tiveram receita de US\$162,4 bilhões.

Figura 1. Previsão do crescimento de videogames global



Fonte: (PWC, 2022)

Deve-se ressaltar também o impacto da pandemia da COVID-19 sobre indústrias criativas altamente ligadas ao meio presencial. Tornando a usar o exemplo do cinema, ele teve uma queda de aproximadamente 72,5% no seu faturamento no início da pandemia (2020) a nível global (PWC, 2022). Por outro lado, setores que possuem a característica remota, como os videogames ou os streamings de vídeo, tiveram sua taxa de crescimento acelerada. No Brasil, a situação não é diferente. O crescimento da indústria, inclusive, apresenta uma previsão de crescimento ainda maior para os próximos anos. Entre os fatores que colaboraram para esse indicador, pode-se citar o alto consumo de videogames no país. Por ser o maior mercado de videogames da América Latina e o terceiro maior mercado consumidor de videogames do mundo, o setor tende a crescer cada vez mais (SICT, 2022).

Tendo em vista esse contexto de crescimento nas últimas décadas e a consequente popularização dos videogames e seus impactos na vida das pessoas, analisar os videogames enquanto monumentos modernos torna-se viável e fundamental para um melhor tratamento dos mesmos em ações de preservação. Atualmente, vê-se um movimento das principais empresas do ramo de

desenvolvimento de videogames em fechar suas lojas virtuais, impedindo assim o acesso a videogames de consoles antigos. Até que ponto os videogames podem ser considerados documentos monumentos e, portanto, dignos de preservação adequada? Esses e outros questionamentos reforçam a importância de pesquisas que relacionem os temas.

Assim sendo, a presente pesquisa almeja proporcionar uma compreensão abrangente sobre como os videogames funcionam como monumentos modernos. Para conduzir este estudo, foi adotada uma abordagem metodológica documental, fundamentada na análise de fontes secundárias. Esta metodologia envolve a coleta e interpretação de materiais previamente publicados, como artigos acadêmicos e outras publicações. Posteriormente, a análise será conduzida de maneira qualitativa, com foco na identificação e interpretação de temas recorrentes relacionados à memória, documentos e monumentos dentro do contexto dos videogames. Foram utilizados critérios de seleção que assegurem a relevância e a credibilidade das fontes, assim analisando como os videogames funcionam como monumentos modernos, além de como suas narrativas e comunidades contribuem para a preservação e construção da memória coletiva.

Desenvolvimento

As seções a seguir se dedicam, primeiramente, a apresentar ao leitor os conceitos utilizados como base para a elaboração da pesquisa. Dentre esses conceitos, busca-se realizar uma breve introdução ao significado de documentos e monumentos para Le Goff (1996), partindo assim para suas significações pelo estudo de Meneses (1998) e a relação de videogames com os conceitos. Por fim, foi feita uma discussão sobre a importância da preservação dos videogames, traçando um paralelo com outras formas de documentos subestimados durante a história.

Documento Monumento

Apesar de ser uma palavra de uso cotidiano, “documento” pode ter outras significações. Corroborando com Le Goff (1996), o documento é um material que contém informações significativas e que pode ser analisado e interpretado no seu contexto histórico e social para servir como uma fonte de informação valiosa (Le Goff, 1996). Entrementes, o que pode ser definido como documento?

Segundo Graebin e Penna (2005), por muito tempo, através da valorização do texto escrito e de arquivos oficiais, negligenciaram-se outros tipos de materiais enquanto fontes válidas de informações. Não apenas textos físicos e digitais, como relatórios ou atas oficiais, devem ser considerados documentos. Corroborando com as autoras, além desses, também são caracterizados como documentos: cartas, telegramas, imagens, gravações, relatos orais, entre outros (Graebin e Penna, 2005 e 2009), por serem detentores de informações passíveis de análise e fundamentação teórica.

Entretanto, onde se encaixa a definição de monumento? Para Le Goff (1996), o documento é monumento, conforme afirma abaixo:

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser, em primeiro lugar, analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. **O documento é monumento.** (Le Goff, 1996) (destacado pelo autor)

Segundo o trecho acima onde o autor define os conceitos de documento e monumento, é possível inferir uma das temáticas abordadas durante sua deliberação: o documento deve ser questionado, não tomado como uma verdade, pois para cada documento presente hoje houve diversos que não chegaram até a contemporaneidade. De acordo com o autor, os documentos devem ser analisados em contexto, onde o historiador deve buscar entender além do seu conteúdo em si, o motivo pelo qual ele foi produzido, quem o fez e porque perdurou através do tempo – tornando-se assim um monumento. Em outras palavras, o autor sugere que os documentos, através do tempo e das sucessivas escolhas de poder para mantê-lo, torna-se um monumento, assim sendo capaz de “evocar o passado, perpetuar a recordação” (Le Goff, 1996). De certa forma, o monumento distingue-se do documento no momento em que o monumento se refere à “herança do passado” e o documento é uma “montagem” do contexto político e social da época, cabendo ao historiador aproximar-se cada vez mais do “monumento” do passado analisado.

Seguindo esse raciocínio, porém dialogando sobre o “significado” ser uma propriedade extrínseca do objeto/documento. Assim, o próximo tópico se dedicará a elaborar como se dá a relação de significado e objeto, explorando o papel do historiador ou indivíduo no processo de atribuição de significado.

Significação dos Documentos

Segundo Meneses (1998), os objetos têm características físicas inerentes, mas seu significado e implicações estão diretamente relacionados à sua tratativa no presente pelo indivíduo que os analisa, podendo assim também ser moldados por interesses. Em uma comparação a um ser vivo, Meneses diz que os artefatos têm uma vida, sendo que, em cada momento, dependendo da realidade em que estão inseridos, possuem novos significados e novas interpretações (Meneses, 1998).

Tomando os artefatos como documentos e objetos históricos, Meneses afirma que

Acredito que os artefatos estão permanentemente sujeitos a transformações de toda espécie, em particular de morfologia, função e sentido, isolada, alternada ou cumulativamente. Isto é, os objetos materiais têm uma trajetória, uma biografia. Se as observações acima expostas continuarem válidas, para traçar e explicar as biografias dos objetos, é necessário examiná-los 'em situação', nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que foram parte. Não se trata de recompor um cenário material, mas de **entender os artefatos na interação social**. (Meneses, 1998, p. 92) (destacado pelo autor)

Assim como Le Goff, o autor também destaca a necessidade de contextualização e da interação social para a análise do objeto, visando a ele um vetor de informação, um documento. Porém, Meneses (1998) dá ênfase à trajetória e biografia dos objetos, sugerindo que a compreensão dos documentos deve considerar as diversas fases e apropriações que um artefato passa ao longo do tempo.

Essa abordagem pressupõe que a análise documental deve ir além da superfície do objeto e de suas características físicas, necessitando assim de uma investigação profunda das circunstâncias históricas e sociais que moldaram e continuam a moldar seu significado. Ao considerar um objeto como um documento, é crucial reconhecer que ele não é estático – detentor da verdade absoluta, mas dinâmico, constantemente reinterpretado e recontextualizado.

Meneses (1998) propõe que a significação dos documentos se dá através de três dimensões principais: a produção, a identidade e a circulação. Na produção, é essencial entender as condições e os processos pelos quais o objeto foi criado, incluindo as marcas e características herdadas do criador. Na dimensão da identidade, os objetos são vistos como representações de quem os possui, sendo que a seleção e uso de determinados artefatos refletem a identidade do indivíduo ou grupo. Finalmente, a circulação dos objetos – os caminhos e contextos pelos quais eles transitam – adiciona camadas de significado e conexão com diversas pessoas e locais

(Meneses, 1998). Por fazerem parte e representarem a identidade dos seus criadores, é possível inferir a relação dos objetos e seu processo de criação com a memória coletiva, porém essa temática será oportuna para futuras pesquisas.

Destaca-se aqui que a significação dos documentos está sujeita a manipulações e mudanças, muitas vezes influenciadas por disputas políticas e sociais. A maneira como um objeto é interpretado e valorizado pode variar significativamente dependendo dos interesses e do poder das entidades envolvidas em sua análise e preservação. Portanto, a análise de documentos como monumentos exige uma abordagem holística e crítica, que leve em conta não apenas suas características físicas, mas também sua biografia e os contextos sociais e históricos que os moldaram.

Partindo-se da compreensão de que documentos e artefatos históricos possuem trajetórias e biografias moldadas por contextos sociais e históricos, é possível ampliar essa análise para incluir os videogames. A seguir, será explorado o papel dos videogames não apenas como produtos de entretenimento, mas também como refletem e preservam memórias, funcionando como monumentos culturais modernos.

Videogames como Monumentos e vetores Culturais

Apesar de ser uma forma de produção recente, em termos da historiografia, os videogames tornaram-se o meio de entretenimento com maior investimento e adesão no mundo. Desde a década de 70, os videogames fazem parte da vida das pessoas, gerando memórias, identificações e culturas. São exemplos da aplicação da tecnologia que avança a passos largos nas últimas décadas, porém ao mesmo tempo – em vários casos – retratam acontecimentos históricos e assuntos em pauta na contemporaneidade, trazendo de maneira interativa histórias tão ricas quanto seus competidores no entretenimento.

No contexto analisado, a principal ponderação emergente é: Pode um videogame ser considerado documento ou até mesmo monumento? Considera-se aqui a conceituação de Le Goff (1996) para documento, onde ele é um material que contém informações significativas e que pode ser analisado e interpretado no seu contexto histórico e social para servir como uma fonte de informação valiosa (Le Goff, 1996). Apesar de “valiosa” nesse contexto ser relativa, os videogames têm essa

capacidade – de serem explorados e interpretados como fontes de informação – ao se investigar os motivos por trás de suas narrativas, bem como a mensagem que querem passar e o que levou a empresa desenvolvedora a escolher a temática. De certa forma, a análise leva a um entendimento da sociedade quando o videogame foi produzido, visto que o mesmo foi feito pensando no contexto e consumidores que o experimentariam.

Utilizar-se-á um exemplo já citado anteriormente na contextualização sobre o tema. *Red Dead Redemption 2* foi um videogame publicado no ano de 2018, pela empresa *Rockstar Games*. Em um breve resumo sobre a trama, MacDonald (2018) afirma que

This is a story – a collection of stories, really – about the decline of a way of life, as a small gang of outlaws tries ever harder to outrun the inexorable advance of American modernity, as well as the enemies and lawmen they have antagonized along the way. The player's 175ather175er, Arthur Morgan, is one of a small central cast assembled 175ather gang leader Dutch Van der Linde, a classic western outlaw who fancies himself as a freedom fighter 175ather than a base criminal. The game takes in encounters with com men, warring Southern estates, rival gangs and a vivid array of incidental characters shaping turn-of-the-century America, touching upon race and women's suffrage, but keeping the overarching narrative focused on the Van der Linde band and the relationships within it. (MacDonald, 2018).

Analisando puramente a perspectiva histórica da narrativa, corroborando com o autor, o videogame faz o jogador estar no papel de uma pessoa no início do século XX nos Estados Unidos da América. Por meio de sua narrativa, o videogame aborda de maneira imersiva temas como o sufrágio universal (conforme visto na Figura 2, onde o personagem principal leva as manifestantes até o centro da cidade) – ainda em disputa na época, os impactos da industrialização extrema e o consequente declínio do chamado “velho oeste”, além dos efeitos oriundos da Guerra Civil Americana, as reivindicações sociais da época e outros aspectos históricos.

Figura 2. Videogame Red Dead Redeption 2 em um trecho que elabora o sufrágio universal



Fonte: (LA REPUBLICA, 2020)

No meio de todos esses acontecimentos históricos, o personagem principal tem sua moralidade questionada, sua antiga lealdade vacila enquanto os eventos se desenrolam na trama. Dentre tantos questionamentos, a *Rockstar Games*, através da narrativa construída, marcou a vida de diversos jogadores. Corroborando com a afirmação, Souza (2023) relata sua experiência como o videogame e o que extraiu do mesmo para sua vida

A lição que Red Dead Redemption 2 tenta nos passar é a de que nunca é tarde para fazermos um ato de amor, nunca é tarde para fazer o certo, e sempre temos uma escolha no fim. [...] E no fim, por mais duro que seja, a decisão que fazemos é íntima, e a fazemos sozinhos todos os dias. Ser uma boa pessoa é uma escolha, e vamos ser justos: nunca vamos ser 100% do tempo. Afinal, a maturidade pra isso nem vai estar lá por boa parte de nossas vidas. Ela nos faz entender, inclusive, que o bom é maleável, situacional, e nem sempre significa justiça (Souza, 2023)

Assim como para Souza, os videogames impactam a vida dos jogadores de diferentes formas, muitas vezes ajudando-os a serem quem são, tornando-se parte também de suas identidades. Não obstante, portanto, estão os videogames enquanto documentos capazes de descrever as pessoas de uma geração em que foram produzidos, bem como os possíveis impactos para as futuras. Através da passagem do tempo, os videogames têm a capacidade de se tornar monumentos, representando a sociedade da época e evocando esse passado através dos questionamentos e

escolhas narrativas empregadas, assim como a mensagem final que a desenvolvedora almejava.

Vê-se, então, um dilema. Apesar de terem esses impactos na sociedade, as empresas detentoras das plataformas onde esses videogames são executados tendem a impossibilitar o acesso a videogames antigos. Um exemplo recente disso foi o encerramento da loja virtual do *Xbox 360* (Xbox, 2024), um console que marcou a geração com seus videogames. Jogadores que não compraram os videogames até o momento que a loja fechou não poderão mais experienciar suas histórias, por conseguinte inibindo os possíveis impactos na memória coletiva dos jogadores. Porém, esse não é um exemplo único, outras empresas do setor também estão inibindo o acesso aos videogames antigos, sem oferecer uma opção para preservação.

Nesse contexto, entra o conceito de lugares de memória de Nora (1997), quando diz que “o cotidiano se afasta das vivências da tradição e do costume: a memória deixa de ser encontrada no próprio tecido social e passa a necessitar de lugares especiais para ser guardada, preservada em seus laços de comunidade. São os lugares de memória” (Nora, 1997). Com intuito de servir como lugares para essa memória, foram criadas iniciativas como o *National Videogame Museum* (2024) localizado nos EUA e o *Game Preservation Society* (2024) sendo este localizado no Japão.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, analisando como os videogames funcionam como monumentos modernos, além de como suas narrativas e comunidades contribuem para a preservação e construção da memória coletiva. Optando por uma metodologia qualitativa, o estudo permite uma análise das complexidades e nuances como esses conceitos são apresentados e percebidos no contexto de videogames.

Os dados para esta pesquisa foram coletados de fontes secundárias, como artigos acadêmicos, livros e publicações, sendo, assim, caracterizada como documental. De acordo com Gil (2010), a pesquisa documental “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (Gil, 2010).

A análise documental foi realizada através de fichamentos, permitindo a identificação e discussão de temas chave relacionados a documentos, monumentos e suas significações, podendo assim relacioná-los com videogames. Esse processo envolve uma análise temática dos conteúdos coletados, proporcionando insights sobre como ocorre essa relação e sobre a necessidade de preservação dos videogames. Este enfoque ajuda a entender os mecanismos pelos quais os videogames atuam como monumentos modernos, oferecendo insights valiosos sobre a interação entre práticas culturais e a preservação da memória no contexto digital.

Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, observou-se que os videogames fazem mais do que apenas entreter, assumem, assim, um papel significativo como monumentos modernos. Eles refletem e moldam a cultura contemporânea, influenciando a memória coletiva e criando narrativas que são essenciais para a compreensão da sociedade atual e de suas dinâmicas. Este estudo reforça a necessidade de abordagens preservacionistas que reconheçam o valor dos videogames, não apenas como produtos comerciais, mas como peças fundamentais do patrimônio cultural global. A preservação de videogames não deve ser vista como um desafio técnico isolado, mas como uma oportunidade para garantir a continuidade da memória para às futuras gerações. Portanto, conclui-se que é crucial desenvolver estratégias que garantam a acessibilidade e a preservação de videogames, de modo a manter viva a rica tapeçaria de histórias e experiências que eles oferecem.

Além disso, o estudo evidenciou que os videogames atuam como documentos vivos da evolução tecnológica e das mudanças socioculturais, oferecendo uma janela para as complexidades das interações humanas e as transformações sociais ao longo do tempo. Nesse contexto, a análise crítica e a inclusão de videogames em acervos culturais demandam uma colaboração contínua entre desenvolvedores, historiadores, arquivistas e a comunidade, assegurando que esses artefatos sejam preservados de maneira ética e eficaz. Tal abordagem não apenas enriquece nosso entendimento do passado e do presente, mas também fortalece o legado cultural para futuras explorações.

Como sugestões para futuras pesquisas, sugere-se aprofundar o estudo da influência dos videogames na memória coletiva das gerações desde o seu surgimento. Além disso, suas narrativas são passíveis de análises, estudando, assim, como a narrativa atrelada à imersão inerente dos videogames ajuda na construção da identidade e memória dos jogadores.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Adolfo do Nascimento. **Indústria de Videogames**. Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, Assis, 2015. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1211390345.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; PENNA, Rejane Silva. **Experiência humana e narrativa**: a questão da preservação da memória por intermédio dos acervos orais. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, SC, v. 18, n. 22, p. 13-40, 2005.

LA REPÚBLICA. **Dia Internacional da Mulher e Red Dead Redemption 2**: quando Arthur Morgan lutou pelo direito ao voto das mulheres e pelo sufrágio feminino. *La República*, 7 mar. 2020. Disponível em: <https://larepublica.pe/videojuegos/2020/03/07/dia-internacional-de-la-mujer-y-red-dead-redemption-2-cuando-arthur-morgan-lucho-por-el-derecho-al-voto-de-las-mujeres-y-el-sufragio-femenino-video>. Acesso em: 2 jan. 2025.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

MACDONALD, Keza. **Red Dead Redemption 2 review – gripping western is a near miracle**. *The Guardian*, 25 out. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/games/2018/oct/25/red-dead-redemption-2-review-western-playstation-xbox-rockstar>. Acesso em: 12 jul. 2024.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e cultura material**: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 89-103, 1998.

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire**. Tome 2. Paris: Gallimard, 1997.

NVM. **National Videogame Museum**. NVMUSA. 2024. Disponível em: <https://nvmusa.org/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

PENNA, Rejane Silva; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. **Arquivo Particular Júlio de Castilhos**: cartas, bilhetes e anotações pessoais como fontes históricas. *UNESP – FCLAs – CEDAP*, v. 4, n. 2, p. 55-73, jun. 2009. ISSN 1808-1967.

PWC. **Pesquisa global de entretenimento e mídia 2022–2026**. Rio de Janeiro: PricewaterhouseCoopers Brasil Ltda., 2022. Disponível em: <https://www.pwc.com.br/pt/estudos/setores-atividades/entretenimento-midia/2022/GEMO-2022.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

REDON, Joseph; FUKUDA, Takuya. **Game Preservation Society**. Game Preservation Society. 2024. Disponível em: <https://www.gamepres.org/en/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SICT, Secretaria da Inovação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. **Guia de diretrizes e estratégias: Programa GameRS (2022–2030)**. Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <https://inova.rs.gov.br/upload/arquivos/202206/02165428-guia-de-diretrizes-estrategicas.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SOUZA, Gleison. **Red Dead Redemption 2: vivendo em um mundo que não te quer mais**. *Medium*, 26 set. 2023. Disponível em: <https://medium.com/@gleisonzerbinatti/red-dead-redemption-2-vivendo-em-um-mundo-que-n%C3%A3o-te-quer-mais-21567d42bceb>. Acesso em: 12 jul. 2024.

XBOX. **Xbox 360 Marketplace Update**. Suporte Xbox. 2024. Disponível em: <https://support.xbox.com/pt-BR/help/xbox-360/store/xbox-360-marketplace-update>. Acesso em: 12 jul. 2024.

Acervos digitais frente ao enquadramento de memória: o caso das redes de colaboração norte-americanas no Brasil do século XX

Rodrigo Vieira Pinnow
Patrícia Kayser Vargas Mangan

Introdução

Este capítulo integra a pesquisa de doutorado em andamento “*Memórias, Histórias e Silenciamentos nas Redes de Colaboração EUA-Brasil: Explicitando Marcos e Conexões por Meio das Humanidades Digitais*”, que analisa a formação e a transformação das redes de colaboração norte-americanas no Brasil ao longo do século XX. O estudo se diferencia ao adotar metodologias digitais para mapear e interpretar acervos institucionais dispersos, proporcionando novas leituras sobre as interações entre os dois países. A pesquisa se ancora na interseção entre memória social, cultura histórica e as humanidades digitais³⁵, empregando metodologias transdisciplinares para mapear e analisar os acervos institucionais de centros binacionais, escolas internacionais e demais instituições que fomentaram as conexões entre Brasil e Estados Unidos.

A partir de uma abordagem crítica, o capítulo problematiza o papel dos acervos institucionais e digitais como elementos-chave na compreensão das dinâmicas de interação entre atores norte-americanos e brasileiros. A análise dos primeiros centros binacionais norte-americanos e suas conexões com agências governamentais e instituições de ensino revela que essas redes de colaboração não apenas facilitaram intercâmbios culturais e educacionais, mas também consolidaram estratégias de difusão do *American Way of Life* e de influência simbólica nas elites regionais. O estudo evidencia como os acervos, muitas vezes dispersos e fragmentados, oferecem novas possibilidades interpretativas para os processos de estruturação, expansão e transformação dessas redes.

O recorte apresentado neste texto enfatiza o papel das humanidades digitais na superação dos desafios historiográficos impostos pela dispersão documental, ao possibilitar o acesso, a sistematização e a análise de fontes primárias e secundárias

³⁵ MANIFESTO das Humanidades Digitais. Disponível em: <http://www.humanidadesdigitais.net/manifesto/>. Acesso em: 05 fevereiro. 2025.

de forma integrada. O uso de tecnologias digitais para o tratamento desses acervos permite identificar padrões, conexões e processos de apagamento e ressignificação da memória social sobre as relações Brasil-EUA, trazendo à tona narrativas que antes permaneciam esquecidas ou silenciadas.

Dessa forma, este capítulo apresenta parte da investigação em busca de não apenas reconstruir a trajetória das redes de colaboração norte-americanas no Brasil, mas também desafiar os enquadramentos de memória estabelecidos sobre essa relação, evidenciando os mecanismos de poder simbólico que sustentaram sua longevidade e adaptabilidade ao longo do tempo. Ao explorar a função libertadora dos acervos digitais, propõe-se um debate ampliado sobre o impacto dessas redes na configuração do imaginário social brasileiro e nas dinâmicas de intercâmbio cultural e intelectual entre Brasil e Estados Unidos.

Sobre os Espaços Americanos no Brasil

Segundo a Embaixada dos Estados Unidos no Brasil (2024), atualmente os Espaços Americanos funcionam como *hubs* culturais e intelectuais, promovendo intensamente a troca de ideias entre seus usuários, fortalecendo os laços entre os Estados Unidos e outras nações. Eles oferecem uma variedade de atividades, como palestras, workshops, exposições, sessões de leitura e clubes de conversação em inglês, além de fornecer acesso a diversos materiais de estudo e pesquisa, em suas bibliotecas, como livros, revistas e recursos multimídia.

A missão desses centros é destacada sempre com intuito de promover a compreensão mútua e construir relações sólidas através da educação e da cultura, um pilar central das estratégias de *soft power* descritas por Nye (2004). Os Espaços Americanos disponibilizam uma série de recursos e programas gratuitos:

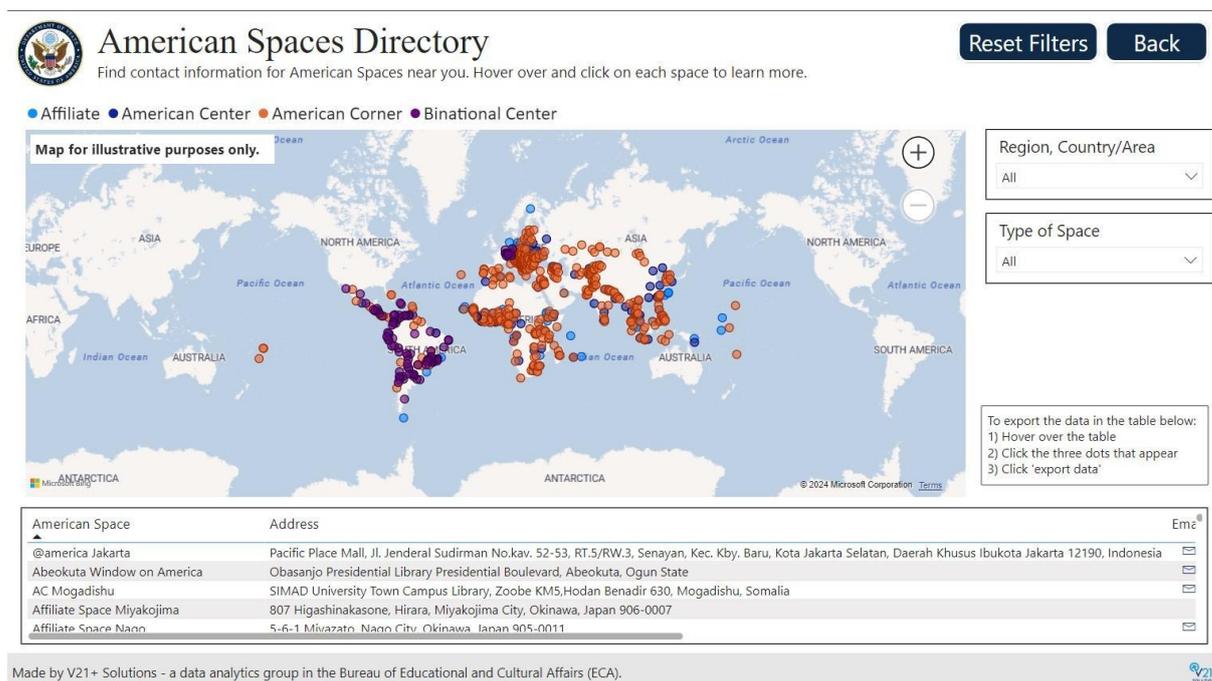
- Acesso aberto à Internet;
- Cursos de inglês americano e clubes de conversação;
- Informações e aconselhamento sobre ensino superior nos EUA;
- Palestrantes, palestras e discussões especializadas;
- Clubes de debate;
- Makerspaces, cursos de codificação e robótica;
- Atividades e clubes de *eSports*, jogos e realidade virtual;
- Treinamento de habilidades profissionais;

- Cursos de empreendedorismo;
- Filmes, eventos culturais e performances;
- Materiais de referência e coleções permanentemente atualizadas em suas bibliotecas;
- Bancos de dados de pesquisa acadêmica;
- Conexões de ex-alunos de intercâmbio nos EUA;
- Oportunidades voluntárias.

Sobre a estrutura da Rede de Espaços Americanos, a embaixada informa que há diversos tipos de centros, adaptados às necessidades e contextos locais:

- **Centros Americanos:** Geralmente localizados perto ou dentro das embaixadas dos EUA, atuam como centros de referência para informações e atividades culturais.
- **American Corners:** Locais parceiros, muitas vezes situados em bibliotecas ou campi universitários, que promovem o intercâmbio cultural e educacional.
- **Centros Binacionais:** Localizados em países da América Latina, incluindo o Brasil, com ensino da língua inglesa, promoção de intercâmbios culturais e educacionais.

Figura 1. Mapa dos Espaços Americanos no Mundo.



Fonte: Site Bureau of Educational and Cultural Affairs³⁶

Além disso, em alguns países, os Espaços Americanos são identificados com variações, como *Lincoln Corners*, *American Houses*, *American Hubs* ou *InfoUSA Centers*, ampliando suas iniciativas e a adaptabilidade a diferentes contextos culturais. A análise do papel dos Espaços Americanos na disseminação de valores culturais e educacionais norte-americanos apresenta um campo de investigação a ser explorado e construído pelos pesquisadores do passado. Compreende-se que conceitos como o *soft power* de Nye (2004) ou então o *imperialismo sedutor* de Tota (2000) não conseguem abarcar todas as nuances do processo.

Com isso, faz-se necessário ampliar a discussão sobre o tema e considerar outros elementos que ajudem a compreender o funcionamento da rede de Espaços Americanos. Se existe uma rede de Espaços Americanos, consequentemente existe uma rede de colaboração para que esses espaços funcionem. Com a análise dos acervos dos centros binacionais e seus respectivos quadros sociais, pode-se ter uma amostra de como essas redes foram se ajustando ao longo do século XX.

O exemplo dos Espaços Americanos, suas formas de atuação, como veículos de difusão cultural, multiplicando uma rede global de fomento a intercâmbios e

³⁶ Disponível em: <https://eca.state.gov/programs-and-initiatives/initiatives/office-american-spaces>. Acesso em 20 de maio de 2024.

cooperação entre as elites é uma trama muito bem engendrada no Brasil e no sistema internacional. Como a rede está estabelecida em mais de 160 países, as estratégias de alinhamento com as elites locais para a composição das redes de colaboração são variáveis e com focos diversificados, todas focadas na difusão cultural e educacional.

O *Bureau of Educational and Cultural Affairs*³⁷ – Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais (ECA) do Departamento de Estado dos EUA é o órgão responsável por difundir as estratégias de estruturação entre os Estados Unidos e outros países, com o intuito de estabelecer relações amigáveis e pacíficas. Dentro do ECA, funciona o *The Office of American Spaces*, seção responsável pela gestão e ampliação da rede dos American Spaces. Segundo o ECA, o *foco de sua missão é promover intercâmbios acadêmicos, culturais, esportivos e profissionais que envolvem jovens, estudantes, educadores, artistas, atletas e líderes emergentes nos Estados Unidos e em mais de 160 países.*

No contexto brasileiro, entende-se que os centros binacionais foram fundamentais no contexto de formação e ampliação de redes de colaboração norte-americanas, mas o processo de implementação de programas que visam à homogeneização de formas de pensamento e à promoção do poder simbólico, conforme discutido por Bourdieu (1998).

Mapeamento das redes de colaboração norte-americanas, os acervos e as plataformas digitais

No cruzamento entre as fontes dos acervos dos centros binacionais e fontes diplomáticas, fica evidente a presença de atores norte-americanos em território brasileiro. Há conexões entre os nomes mais importantes das elites intelectuais/regionais espalhados pelo país no processo de criação de aproximadamente 34 Centros Binacionais³⁸, chancelados pelo governo norte-americano, evidenciam a consolidação de redes de influência cultural e política nas principais cidades do país. Conforme a Coligação de Centros Binacionais³⁹, os centros Binacionais (BNCs) se consolidaram como espaços voltados para o ensino de inglês, com grandes bibliotecas, galerias de arte, espaços para *shows*, programas culturais,

³⁷ Disponível em: <https://eca.state.gov/about-bureau>. Acesso em: 20 maio 2024.

³⁸ <https://br.usembassy.gov/pt/education-culture-pt/espacos-americanos/centros-binacionais/>.

³⁹ Para mais informações: <http://coligacaobnc.com.br/>

promoção de intercâmbios, testes de proficiência e serviços de aconselhamento para brasileiros estudarem nos Estados Unidos.

Figura 2. Mapa da Associação dos Centros Binacionais da América Latina



Fonte: Associação de Centros binacionais da América Latina⁴⁰.

Após uma detalhada análise nos portais dos respectivos centros, as descrições institucionais descrevem os BNCs como instituições sem fins lucrativos e autônomas, com o intuito de promover uma compreensão social mútua entre o Brasil e os Estados Unidos, desenvolvendo uma série de programas educacionais, culturais e informativos. Além de oferecer o ensino de língua inglesa, informações sobre os Estados Unidos, e oportunidades de participação em programas culturais, os centros binacionais também oferecem aconselhamento a interessados em estudar nos EUA e suporte na inscrição para programas de intercâmbio patrocinados pelo Departamento

⁴⁰ Disponível em: <https://learningabla.org/en/binational-centers.html>. Acesso em: 20 dez. 2024.

de Estado Americano, incluindo os programas Jovens Embaixadores, *YLAI*, *STEAM Tech Girls* e *Power4Girls*⁴¹.

Nas informações fornecidas pela Embaixada dos Estados Unidos, os chamados Espaços Americanos são descritos como centros culturais e informacionais distribuídos globalmente⁴², oferecendo acesso gratuito e aberto para membros de comunidades locais interessadas em aprender sobre os Estados Unidos, desenvolver habilidades diversas e acessar uma ampla gama de recursos educacionais e culturais. Os centros são financiados pelo Departamento de Estado dos EUA, com uso de estruturas da própria embaixada, consulados e instituições parceiras locais. Com aproximadamente 600 Espaços Americanos espalhados por 140 países, esses *centros promovem programas e eventos que incentivam o aprendizado, a discussão e o envolvimento cívico, com um enfoque particular nos princípios democráticos.*

Mesmo com a Embaixada norte-americana destacando em seu portal oficial a abrangência da "rede de Espaços Americanos" espalhados pelo mundo e evidenciando a extensão do sistema de difusão cultural estabelecido desde a primeira metade do século XX, as pesquisas no campo das humanidades no Brasil ainda não conseguiram identificar plenamente a formação das redes de colaboração norte-americanas e seus artífices. Este fenômeno levanta uma questão preocupante: será que o poder simbólico, conforme definido por Bourdieu (1998), da difusão cultural norte-americana contribuiu para a naturalização e aceitação acrítica da proliferação dos Espaços Americanos na historiografia e na memória social?

Considerando tal evidência, a ausência de uma análise crítica e aprofundada sobre essas redes sugere algumas reflexões: invisibilização ou normalização, silenciamento e esquecimento desse processo na narrativa histórica brasileira, refletindo o impacto cíclico do *soft power* norte-americano (Nye, 2004) na construção da memória coletiva.

A presença global dos Espaços Americanos, localizados em diversos

⁴¹ Para mais informações acesse: <https://bityli.com/A9duD>

⁴² Departamento de Estado dos EUA. American Spaces. Disponível em: <https://americanspaces.state.gov/>. Acesso em: 7 jun. 2024.

continentes e cidades, desde grandes capitais até localidades menores, evidencia uma estratégia de difusão cultural que busca penetrar em várias camadas sociais (Nye, 2004).

A presença global dos Espaços Americanos, localizados em diferentes continentes, com predomínio nos países da América do Sul, em diferentes capitais e no interior dos países, evidencia uma estratégia de difusão cultural que avançou em diferentes camadas sociais.

A diversidade de formatos e funções ao longo de seus quase 100 anos de existência — inicialmente com os centros binacionais e suas bibliotecas, com acesso público, parcerias com escolas e teatros — ilustra a adaptabilidade e conexão dessas instituições com as elites locais.

Acervos dos Centros Binacionais e o desafio do enquadramento da memória sobre as relações Brasil-Estados Unidos

Cunha (2023) traça um balanço historiográfico sobre as relações Brasil-Estados Unidos, mas sem aprofundar a formação de redes institucionais. Esta pesquisa busca preencher essa lacuna ao investigar a constituição embrionária das redes de colaboração norte-americanas desde a década de 1930, mapeando suas conexões e impactos no campo da memória social.

Foram analisadas produções clássicas, como Bandeira (1973), Bueno e Cervo (2012), Hirst (2009), Moura (1980), Moura (1984), Munhoz (2011), Pecequilo (2011), Pinheiro (2010) e Valim (2017), referências com ampla circulação em pesquisas mais recentes, presentes nos bancos de dissertações e teses, plataformas de periódicos.

Não foi identificada qualquer menção aos centros binacionais ou à possibilidade de criação/expansão de redes de colaboração norte-americanas em território brasileiro. O foco, em demasia, gira em torno das Relações Internacionais, do “Imperialismo Sedutor” (Tota, 2000) e da Política de Boa Vizinhança.

Valim (2017) analisa as transformações em torno do *Office of Commercial and Cultural Relations between the American Republics* (OCCCRBAR), rebatizado em 30 de julho 1941 como Office of the Coordinator of Inter-american Affairs (OCIAA) e, por fim, *Office of Inter-American Affairs* (OIAA) e, posteriormente, em 23 de maio de 1945. O autor concentra sua investigação nas estratégias relacionadas aos processos articulados a partir dos órgãos de fomento cultural norte-americanos, destacando o

impacto do cinema. Contudo, não problematiza a difusão do cinema norte-americano e demais produtos culturais em espaços como os centros binacionais, ou seja, não considerando a possibilidade de uma possível rede de colaboração constituída por diferentes elites regionais.

Com isso, a inédita descoberta do acervo do ICBNA e seu potencial de pesquisa permanece essencial como primeiro registro historiográfico que destaca indícios sobre as conexões entre a Memória Social de Porto Alegre e a embrionária rede de colaboração norte-americana em expansão pelo Brasil (Pinnow, 2024), evidenciada na criação de centros binacionais nas principais capitais brasileiras.

O processo de digitalização de aproximadamente 600 itens, categorizados entre documentos oficiais, fotos, periódicos, catalogação de obras de arte, entre outros materiais, possibilitou estabelecer conexões efetivas com o passado das elites intelectuais da cidade e ampliou as possibilidades de análise das relações entre Brasil e Estados Unidos.

Às 20hs do dia 14 de julho de 1938, reuniram-se na residência do Sr. Guy W. Ray Cônsul dos E.E.U.U. da América do Norte pessoas interessadas em concretizar a ideia de criação de um instituto cultural surgida numa palestra entre o Sr. Guy W. Ray e os bacharelados João Kessler Coelho de Souza, Dante Sfoggia e Paulo Augusto Simões Pires. Após uma rápida dissertação sobre a utilidade e alta significação de um instituto dessa natureza, no sentido de promover um intercâmbio cultural entre as duas nações amigas, o Dr. Renato Barbosa propôs que devesse ser eleita a primeira diretoria do instituto ao qual resolveu se dar o nome de I.C.B.N.A., iniciais que significam Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano. A 1º diretoria do I.C.B.N.A ficou assim constituída: Presidente: Dr. Renato Barbosa, Vice-presidente: Escritor Erico Verissimo, 1º Secretário: Escritor Limeira Tejo, 2º Secretário: Bacharelado Paulo Augusto Simões Pires, 1º Tesoureiro: Bacharelado Dante Sfoggia, 2º Tesoureiro: Bacharelado Bruno Schuetz Arquivista: Bacharelado João Kessler Coelho de Souza (Chagas; Pinnow, 2008, p.38)

O esquecimento ou silenciamento dos centros binacionais e outras instituições que constituem a rede de colaboração norte-americana no Brasil deve ser problematizado e considerado, à luz da produção historiográfica e da memória social, como parte integrante do processo de difusão cultural norte-americana.

A análise crítica desses centros é fundamental, pois eles não apenas funcionaram como polos culturais em suas respectivas cidades, mas também desempenharam um papel central na disseminação do ensino da língua inglesa no Brasil. Considerando o caso do ICBNA, a grande maioria das fontes primárias e secundárias da instituição, coloca o ensino da língua inglesa como a principal atividade da instituição (Pinnow, 2024).

Os centros binacionais, constituídos por organizações privadas, sem fins lucrativos, estiveram entre os primeiros Espaços Americanos e continuam a ser a principal referência em termos de redes de colaboração. Sua gestão é realizada desde o princípio por conselhos de administração locais, enquanto o *Office of American Spaces* fornece apoio financeiro a esses centros.

Segundo Pinnow (2014), o primeiro centro binacional norte-americano na América Latina, localizado na Argentina, na capital Buenos Aires, foi fundado em 1927. Período em que Herbert Hoover ainda estava à frente da presidência dos Estados Unidos e inicialmente pensava em estreitar as relações com a América Latina.

O Instituto Cultural Argentino Norte Americano, ICANA, é uma instituição privada sem fins lucrativos, criado e dirigido por argentinos, cujo principal objetivo é promover o intercâmbio cultural e educacional entre os povos da Argentina e dos Estados Unidos. ICANA foi fundado em 1927. Desde então, sua evolução crescente permite-lhe manter uma posição forte no contexto da educação.⁴³

Analisando o processo de criação e expansão dos centros binacionais, juntamente com outras instituições vinculadas à Embaixada dos Estados Unidos, considerando a quantidade de acervos a serem explorados, tendo em vista a escassez de trabalhos, constata-se que a concepção de Halbwachs (2006) sobre memória e suas análises acerca dos quadros sociais que a constituem, pode fornecer subsídios relevantes para a pesquisa da memória coletiva “enquadrada” sobre o tema, consolidada dentro da historiografia brasileira:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que nos tragam seus testemunhos; é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras, para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum” (Halbwachs, 2006, p. 12)

A argumentação proposta, com base nas fontes pesquisadas, revisita algumas questões de ordem processual, confrontando algumas produções historiográficas citadas ao longo do presente trabalho. Colocadas nestes termos, as narrativas sobre o passado das relações entre Brasil e Estados Unidos, somadas às interpretações sobre a memória social da América do Sul podem ser situadas em uma zona cinzenta, na qual os horizontes nem sempre são perceptíveis entre a cultura histórica,

⁴³ Disponível em: <http://www.icana.org.ar/indexInstitucional.php>. Acesso em 20 de fevereiro de 2013.

problematizada por Gontijo (2014), a memória enquadrada, discutida por Halbwachs (2006) e Pollak(1989) e as novas perspectivas que abarcam os usos do passado e da memória em novos campos:

Sobre cultura histórica, convém lembrar que o conceito tem sido pensado desde os anos 1980 e 1990 de forma sistemática por autores como Jörn Rüsen, Aleida e Jan Assmann, Bernard Guenée e Jacques Le Goff, em diálogo com estudiosos da relação entre história e memória coletiva, como Pierre Nora, Paul Ricoeur etc. De modo geral, parte-se da constatação de que a visão que uma dada sociedade tem de seu passado não é resultado exclusivo, nem mesmo predominante, da produção dos historiadores acadêmicos. As imagens, ideias, nomes e valores que compõem a visão do passado resultam de uma série de fatores que atuam em um processo dinâmico de discussão sobre a experiência passada e a construção de sentido. A cultura histórica abarca, portanto, os múltiplos enfoques e narrativas onde o que está em jogo não é o conhecimento erudito sobre a história, mas a autocompreensão da comunidade num dado presente e suas possibilidades de projeção no futuro (Gontijo, 2014, p.45).

O resultado da cultura histórica e a visão que uma sociedade possui de seu passado não é resultado exclusivo da produção historiográfica, ou mesmo das dinâmicas memoriais, mas sim de um processo *sui generis*, relacionado às memórias individuais, à memória coletiva e o sentido atribuído às mesmas na interpretação do passado.

A produção de conhecimento e a pesquisa acadêmica também podem ser “enquadradas” Pollak (1989) pelo presentismo, num processo sistêmico, de direcionamento e circulação teórico-metodológico. Nesse sentido, o elemento libertador ainda são os acervos e suas fontes primárias, não pelo pensamento positivista da “verdade” das fontes, mas pela subjetividade interpretativa dos fragmentos de um todo, de uma teia e suas dimensões ainda não exploradas.

No que tange às relações entre Brasil e Estados Unidos, a análise das articulações das diferentes memórias, estabelecidas na cultura histórica, podem demonstrar que o processo histórico sobre o tema tenha sofrido um enquadramento da memória coletiva, principalmente, considerando os eventos históricos após a segunda metade do século XX, com a bipolaridade consolidada pela Guerra Fria.

Uma vez identificada tal possibilidade de análise da memória coletiva, problematizada neste caso, recorre-se à contribuição de Pollak (1989) na qual o autor questiona a natureza dos processos e fatos sociais a serem compreendidos, estabelecidos e propagados como coisas, ao invés do questionamento de “como os fatos sociais tornam-se coisas, como e por quem são solidificados e dotados de

duração e estabilidade” (Pollak, 1989, p. 3-15), construindo-se assim, a ideia de uma memória enquadrada em lugar de memória coletiva.

A reflexão de Pollak (1989) instiga a pensar na ideia construída sobre as relações entre Brasil e os Estados Unidos, com temas que giram em torno de questões políticas, econômicas, diplomáticas e socioculturais, mas que não problematizam de maneira objetiva a memória coletiva, do ponto de vista dos interesses das elites latino-americanas para com os Estados Unidos. Como a expansão das redes de colaboração norte-americanas, por intermédio inicial dos centros binacionais, se manteve oculta, silenciada ou esquecida das narrativas históricas?

No que tange ao campo da memória social e institucional, os centros binacionais e seus acervos, com circulação de renomadas personalidades históricas, se mantiveram e se mantêm, ofuscadas, inacessíveis e condicionadas à celebração das elites regionais que compõem o tecido social dos respectivos centros. Como tal processo impactou a construção da identidade nacional e sua percepção sobre os Estados Unidos? O que de fato impulsionou a construção do imaginário social do *American Way of life* no Brasil?

Nesse sentido, para trabalhar com o imaginário como âncora, como na difusão cultural norte-americana no Brasil, Baczko (1984) ressalta que as elites, sejam elas políticas ou intelectuais, percebem rapidamente que dispositivo simbólico, representado pela cultura, constitui um instrumento efetivo para influenciar e reorientar a sensibilidade coletiva e, conseqüentemente, influenciá-la. Por fim, tais questões serão investigadas em trabalhos futuros, conforme a ampliação da pesquisa nos acervos das redes de colaboração, em específico, dos centros binacionais norte-americanos.

A função social dos acervos institucionais para os pesquisadores do passado é essencial para as interpretações do mundo contemporâneo, bem como para a releitura do tempo-presente. Os fragmentos de memória desvendados a partir das descobertas de novos acervos podem ressignificar conceitos, contextos, narrativas e problematizar visões distintas, sobre temas complexos que permeiam a sociedade:

[...] os documentos de arquivo não são representações da memória coletiva, e as instituições arquivísticas não são depósitos de memória coletiva. Ao contrário, os arquivos são fontes para a potencial descoberta ou recuperação de memórias que haviam sido perdidas. Uma vantagem particular que os arquivos possuem enquanto veículos de memória coletiva (além de sua persistência) é que eles podem permanecer insuspeitados e imperturbáveis enquanto as memórias individuais se esvaem, enquanto a memória coletiva é reconfigurada, ou até mesmo enquanto existem esforços conscientes de se

apagar a memória (Hedstrom, 2016, p. 255).

A consciência histórica estabelecida, problematizada por Rüsen (2009), bem como a já citada memória enquadrada em torno das transformações de um processo complexo como a expansão dos centros binacionais, são por demais desafiadoras. A dinâmica do ICBNA, por si só, com seus quase noventa anos de história e os grupos sociais que por lá passaram, contribuíram para a construção de um imaginário social, repleto de simbolismos e a gênese de uma ideia sobre os Estados Unidos que está impregnada na sociedade gaúcha.

Em tempos de internacionalização dos processos educacionais, conforme aponta João (2008), com advento e a popularização do bilinguismo, das escolas internacionais⁴⁴, das oportunidades de ensino superior, pós-graduação e intercâmbio em instituições norte-americanas, faz-se necessário compreender como as redes de colaboração norte-americanas moldaram o imaginário social da sociedade brasileira ao longo do século XX.

Considerando que os centros binacionais foram os pioneiros no processo de intercâmbio e difusão cultural, com o desejo das diversas elites que compõem a sociedade brasileira, as perspectivas analíticas desta pesquisa se propõem a refletir sobre a relação entre os acervos dos centros binacionais e a identidade nacional frente ao processo exposto até aqui:

Precisa-se do empenho governamental para articular em uma agência os interesses relativos ao desenvolvimento educacional, científico e cultural no hemisfério ocidental. Trata-se de homogeneizar formas de pensamento. Deve ser iniciada uma campanha para capturar a elite intelectual ibero-americana através do rádio, da televisão, de livros, de artigos e folhetos, de mais doações, bolsas de estudos e premiações. Consideração e reconhecimento são o que mais agrada aos intelectuais e um programa com essas características poderá atraí-los (Pinsky, 2007, p.139).

A bem-sucedida jornada de nossos “vizinhos” possui multifatores a serem analisados, os quais não serão todos contemplados aqui, por demandarem uma gama maior de cruzamentos interdisciplinares para um melhor entendimento sobre o processo. Contudo, há um grupo social que fica evidenciado nas memórias e narrativas institucionais, seja pela articulação com os atores norte-americanos, seja pelo poder de difusão cultural e convencimento social: as elites brasileiras, consumidoras do *American Way of Life*, com representatividade e poder simbólico

⁴⁴ Para mais informações acesse: <https://educacaobilingue.com/escolas/escolas-internacionais/>

frente às diferentes esferas sociais.

Nesse sentido, no contexto atual das pesquisas sobre memória social, alguns conceitos encontram variáveis conforme sua aplicabilidade, uma vez que o efeito do “presentismo” contribui decisivamente para algumas releituras das combinações empregadas, como, por exemplo, no caso específico das conexões entre os conceitos de memória social e identidade.

Por conseguinte, vale lembrar que a ação do tempo precisa ser considerada enquanto os campos de estudo sobre memória social são aprofundados, a partir das muitas pesquisas transversais, que estão relacionadas ao conceito. Memória Social e Identidade são conceitos que dialogam e se complementam, mas que em muitos casos possuem significados e percursos teórico-metodológicos influenciados potencialmente pelo “presentismo” do imaginário social e da conjuntura política, impulsionada pelas transformações do sistema internacional.

Considerações finais

A pesquisa apresentada neste capítulo buscou evidenciar a expansão das redes de colaboração norte-americanas no Brasil ao longo do século XX, destacando a função dos acervos digitais na problematização dos enquadramentos de memória. O estudo reforça que os centros binacionais, suas conexões institucionais e suas articulações com elites regionais desempenharam um papel fundamental na difusão de influências culturais, políticas e educacionais entre Brasil e Estados Unidos. A digitalização e organização desses acervos permitem uma nova abordagem sobre esses processos históricos, revelando padrões de colaboração que, muitas vezes, passaram despercebidos nas análises historiográficas tradicionais.

Autores do campo da memória social fornecem subsídios importantes para compreensão de como a identidade cultural do Brasil foi diretamente influenciada pelos Estados Unidos. Se Fearon (1999) analisa os usos da “identidade” como categoria social, definida por regras de associação, embasada em comportamentos esperados e, também, com características socialmente distintas, Hall (2005), por outro lado, problematiza de forma mais pontual a questão da identidade cultural.

Esse autor refere-se a uma modernidade tardia na tentativa de definir a existência ou não de uma “crise” de identidade, considerando assim os inúmeros processos relacionados ao sistema-mundo de Wallerstein (2000) e a possibilidade de

uma descentralização identitária, oriunda dos reflexos da globalização e dos desdobramentos de um jogo de identidades. Em tese, se considerarmos as reflexões dos autores, focando na trajetória dos centros binacionais, podemos considerar que a crise identitária no Brasil possui raízes históricas oriundas do processo colonizatório, bem como de nossa independência tardia.

Contudo, o processo de difusão cultural promovido pelos atores norte-americanos pode ser analisado, considerando a proposta de Fearon (1999), com os usos da “identidade” como categoria social e de associação, e ao mesmo tempo, sob a ótica de Hall (2005) com a possibilidade de uma crise identitária, especificamente no imaginário social das elites intelectuais brasileiras.

Assim, a problematização de uma cultura histórica, da identidade e da memória social estabelecida/enquadrada não é tão simples. Trata-se de um longo processo de construção da consciência histórica, de remanejar os usos da memória e de ampliar os debates em torno das novas possibilidades de análise. Para tanto, as contribuições de Paul Ricoeur (2007) também se tornam relevantes e preponderantes para o encerramento do presente trabalho sobre as relações entre Brasil e os Estados Unidos, uma vez que o autor problematiza os excessos e erros nos usos da memória, assim como as variações nas políticas de esquecimento, o que na visão de Ricoeur (2007) dificulta a construção de uma justa memória e, conseqüentemente, no caso desta pesquisa, da cultura histórica:

Preocupação pública: perturba-me o inquietante espetáculo que apresenta o excesso de memória aqui, o excesso de esquecimento acolá, sem falar da influência das comemorações e dos erros de memória - e de esquecimento. A ideia de uma política da justa memória é, sob esse aspecto, um de meus temas cívicos confessos. (Ricoeur, 2007, p.17)

Complementando os apontamentos de Ricoeur (2007), porém com um olhar mais pessimista, Rüsen (2009) salienta que houve uma crise estrutural no século XX, a qual chama de “catastrófica”, que interferiu decisivamente na consciência histórica e na capacidade de portar e promover sentido nas narrativas construídas.

Os autores analisados contribuem para o desenvolvimento da pesquisa a partir dos usos da memória e com contribuições para a cultura histórica. A crise citada por Rüsen (2009), bem como a preocupação pública de Ricoeur (2007) evidencia a necessidade de os pesquisadores do passado tomarem ciência da relação entre história e memória, da problematização dos esquecimentos, da identificação dos silenciamentos e da urgente correção dos anacronismos que moldam o conhecimento

histórico. E por falar em anacronismos, os acervos dos centros binacionais e suas respectivas fontes primárias estão no limbo, esquecidos e com inúmeras possibilidades de análise de um processo ainda em transformação, sendo campo para vários trabalhos futuros.

Esta pesquisa contribui para o debate historiográfico ao revelar o papel dos acervos institucionais na reconstrução das redes de colaboração entre Brasil e Estados Unidos. Ao explorar as conexões entre centros binacionais e elites regionais, amplia-se a compreensão sobre a influência norte-americana na formação de imaginários sociais e estruturas de poder cultural. A continuidade dos estudos sobre esses acervos permitirá novas reflexões sobre os processos de silenciamento e enquadramento da memória institucional.

REFERÊNCIAS

ABA Recife. Disponível em: <https://www.abaweb.org>. Acesso em: 15 fev. 2025.

ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as nações**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

BACZKO, Bronislaw. **Les imaginaires sociaux: mémoires et espoirs collectifs**. Paris: Payot, 1984.

BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil: Dois Séculos de História**. Rio de Janeiro: Ed. da Civilização Brasileira, 1973.

BERND, Zilá. **Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura das literaturas contemporâneas das Américas**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. Disponível em: <https://www.zilabernd.com/livros/por-uma-estetica-dos-vestigios-memoriais-releituras-das-literaturas-contemporaneas-das-americas>. Acesso em: 7 maio 2024.

BORDINI, Maria da Glória. **Matérias da memória**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020. 258 p.: pdf.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado Luiz. **História da política exterior do Brasil**. 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.

CHAGAS, Emílio; PINNOW, Rodrigo Vieira. **INSTITUTO CULTURAL BRASIL NORTE-AMERICANO**. Cultural 70 anos. Livro digital comemorativo aos 70 anos do Instituto Cultural Brasil Norte - Americano. CD-ROM.

CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madeleine. **As humanidades no ensino**. Educação e Pesquisa, v. 25, n. 2, p. 149-170, 1999.

CORDEIRO, V. D. **De Maurice Halbwachs à Filosofia da Mente**: Repensando a memória a partir de abordagens externalistas. Tempo Social, v. 33, n. 3, p. 255–280, set. 2021.

CUNHA, Adriana Mendonça. **Relações EUA e América Latina nas décadas de 1930 e 1940**. Crítica Historiográfica, Natal, v. 3, n. 9, jan./fev., 2023. Disponível em: <https://tinyurl.com/8autnvm5>. Acesso em: 10 jan. 2023.

GAY, Peter. **O estilo na história**: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 190.

GONTIJO, Rebeca. **Sobre cultura histórica e usos do passado**: a Independência do Brasil em questão. Almanack, Guarulhos, n. 8, p. 44-53, dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320140803>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-46332014000200044&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 fev. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **Memória individual e memória coletiva**. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006. p. 29-70.

HEDSTOM, M. **Arquivos e memória coletiva**: mais que uma metáfora, menos que uma analogia. In: EASTWOOD, T.; MACNEIL, H. (Orgs.). Correntes atuais do pensamento arquivístico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. p. 237-259.

HEYMANN, Luciana Quillet. **Memórias da elite**: arquivos, instituições e projetos memoriais. Revista Pós Ciências Sociais, v. 8, n. 15, 28 out. 2011. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/579>. Acesso em: 7 jan. 2025.

HIRST, Monica. **Brasil Estados Unidos**: desencontros e afinidades. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

JOÃO, B. DO N. **Internacionalização da educação**. Revista de Administração de Empresas, v. 48, n. 3, jul. 2008.

LACAPRA, Dominick. **History in Transit**: Experience, Identity, Critical Theory. Ithaca: Cornell University Press, 2004.

LIMA DE AVILA, Arthur. **Indisciplinando a historiografia**: do passado histórico ao passado prático, da crise à crítica. Revista Maracanan, [S. l.], n. 18, p. 35–49, 2018.

DOI: 10.12957/revmar.2018.31185. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.Uerj.br/maracananarticle/view/31185>. Acesso em: 9 jan. 2025.

MOURA, Gerson. **Autonomia na dependência**: a política externa brasileira de 1935 a 1942. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MOURA, Gerson. **O tio Sam chega ao Brasil**: a penetração cultural americana. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1984.

MUNHOZ, Sidnei; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos**: séculos XX e XXI. Maringá: Eduem, 2011.

NYE, J. S. **Soft Power**: The Means to Success in World Politics. New York: PublicAffairs, 2004.

ORIANNE, Jean-François; EUSTACHE, Francis. **Collective memory**: between individual systems of consciousness and social systems. *Frontiers in Psychology*, v. 14, 2023. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2023.1238272/full>. Acesso em: 7 jan. 2025.

PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire. **História Cultural**: reflexões contemporâneas. Edições Verona, 2020.

PECEQUILO, Cristina Sorenu. **A Política Externa dos Estados Unidos**: continuidade ou mudança? 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

PINHEIRO, Letícia. **Política externa brasileira (1889-2002)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PINNOW, Rodrigo Vieira. **As inferências culturais da Política Externa Estadunidense sobre a América Latina no século XX**: o caso do Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano – ICBNA/RS. São Paulo: Editora Dialética, 2024. 164 p.

PINNOW, Rodrigo Vieira. **As inferências da política externa estadunidense sobre a América Latina no século XX**: o caso do Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano – ICBNA/RS. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RÜSEN, J. **Como dar sentido ao passado**: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 2, n. 2, p. 163–209, 2009. DOI: 10.15848/hh.v0i2.12. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12>. Acesso em: 28 fev. 2023.

SANTOS, Juliana Cardoso dos; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. **Memória institucional e memória organizacional: faces de uma mesma moeda.** Perspectivas em Ciência da Informação, v. 26, p. 208-235, 2021.

SAUNDERS, Frances Stonor. **Quem pagou a conta? A CIA na Guerra Fria da Cultura.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2008.

SETTON, Maria da Glória. **Estudos sobre as elites: uma leitura da produção em periódicos – 1998-2017.** Pro-Posições, v. 32, p. e20180070, 2021.

THIESEN, Juarez da Silva. **Quem girou as chaves da internacionalização dos currículos na educação básica?.** Educação em Revista, v. 34, p. e194166, 2018.

UNITED STATES. **Department of State. Assistant Secretaries of State for Educational and Cultural Affairs.** [S.l.: s.n.], 2024b. Disponível em: <https://history.state.gov/departmenthistory/people/principalofficers/assistant-secretaries-educational-cultural-affairs>. Acesso em: 10 fev. 2024.

UNITED STATES. **Department of State. Bureau of Educational and Cultural Affairs.** [S.l.: s.n.], 2024a. Disponível em: <https://eca.state.gov/about-bureau>. Acesso em: 10 fev. 2024.

UNITED STATES. **Department of State. History of the Bureau of Educational and Cultural Affairs.** [S.l.: s.n.], 2025c. Disponível em: <https://exchanges.state.gov/about/history>. Acesso em: 10 fev. 2024.

VALIM, Alexandre Busko. **O Triunfo da Persuasão: Brasil, Estados Unidos e o Cinema da Política de Boa Vizinhança durante a II Guerra Mundial.** São Paulo: Ed. Alameda, 2017.

WALLERSTEIN, Immanuel. **America and the world: today, yesterday, and tomorrow.** In: WALLERSTEIN, I. The Essential Wallerstein. New York: Palgrave Macmillan, 2000. p. 387-415. Artigo publicado originalmente in Theory and Society, v. 21, n. 1, feb. 1992, p. 1-28.

WEINSTEIN, Bárbara. **Repensando a História das Relações Estados Unidos-América Latina: de dominação política a circulação cultural?** Textura, n. 9, Canoas, RS, abr.-out. 2003. p. 9.

Sobre Organizadores e Autores

Angela Luciane Peyerl

Doutora e Mestra em Patrimônio Cultural e Sociedade pelo PPGPCS/UNIVILLE. Especialista em História e Cidade pela UNESCO e Bacharel em Museologia pela UNBAVE. Pesquisadora e colaboradora do PODE - Grupo de Pesquisa Direito, Patrimônio, Desenvolvimento e Inovação. Atualmente é Coordenadora do Museu de Artes de Joinville e do Museu Casa Fritz Alt (Joinville- SC). É professora na Pós-Graduação em Museus, galerias e acervos na disciplina de Curadoria de acervos e coleções em projetos expositivos. (Positivo-2020). Tem experiência nas áreas de: Museologia, Conservação, Arte e História atuando principalmente nos temas História da Arte Brasileira, História da Arte de Santa Catarina, Patrimônio Cultural Material e Imaterial, Conservação e Restauração, Segurança em Museus.

- angela.peyerl@gmail.com
- <https://orcid.org/0000-0002-6854-0404>
- <http://lattes.cnpq.br/9562991052736321>

Carlos Eduardo Souza Aguiar

Doutor em Sociologia pela Université Sorbonne Paris Cité. Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Especialista em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduado em Comunicação Social, em Filosofia e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Atualmente, realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no qual pesquisa as implicações éticas das tecnologias digitais na atualidade. Além disso, atua como professor e coordenador do Núcleo de Pesquisa da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom).

- cadu.s.aguiar@gmail.com
- <https://orcid.org/0000-0002-3308-4074>
- <http://lattes.cnpq.br/4612171463130805>

Dayana Karla Melo da Silva

Doutora em Sociologia pela Université Sorbonne Paris Cité, mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas pela UFPB, com estágio Procad de mobilidade acadêmica na UFRJ, graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela UFPB e em Ciências Sociais pela USP. Realizou estágio pós-doutoral na ECA/USP e no IEA/USP. É professora do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP e pesquisadora do Instituto de Estudos Avançados (IEA/USP). Seus principais temas

de pesquisa incluem tecnologias digitais em rede, territorialidades e interseccionalidades.

- dayanamel@usp.br
- <https://orcid.org/0000-0003-4954-0510>
- <http://lattes.cnpq.br/7405107228624107>

Denisson Beretta Gargione

Mestre em Memória Social e Bens Culturais em Memória Social e Bens Culturais (UniLaSalle Canoas/RS), graduada em Teatro pela UERGS. É ator, diretor e produtor de teatro, dança e documentários. Como dramaturgo ganhou o 1º Prêmio Funarte de Dramaturgia – 200 Anos de Artes no Brasil. Pesquisa sobre arte e memória. É ativista ambiental e fundador da Companhia KHAOS Cênica em parceria com Lauren Hartz Rosa.

- khaoscenica@gmail.com
- <http://lattes.cnpq.br/4960777438885707>

Edilson do Valle Kayser

Doutorando, na linha de pesquisa Memória e Linguagens Culturais, e Mestre, na linha de Memória, Cultura e Gestão, no PPG em Memória Social e Bens Culturais da UNILASALLE. Especialista em Engenharia dos Transportes, Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Design de Produto e Design de Interiores pela Universidade Cesumar (Unicesumar), além de Formação Técnica em Edificações pelo Instituto Federal do Pará (IFPA), e Transações Imobiliárias pela Escola de Educação Profissional República. Integrante do Grupo de Pesquisa Temáticas Lassalistas (CNPq/Unilasalle). Servidor público atuante com experiência profissional na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em análise e desenvolvimento de projetos, públicos e privados, nas esferas municipal, estadual e federal, nos âmbitos civil e militar.

- edilson.kayser0916@unilasalle.edu.br
- <https://orcid.org/0000-0001-5164-0540>
- <http://lattes.cnpq.br/3923729212153863>

Greyce Rodrigues

Doutoranda em Educação (PPGEDu)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (em andamento) - Escola de Humanidades (PUCRS) - Bolsista CAPES. Pesquisadora do ARGOS - Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação Digital da PUCRS. Mestrado Profissional em Informática da Educação - Instituto Federal Rio Grande do Sul, campus POA (2020). Pós-graduação em Psicomotricidade - Centro Universitário Barão de Mauá (2014). Graduação em Pedagogia pela ULBRA. Atualmente Professora de Educação Infantil e Anos Iniciais - Prefeitura Municipal de Gravataí.

☐ greyce.r@edu.pucrs.br

☐ <http://lattes.cnpq.br/3616261114677731>

Ingridi Vargas Bortolaso

Pós-Doutora em Engenharia de Produção e Sistemas pela UNISINOS e Pós-Doutora em Responsabilidade Social universitária pela PUC/V - Chile. Doutora em Administração pela Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS. Mestre em Engenharia de Produção e Sistemas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Especialista em Gerência de Produção pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC e Graduada em Ciências Contábeis pelo Universidade Franciscana - UFN. Atualmente é professora na Universidade La Salle atuando como Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais e também no Programa de Pós-Graduação em Educação. A pesquisadora tem experiência como consultora, gestora e no desenvolvimento de artefatos por meio da Metodologia Design Science Research. A pesquisadora é Líder do Grupos de Pesquisa: Catalisa - Grupo de Pesquisa em Cultura de Inovação, Empreendedorismo e Tecnologia na Educação e Memória Social UNILASALLE/CNPq. Seus interesses de pesquisa são: inovação, tecnologias digitais, inteligência artificial, memória organizacional, gestão educacional e responsabilidade social universitária.

☐ ingridi.bortolaso@unilasalle.edu.br

☐ <https://orcid.org/0000-0003-4881-1091>

☐ <http://lattes.cnpq.br/1382249115341464>

Ione Maria Franco Teixeira

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, da Universidade La Salle - Unilasalle, no qual desenvolveu como produto "O jogo da vida" como um espaço lúdico para compartilhar história e memórias, servindo como contribuição para os Processos de Formação Continuada de Tutores na Unilasalle. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade La Salle (1986). Atualmente atua como Servidora Pública do Estado do RS, como Orientadora Educacional, na 1a. CRE do RS. Experiência em Educação Básica e Educação a Distância.

☐ ione-mfteixeira@educar.rs.gov.br / ionenh@hotmail.com

☐ <http://lattes.cnpq.br/1518324912125547>

Josiane Lima de Andrade

Doutoranda pelo PPG em Memórias Sociais e Bens Culturais (Universidade La Salle de Canoas/UNILASALLE). Mestra em Educação (UNILASALLE). Especialista em Educação Inclusiva (Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo). Graduada em Pedagogia Educação Infantil e Anos Iniciais (PUC-RS). Graduada em Pedagogia: Educação Infantil e Anos Iniciais (PUC-RS). (Bolsista CAPES/PROSUC).

- josiane.201511083@unilasalle.edu.br
- <https://orcid.org/0000-0002-0280-4497>
- <http://lattes.cnpq.br/1272411161073307>

Lauren Hartz Rosa

Mestra em Artes Cênicas pela UFRGS, especialista em Gestão Cultural pelo SENAC, graduada em Dança pela UERGS. É artista, arte-educadora e pesquisadora. Reflete sobre suas práticas que envolvem discussões feministas a partir da dança e educação ambiental através da arte, percebendo esta como ferramenta de transformação social. É fundadora da Companhia KHAOS Cênica em parceria com Denisson Beretta Gargione.

- khaoscenica@gmail.com
- <https://orcid.org/0009-0000-5155-0449>
- <http://lattes.cnpq.br/5489164635141670>

Luana de Carvalho da Silva Gusso

Professora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, do Curso de Direito e de Psicologia da Universidade da Região de Joinville - Univille. Possui Pós-doutoramento pela Universidade de Coimbra e Centro de Estudos em Direitos Humanos - Ius Gentium Conimbrigae - na área de Democracia e Direitos Humanos, com Mestrado e Doutorado em Direito do Estado pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da UFPR. Atua como pesquisadora com experiência nas áreas de Direitos Culturais, Patrimônio Cultural, Criminologia, História do Direito e Direitos Humanos, com foco no estudo da Cultura, Subjetividades, Sustentabilidade, Memória e suas relações com os direitos fundamentais. É graduada em Direito pela PUC-PR e em Psicologia pela UFPR. Especialista em Direito Penal e em Criminologia pelo ICPC - UFPR. Advogada. Membro do Instituto Brasileiro de Direitos Culturais - IBDCULT.

- lu_anacarvalho@yahoo.com.br
- <https://orcid.org/0000-0003-0408-489X>
- <http://lattes.cnpq.br/3342144453075971>

Lucia Giraffa

Bolsista PQ CNPq nível 1E. Professora titular da Escola Politécnica/Computação da PUCRS, desde 1986. Pesquisadora e professora permanente do PPG Edu - Programa de Pós-Graduação da Escola de Humanidades/PUCRS, desde 2011. Possui

graduação em Licenciatura Plena Em Matemática pela UFRGS, graduação em Licenciatura Curta Em Ciências pela UFRGS, Especialização em Análise de Sistemas pela PUCRS, Mestrado em Educação pela PUCRS, doutorado em Ciência da Computação pela UFRGS e Pós-Doutorado na Universidade do Texas (Austin) no College of Education, Bolsista CAPES. Possui experiência em pesquisa com ênfase em Informática na Educação (IE), com ênfase nos seguintes temas: Softwares Educacionais, formação de professores para uso de tecnologias digitais, Educação Digital, Educação Online e ensino de Algoritmos e Programação para incitantes. Líder do Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq-ARGOS - Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação Digital.

- giraffa@pucrs.br
- <https://orcid.org/0000-0001-8062-3483>
- <http://lattes.cnpq.br/8787637274769944>

Lúcia Regina Lucas da Rosa

Doutora e Mestre em Letras (UFRGS), na área de Literatura Brasileira, Especialização em Reconstruindo o ensino de língua e literatura (UNILASALLE), Especialista em Docência universitária na contemporaneidade (206720) e em MBA em gestão de instituições de ensino superior (2017) pela UCS-RS e graduada em Letras pela PUCRS. Atualmente é professora, pesquisadora e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais na Universidade La Salle em Canoas-RS, tendo sido coordenadora por 15 anos no curso de Letras na mesma instituição.

- lucia.rosa@unilasalle.edu.br
- <https://orcid.org/0000-0002-0715-8471>
- <http://lattes.cnpq.br/3861682299264260>

Marco Antonio Merenhque Silva

Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela UNILASALLE. Possui MBA em Administração e Gestão Conhecimento (UNINTER), MBA em Administração e Logística (UNINTER), MBA em Planejamento e Gestão (UNINTER), Graduação em Educação Física pela ULBRA. Tem experiência e habilitação para atuar em instituições de ensino formal e informal, da educação básica. Desenvolve atividades nas áreas de Transporte de Carga, Suprimento, Armazenagem, Coleta e Entrega, Malha Rodoviária. Com 17 anos de experiência com alunos do Ensino Fundamental, o seu trabalho de pesquisa tem sublinhado questões relativas a EAD, Gestão, Gestão Esportiva, estudos em memória social e tecnologias de governança. Suas publicações têm problematizado a relação entre a sociedade, formação continuada e a produção de sujeitos sociais.

- marcomerenhque@gmail.com
- <http://lattes.cnpq.br/3776759508979475>

Maurício Pereira Almerão

Possui graduação em Ciências Biológicas, mestrado em Biologia Animal e doutorado em Genética e Biologia Molecular pela UFRGS, com doutorado-sanduíche concluído junto ao Laboratoire Ecologie et Biologie des Interactions (EBI - UMR CNRS 7267) da Universidade de Poitiers, Poitiers, França. Possui pós-doutorado na área de genética de plantas desenvolvido junto ao Centro de Biotecnologia (Cbiot) da UFRGS. Em 2014, ingressou na UNILASALLE como professor/pesquisador do Mestrado em Avaliação de Impactos Ambientais, onde atuou até maio de 2021. Em 2021, passou a fazer parte do corpo docente do PPG em Saúde e Desenvolvimento Humano da Universidade La Salle, onde atua em projetos relacionados à Saúde Ambiental. Em 2022, passou a fazer parte do PPG em Memória Social e Bens Culturais, da mesma instituição, onde atua em projetos relacionados ao Patrimônio Natural. Em 2023, assumiu a coordenação do PPG em Saúde e Desenvolvimento Humano. Na graduação, atua como professor dos cursos de Ciências Biológicas, Engenharia Ambiental, Enfermagem, Nutrição, Educação Física e Administração

- mauricio.almerao@unilasalle.edu.br
- <https://orcid.org/0000-0002-8851-8343>
- <http://lattes.cnpq.br/0913940005148466>

Moisés Waismann

Doutor em Educação (UNISINOS). Mestre em Agronegócios (UFRGS). Especialista em Gestão Ambiental Ecobusiness e Produção Mais Limpa (UFRGS). Especialista em Economia Rural (UFRGS). Economista (UFRGS). Coordenador do Observatório Unilasalle: Trabalho, Gestão e Políticas Públicas e do Observatório Cultural Unilasalle: Artes, Memórias e Humanidades.

- moises.waismann@unilasalle.edu.br
- <https://orcid.org/0000-0003-3164-790X>
- <http://lattes.cnpq.br/3415248838045599>

Paola Verdun

Analista de Pesquisa Científica Sênior (UNILASALLE). Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais (UNILASALLE), Mestra em Educação (ULBRA), Licenciada em Dança (ULBRA) e em Letras - Língua Portuguesa (UNILASALLE). Revisora de livros e textos acadêmicos. Bolsista CAPES/PROSUC. Seus interesses profissionais passam pela produção acadêmica lassalista, negra, educação, educação superior, cultura, pedagogias culturais, danças, danças negras e afro-brasileiras, danças curativas, meditação, sagrado feminino, yôga, Pilates e práticas corporais integradas.

- paola.verdun08@gmail.com
- <https://orcid.org/0000-0002-2716-2347>
- <http://lattes.cnpq.br/5930352051572843>

Paulo Felipe Teixeira Almeida

Doutorando em Memória Social e Bens Culturais (Universidade La Salle). Mestrado em Teologia: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais (Faculdades EST). Especialização em Teologia: Missão Urbana (Faculdades EST). Licenciatura em Pedagogia (Universidade Luterana do Brasil). Graduação em Teologia (Faculdades EST). Articulador na Pastoral Universitária da UNILASALLE e na Universidade do Sentido, cooperando com diversas e significativas ações de voluntariado e solidariedade, em constante interação junto a importantes organizações e lideranças locais. Na área acadêmica, nutre especial interesse em tópicos relacionados com: o voluntariado, a solidariedade, os direitos humanos, a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável/ONU, o Pacto Educativo Global, entre outros; além das relações e dos diálogos possíveis entre o sagrado e a cultura, especialmente a partir de temáticas derivadas da cultura pop, incluindo: cinema, séries, mídias sociais; buscando compreender seus impactos nas diversas fases da vida, em especial com as juventudes, vislumbrando cenários humanizadores de acolhida, convivência e inclusão. Na jornada de contínuo aprendizado, aperfeiçoamento e crescimento pessoal, teve algumas oportunidades de experiências internacionais em Moçambique, Portugal, Tailândia e Estados Unidos, nas seguintes esferas: ação humanitária, educacional/pesquisa, pastoral/capelanía. É membro do Grupo de Pesquisa Temáticas Lassalistas.

- paulo.almeida@unilasalle.edu.br
- <http://lattes.cnpq.br/4346384482718330>

Paulo Fernando Pires da Silveira

Natural de Paraty / RJ, Fotógrafo e Designer Editorial e Professor de Fotografia. Doutor em Memória Social e Bens Culturais (UNILASALLE - apoio CAPES). Mestre em Educação (Ulbra Canoas/RS), Pós-Graduado em Arte Contemporânea e em Criação (Ulbra), Produção de Narrativas Multimídia: foto, vídeo e som (ESPM Sul) e Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação (Ulbra), Graduado em Fotografia (Ulbra). E Pós-Graduando em Curadoria, Museologia e Gestão de Exposições (Estácio).

- fernandopiresfotografia@gmail.com
- <https://orcid.org/0000-0002-1892-0687>
- <http://lattes.cnpq.br/1974212385010175>

Paulo Pires de Avila

Possui formação técnica em Informática pelo Colégio Sinodal Progresso (2018), é bacharel em Ciência da Computação pela Universidade La Salle - Canoas (2022) e mestre em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle - Canoas (2024). Concluiu especializações em Gestão de Projetos Ágeis (2023) e em Ciências

de Dados e Inteligência Artificial (2024) pela UNINTER. Suas pesquisas abordam temas como indústrias criativas, cultura e memória social, com enfoque na relevância dos videogames como parte integrante desses temas.

- paulo.201910700@unilasalle.edu.br
- <http://lattes.cnpq.br/5134765430162926>

Patrícia Kayser Vargas Mangan

Possui Doutorado em Engenharia de Sistemas e Computação pela COPPE/Sistemas da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Graduação (Bacharelado) e Mestrado em Ciência da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora permanente do PPG em Memória Social e Bens Culturais (Mestrado e Doutorado), vinculada à linha de Memória e Linguagens Culturais, de 2009 a 2024. Atua principalmente nos seguintes temas: sistemas distribuídos, cidades inteligentes, inclusão digital, cultura na era digital, memória social e patrimônio cultural.

- patricia.kayser@gmail.com
- <https://orcid.org/0000-0001-9929-8887>
- <http://lattes.cnpq.br/4892345821929149>

Robson da Silva Constante

Pós-doutor em Memória Social e Bens Culturais na Universidade La Salle. Possui doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale. Possui graduação em Administração de Empresas pela Universidade Feevale e mestrado em Memória Social e Bens Culturais pela UNILASALLE. Tem experiência com pesquisas nas áreas de: Comunicação, cibercultura, memória, inovação, marketing, blog e consumo juvenil, Etnografia, Fotoetnografia, Análise de Conteúdo. Desenvolve pesquisas sobre os temas juventudes, cultura, consumo e pedagogia do consumo.

- robsonconstante80@gmail.com
- <https://orcid.org/0000-0002-7342-0482>
- <http://lattes.cnpq.br/7068070666292647>

Rodrigo Vieira Pinnow

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, na linha de Memória e Linguagens Culturais pela Universidade La Salle - Canoas. Mestre em História pela Universidade Federal de Pelotas. Professor da Pan American School de Porto Alegre e pesquisador na área da Educação, com foco em letramento digital, memória social e humanidades digitais.

- rodrigopinnow@gmail.com
- <https://orcid.org/0000-0001-8653-1539>
- <http://lattes.cnpq.br/3977370220266284>

Rute Henrique da Silva Ferreira

Professora permanente do PPG em Memória Social e Bens Culturais. Possui graduação em Licenciatura em Matemática pela UFRGS, mestrado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e doutorado em Sensoriamento Remoto pela UFRGS. Tem experiência em matemática, com ênfase em educação matemática e aplicações da matemática no sensoriamento remoto, atuando principalmente nos seguintes temas: educação matemática no ensino superior, educação a distância, processamento de imagens e reconhecimento de padrões.

- rute.ferreira@unilasalle.edu.br
- <https://orcid.org/0000-0003-2782-626X>
- <http://lattes.cnpq.br/6902087982100813>